

A Crônica de Akakor

KARL BRUGGER



SOL NEGRO EDIÇÃO

Prefácio de **ERICH VON DANIKEN**

Tradução de **BERTHA MENDES**

Edição e Finalização Sol Negros Edição LTDA: **Alfredo Schlieffen**

LIVRARIA BERTRAND

Os cientistas não são os únicos que enriquecem ao explorar o desconhecido. Karl Brugger, nascido em 1942, depois de completar os seus estudos de história e sociologia contemporânea, foi para a América do Sul como jornalista e obteve informações acerca de Akakor. Desde 1974 que Brugger é correspondente das estações de rádio e televisão da Alemanha Ocidental. Atualmente, é considerado um especialista em assuntos que dizem respeito aos Índios.

Em 1972, Brugger encontrou Tatumca Nara, filho de um chefe índio, em Manaus, na confluência do rio Solimões com o rio Negro, isto é, no início do Amazonas. Tatumca Nara é chefe dos índios Ugha Mongulala, Dacca e Haisha.

Brugger, investigador escrupuloso, ouviu a história inacreditável, mas verdadeira que o mestiço lhe contou. Depois de ter verificado tudo conscienciosamente, decidiu publicar a crônica que tinha registrado no gravador.

Como estou habituado ao fantástico e sempre preparado para o extraordinário, não me emociono facilmente, mas devo confessar que me senti invulgarmente impressionado com A Crônica de Akakor tal como me relatou Brugger. Abre uma dimensão que obriga os céticos a verificar que o inconcebível é muitas vezes possível.

Incidentalmente, A Crônica de Akakor foca precisamente o quadro que é familiar aos “mitologistas” de todo o mundo. Os deuses vieram “do céu”, instruíram os primeiros humanos, deixaram atrás de si alguns misteriosos instrumentos e desapareceram novamente no “céu”. Os desastres devastadores descritos por Tatumca Nara podem ser relacionados até ao mínimo pormenor com Os Mundos em Colisão, de Immanuel Velikovsky, as suas extraordinárias descrições de uma catástrofe mundial e mesmo as referências às datas são simplesmente espantosas. Igualmente, a afirmação de que certas partes da América do Sul são cortadas por passagens subterrâneas não pode chocar nenhum conhecedor do assunto. Num outro livro referi-me ter visto as tais estruturas subterrâneas com os meus próprios olhos, A Crônica de Akakor dá resposta a

muito do que é apenas afluído noutros trabalhos sobre assuntos semelhantes.

INTRODUÇÃO

A Amazônia começa em Santa Maria de Belém, a cento e vinte quilômetros da costa do Atlântico. Em 1616, quando duzentos portugueses, sob a chefia de Francisco Castelo Branco, tomaram posse deste território em nome de Sua Majestade o Rei de Portugal e Espanha, o seu cronista descreveu-o como uma doce e convidativa zona de terreno com árvores gigantescas. Presentemente, Belém é uma grande cidade, com arranha-céus, de tráfego intenso e uma população de seiscentos e trinta e três mil habitantes. É o ponto de partida da civilização branca na sua conquista das florestas virgens da Amazônia. Contudo, através de quatrocentos anos, a cidade tem conseguido preservar traços do seu passado heroico e místico. Palácios de estilo coloniais dilapidados e edifícios de azulejos com enormes portões de ferro são testemunhas de uma era famosa, quando a descoberta do processo de vulcanização da borracha elevou Belém ao nível de uma metrópole europeia. O mercado de dois andares na área do porto também data desta época. Aqui quase tudo pode ser comprado: peixe do Amazonas ou do oceano, perfumados frutos tropicais; ervas medicinais, raízes, bulbos e flores; dentes de crocodilo, que dizem ter propriedades afrodisíacas, e rosários feitos de terracota.

Santa Maria de Belém é uma cidade de contrastes.

No centro, ruas ruidosas de tráfego, mas o mundo selvagem da ilha de Marajó, outrora povoada por uma das populações altamente civilizadas que tentaram conquistar a Amazônia, fica apenas a duas horas de viagem, rio acima, na margem oposta. De acordo com a história tradicional, os Marajoaras chegaram à ilha mais ou menos em 1100, quando a sua civilização estava no apogeu, mas na altura em que os exploradores europeus chegaram este povo já tinha desaparecido. Tudo o que deles resta são belas cerâmicas, figuras estilizadas traduzindo dor, alegria e sonhos. Parecem contar uma história, Mas qual?

Até à ilha de Marajó, o Amazonas é uma confusa rede de canais, afluentes e lagoas. O rio estende-se por uma distância de seis mil quilômetros: nasce no Peru e atinge os rápidos colombianos, mudando de nome em cada país que atravessa – de Apurímac a Ucayali e Marañon, e de Marañon a Solimões. Para além da ilha de Marajó, o Amazonas tem um caudal maior que qualquer outro rio do mundo.

Um grande barco a motor, único meio de transporte na Amazônia, leva três dias para fazer a travessia de Belém à Santarém, a localidade mais próxima. É impossível compreender o grande rio sem ter experimentado estes barcos a motor, que incorporam a noção de tempo, vida e distância na Amazônia. Podem fazer-se cento e cinquenta quilômetros por dia (não por hora) rio abaixo; nestes barcos o tempo passa-se a comer, a beber, a sonhar e a amar.

Santarém fica situada na margem direita do Amazonas, na embocadura do rio Tapajós. Uma população de trezentos e cinquenta mil habitantes atravessa uma época próspera, pois a cidade é terminal da Transamazônica e atrai garimpeiros, contrabandistas e aventureiros. Uma das mais antigas civilizações da Amazônia floresceu aqui, o povo do Tapajós, provavelmente a maior tribo da selva índia. O historiador Heriarte afirmou que, se fosse necessário, tinham possibilidade de alinhar cinquenta mil arqueiros para uma batalha. Mesmo considerando este número um exagero, sabe-se que os Tapajós foram suficientemente numerosos para fornecer ao mercado de escravos portugueses durante oitenta anos. Esta orgulhosa tribo não nos legou senão espécimes arqueológicos... E o rio que tem o seu nome.

Rios, cidades e lendas da Amazônia sucedem-se de Santarém a Manaus. Presume-se que o aventureiro espanhol Francisco Orellana combateu os habitantes da Amazônia na foz do rio Nhamundá. O lago Iacy, “Espelho da Lua”, situa-se na margem direita do rio, junto à povoação de Faro. De acordo com a lenda, as Amazonas desciam até o lago, vindas das montanhas que o rodeavam, quando havia lua cheia, para encontrarem os apaixonados que as esperavam. Mergulhavam em busca de pedras

estranhas, que, debaixo de água, podiam ser amassadas como pão, mas que em terra adquiriam dureza. As Amazonas chamavam a estas pedras muiquitã e davam-nas aos seus apaixonados. Os cientistas consideram-nas “milagres arqueológicos”: duras como o diamante, têm formas artificiais, se bem que a evidência tenha provado que os Tapajós não tinham ferramentas para trabalhar esta espécie de material.

O verdadeiro rio Amazonas nasce na confluência do rio Solimões com o rio Negro. De barco, leva-se vinte minutos para chegar a Manaus, que não tem qualquer estrada de comunicação com a costa. Foi aqui que encontrei Tatunca Nara, a três de Março de 1972. M., que comandava o contingente da selva brasileira em Manaus, tinha sido o encarregado de me proporcionar este encontro. Foi no Bar Graças a Deus que encontrei pela primeira vez o chefe índio. Era alto, tinha um longo cabelo escuro e um rosto delicadamente modelado. Os seus olhos, castanhos, pequenos e cheios de suspeita, eram característicos dos mestiços. Tatunca Nara vestia um desbotado uniforme tropical, que, tal como mais tarde me explicou lhe fora dado pelos oficiais. O seu largo cinto de couro com fivela de prata era impressionante. Os primeiros minutos da nossa conversa foram difíceis. Com certa relutância, Tatunca Nara contou, em mal alemão, as suas impressões da cidade branca, com a sua imensa população, o trânsito das ruas, os elevados edifícios e o insuportável barulho. Só quando venceu a sua reserva e as suas suspeitas iniciais me contou a história mais extraordinária que jamais ouvi. Tatunca Nara falou-me da tribo dos Ugha Mongulala, um povo que há quinze mil anos foi “o eleito dos Deuses”. Descreveu duas grandes catástrofes que haviam devastado a Terra e referiu-se ao príncipe Lhasa, um filho dos Deuses, que governou no Sul do continente americano, às suas relações com o Egito, à origem dos Incas, à chegada dos Bárbaros e à aliança dos índios com dois mil soldados alemães. Falou de gigantescas cidades de pedra e instalações subterrâneas dos divinos antepassados. E contou-me que todos estes fatos tinham sido registrados num documento chamado A Crônica de Akakor.

A mais longa parte da sua história referia-se às lutas dos índios contra os brancos, contra os espanhóis e portugueses plantadores de borracha, colonos, aventureiros e soldados do Peru. Empurraram os Ugha Mongulala, de quem pretendia ser o príncipe, cada vez mais para os Andes, até mesmo nas instalações subterrâneas. Apelava agora para os seus maiores inimigos, os brancos, pedindo auxílio perante a iminente extinção do seu povo. Antes de falar comigo, Tatunca Nara conversara com altas personalidades brasileiras do Serviço de Proteção aos Índios, mas sem qualquer êxito. Esta, no entanto, era a sua história. Ia dar crédito ou não? No úmido calor do Bar Graças a Deus foi-me revelado um estranho mundo que, se existisse, tornavam reais as lendas maia e inca.

O segundo e o terceiro encontros com Tatunca Nara foram ao meu quarto de hotel com ar condicionado. Num monólogo que durou horas, só interrompido para mudar a fita no gravador, ele contou a história dos Ugha Mongulala, as Tribos Escolhidas Aliadas, do ano zero até 12.453 (de 10.481 a. C. até 1972, de acordo com o calendário da civilização branca). Mas o meu entusiasmo inicial tinha desaparecido. A história parecia-me excessivamente extraordinária: outra lenda da floresta, fruto do calor tropical e do místico efeito da selva impenetrável. Quando Tatunca Nara acabou a sua narrativa eu tinha doze gravações de um fantástico conto de fadas.

A história de Tatunca Nara só começou a parecer plausível quando, numa outra vez, encontrei um amigo, o oficial brasileiro M. Era membro do serviço secreto e fazia parte do “segundo departamento”. M. conhecia Tatunca Nara já havia quatro anos e confirmou, pelo menos, o fim das suas aventuras. O chefe índio salvara a vida de doze oficiais brasileiros cujo avião caíra na província do Acre e devolveu-os à civilização. As tribos índias de Yaminauá e Kaxinauá reverenciavam Tatunca Nara como chefe, muito embora não lhes pertencesse. Estes fatos foram documentados nos arquivos do serviço secreto brasileiro. Decidi investigar ainda mais a história de Tatunca Nara.

As minhas buscas no Rio de Janeiro, Brasília, Manaus e Rio Branco tiveram resultados extraordinários. A história de Tatumca Nara está documentada em jornais e começa em 1968, quando um chefe índio branco é mencionado por ter salvado a vida de doze oficiais brasileiros obtendo a sua libertação dos índios Haisha e levando-os para Manaus. Devido ao auxílio que prestou aos oficiais, Tatumca Nara foi recompensado com uma carteira de trabalho e um documento de identidade. De acordo com o que dizem as testemunhas, o misterioso chefe índio fala um mal alemão, compreende só algumas palavras em português, mas é fluente em algumas línguas índias faladas no alto Amazonas. Poucas semanas depois da sua chegada a Manaus, Tatumca Nara desapareceu subitamente, sem deixar rastro.

Em 1969, surgiram grandes lutas entre as tribos de índios selvagens e os colonos brancos da fronteira do Peru na província de Madre de Dios, uma região miserável e esquecida na encosta oriental dos Andes. A velha história da Amazônia revivia: a revolta dos oprimidos contra os opressores, seguidos da vitória dos brancos, sempre vitoriosos. O chefe dos índios, que, de acordo com os relatos da imprensa do Peru, era conhecido por Tatumca (“grande serpente-d’água”), fugiu para território brasileiro após derrota. Com o propósito de evitar a continuação dos ataques, o Governo do Peru pediu ao Brasil a sua extradição, mas as autoridades brasileiras recusaram-se a cooperar.

A luta de fronteira da província de Madre de Dios acalmou aos poucos durante os anos de 1970 e 1971. As tribos índias selvagens fugiram para as quase inacessíveis florestas perto da nascente do rio Yaku. Aparentemente, Tatumca Nara desaparecera. O Peru fechou a fronteira com o Brasil e iniciou a invasão sistemática da floresta virgem. De acordo com testemunhas oculares, os índios do Peru partilharam da sorte dos seus irmãos brasileiros: foram assassinados ou morreram de doenças características da civilização branca.

Em 1972, Tatumca Nara voltou à civilização branca, e na cidade brasileira de Rio Branco relacionou-se com o bispo católico Grotti. Juntos pediram alimentos para os índios do rio Yaku nas igrejas da

capital do Acre. Desde que a província do Acre tinha sido considerada “livre de índios” nem ao bispo foi concedido qualquer auxílio do Estado. Três meses mais tarde, monsenhor Grotti morria na queda misteriosa de um avião.

Mas Tatumca Nara não desistiu. Com o auxílio dos doze oficiais cuja vida salvara, entrou em contato com serviço secreto brasileiro. Apelou também para o Serviço de Proteção aos Índios do Brasil (a atual FUNAI) e contou a N., secretário da Embaixada da Alemanha Ocidental em Brasília, a história dos dois mil soldados alemães que desembarcaram no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial e que ainda estava todos vivos, em Akakor, a capital do seu povo. N. não acreditou na história e recusou o acesso de Tatumca Nara à embaixada. A FUNAI só concordou em cooperar depois de muitos pormenores da história de Tatumca Nara acerca das tribos índias da Amazônia ser confirmados, durante o Verão de 1972. O Serviço organizou então uma expedição para estabelecer contato com os misteriosos Ugha Mongulala e deu instruções a Tatumca Nara para fazer os preparativos necessários. No entanto, estes planos foram interrompidos devido à resistência das autoridades da província do Acre. Devido a instruções pessoais do governador Wanderlei Dantas, Tatumca Nara foi preso. Pouco antes da sua extradição para o Peru, os oficiais seus amigos libertaram-no da prisão de Rio Branco e tornaram a leva-lo para Manaus. E aqui me tornei a encontrar com Tatumca Nara.

O encontro seguinte teve uma sequência diferente. Eu tinha verificado a sua história e comparado à fita gravada com o material dos arquivos e relatórios de historiadores contemporâneos. Alguns pontos podiam ser explicados, mas eu ainda pensava que muita coisa era inteiramente inacreditável, como por exemplo, as instalações subterrâneas e o desembarque dos dois mil soldados alemães. Mas era improvável que tudo isto fosse inventado: as datas do oficial M. e as da história de Tatumca Nara coincidiam.

No decorrer deste encontro, Tatumca Nara repetiu a história mais uma vez. Indicou num mapa a aproximada localização de Akakor, descreveu a rota dos soldados alemães de Marselha até o rio Purus e se referiu aos vários dos seus chefes. Desenhou vários símbolos

dos deuses que presumivelmente apareciam na Crônica de Akakor. Voltava constantemente a estes misteriosos antepassados cuja memória ficara para sempre intacta no seu povo. Comecei a acreditar numa história cuja incredibilidade se tornava um desafio. Quando Tatunca Nara sugeriu que o acompanhasse a Akakor, aceitei.

Tatunca Nara, o fotógrafo brasileiro J, e eu, partimos de Manaus a 25 de Setembro de 1972. Pretendíamos alcançar a parte superior do rio Purus num barco que alugáramos. Levávamos também uma canoa com motor de popa e utilizá-la-íamos para alcançar a região afluente do rio Yaku, na fronteira entre o Brasil e o Peru, e depois continuaríamos a pé pelas colinas dos Andes até Akakor. O tempo destinado à expedição era seis semanas, contando nós, regressar nos princípios de Novembro.

O nosso carregamento era constituído por redes, mosquiteiros, utensílios de cozinha, alimentos, as habituais roupas para a selva e remédios. Como armas, levávamos um Winchester 44, dois revólveres, uma espingarda de caça e grandes machados. Levávamos também equipamento para filmar, dois gravadores e máquinas fotográficas.

Os primeiros dias foram inteiramente diferentes daquilo que esperávamos: não apareceram nem mosquitos, nem cobras-d'água, nem piranhas. O rio Purus era como um lago que não tivesse margens. Avistávamos a selva no horizonte, com os seus mistérios oculto atrás de uma muralha verde.

A primeira cidade que alcançamos foi Sena Madureira, última povoação antes de se entrar nas inexploradas regiões fronteiriças entre o Brasil e Peru. Era típica de toda a Amazônia: estradas de argila suja, cabanas desmanteladas e um cheiro desagradável de água estagnada. Oito entre dez habitantes sofriam de beribéri, eram leprosos ou tinham malária. Uma má nutrição crônica deixara o povo num estado de triste resignação. Rodeadas pela brutalidade da selva e isoladas da civilização, as pessoas dependiam, sobretudo da aguardente de cana, seu único meio de escapar a uma infeliz realidade. Num bar, dizemos adeus à civilização e

encontramos um homem que presumivelmente conhece a parte superior do rio Purus. À procura de ouro, esteve cativo dos índios Haisha, uma tribo semicivilizada da vizinha região do rio Yaku. O que ele nos conta é desencorajador: fala-nos em rituais canibalescos e setas envenenadas.

A cinco de Outubro, na cachoeira Inglesa, trocamos o barco pela nossa canoa, e de agora em diante dependemos de Tatumca Nara. Os mapas mostram muito deficientemente o curso do rio Yaku. As tribos índias que vivem nesta região não têm qualquer contato com a civilização branca. “J” e eu, tínhamos ambos uma sensação desagradável: haverá na realidade um local chamado Akakor? Podíamos confiar em Tatumca Nara? Mas a aventura provava ser mais forte que a nossa ansiedade.

Doze dias depois de deixarmos Manaus, a paisagem começa a modificar-se. O rio até esse ponto parecia um mar acastanhado, sem praias. Agora navegávamos entre cipós, sobre árvores inclinadas. Depois de uma curva do rio encontramos um grupo de prospectores que construíram uma fábrica primitiva na margem do rio e peneiravam uma areia grossa. Aceitamos o seu convite para ali passar a noite e escutamos as suas estranhas histórias de índios de cabelos pintados de azul encarnado que usavam setas envenenadas... A viagem transforma-se em expedição contra as nossas próprias dúvidas. Estamos a uns escassos dez dias da nossa suposta meta. A dieta monótona, o esforço físico e o receio do desconhecido influíram poderosamente sobre nós. O que em Manaus parecia uma fantástica aventura tornou-se agora num pesadelo. Basicamente, pensávamos que gostaríamos de voltar e esquecer tudo acerca de Akakor, antes de ser demasiado tarde.

Ainda não encontramos índios. As primeiras montanhas dos Andes cobertas de neve surgem no horizonte: atrás de nós estende-se o verde-mar das terras baixas da Amazônia. Tatumca Nara prepara-se para voltar para seu povo. Numa estranha cerimônia, pinta o corpo: na cara traços vermelhos, e no peito e nas pernas riscas amarelo-escuras. Prende o cabelo atrás com uma tira de couro, que é decorada com os estranhos símbolos dos Ugha Mongulala.

A 13 de Outubro não temos possibilidade de regresso. Depois de uma perigosa passagem sobre as corredeiras, a canoa é apanhada por um redemoinho e vira-se. O nosso equipamento fotográfico, que vinha em caixas, perde-se na densa floresta das margens; metade dos nossos alimentos e remédios perderam-se também. Nesta situação desesperadora decidimos desistir da expedição e voltar para Manaus. Tatunca Nara reage com irritação: está impaciente e desapontado. Na manhã seguinte, “J” e eu deixamos o nosso último acampamento. Tatunca Nara, com as pinturas de guerra do seu povo, usando só um pano a cobrir-lhe os rins, toma a estrada que o levará à sua tribo.

Este foi o meu último contato com o chefe dos Ugha Mongulala. Depois do meu regresso ao Rio de Janeiro, em Outubro de 1972, tentei esquecer Tatunca Nara, Akakor e os Deuses. Só no Verão de 1973 a recordação voltou: o Brasil principiara a sistemática invasão da Amazônia. Doze mil trabalhadores construía duas estradas através da ainda não explorada selva, numa distância de sete mil quilômetros. Trinta mil índios tomaram os bulldozers por antas gigantes e fugiram para a selva. Começara o último ataque a Amazônia.

E com isto recordava as velhas lendas, tão fascinantes e míticas como antes. Em Abril de 1973, a FUNAI descobriu uma tribo de índios brancos na parte superior do rio Xingu, que Tatunca Nara me mencionara um ano antes. Em Maio, durante trabalhos de reconhecimento no Pico da Neblina, os guardas de fronteira brasileiros estabeleceram contato com índios que eram chefiados por mulheres. Estes também tinham sido descritos por Tatunca Nara. E finalmente, em Junho de 1973, várias tribos índias foram avistadas na região do Acre, que antes havia sido considerada “livre de índios”.

Akakor existe realmente? Talvez não seja exatamente da maneira como Tatunca Nara a descreveu, mas a cidade é, sem dúvida alguma, real. Depois de tornar a ouvir as gravações de Tatunca Nara decidi escrever a sua história “com boas palavras e numa escrita clara”, como dizem os Índios. Este livro, A Crônica de Akakor, tem cinco partes. “O Livro do Jaguar” relaciona-se com a

colonização da Terra pelos Deuses e vai até o período da segunda catástrofe mundial. “O Livro da Água” compreende o tempo entre 6.000 e 11.000 (do seu calendário) e descreve a chegada dos Bárbaros. O terceiro livro, “O Livro da Formiga”, fala-nos de luta contra os colonizadores portugueses e espanhóis depois de desembarcarem no Peru e no Brasil. O quarto e último livro, “O Livro da Serpente-d’água”, descreve a chegada de dois mil soldados alemães a Akakor e a sua integração no povo dos Ugha Mongulala; também prediz uma terceira grande catástrofe. Na quinta parte, o “Apêndice”, elaborou o sumário dos resultados das minhas pesquisas nos arquivos brasileiros e alemães.

A maior parte deste livro, a atual Crônica de Akakor, segue justamente a narrativa de Tatumca Nara. Tentei torná-la tão literária quanto possível, mesmo quando os fatos parecem contradizer a historiografia tradicional. Fiz o mesmo com os mapas e desenhos baseados nas datas fornecidas por Tatumca Nara. Os escritos foram feitos por Tatumca Nara em Manaus. Todas as subseções estão precedidas por um curto sumário da história tradicional, para dar ao leitor uma base de comparação, mas restringem-se aos acontecimentos mais importantes da história da América do Sul. A tábua cronológica, no fim do livro, fornece a justaposição do calendário de Akakor com o da história tradicional. Noutro quadro refiro-me aos nomes prováveis dados pela civilização branca às várias tribos referidas no texto.

As citações da Crônica de Akakor impressas como suplemento foram ditas por Tatumca Nara, que as sabia de cor. Segundo ele, a crônica atual foi escrita em madeira, em pele e mais tarde também em pergaminho, e está guardada por sacerdotes no Templo do Sol, a maior herança dos Ugha Mongulala. O bispo Grotti foi o único homem branco a vê-la e trouxe com ele vários excertos. Depois da sua misteriosa morte, os documentos desapareceram. Tatumca Nara pensa que o bispo os escondeu ou que estão guardados nos arquivos do Vaticano.

Verifiquei o mais cuidadosamente possível todas as informações da “Introdução” e do “Apêndice” no que diz respeito à sua veracidade. As citações dos historiadores contemporâneos vêm de fontes

materiais espanholas e traduzi-as eu próprio. Só acrescentei as minhas próprias considerações no “Apêndice”, para auxiliar o leitor a compreendê-las melhor. Por esta razão não me baseei nas teorias que dizem respeito a astronautas ou a seres divinos como possíveis antecessores da civilização humana. A ênfase deste livro diz respeito à história e à civilização dos Ugha Mongulala, em contraste com a dos Bárbaros Brancos.

Akakor existiu realmente? Há uma história escrita dos Ugha Mongulala? As minhas próprias dúvidas obrigaram-me a dividir este livro em duas partes. Na Crônica de Akakor só incluí os relatos de Tatumca Nara. O “Apêndice” contém o material que fui buscar nas respectivas origens. A minha contribuição não é muita, comparada com a história de um povo misterioso, com os Primitivos Mestres, leis divinas, instalações subterrâneas e muitas outras coisas. Esta é uma história que pode ter tido origem numa lenda, mas que, no entanto, pode ser confirmada. E o leitor deve ele próprio decidir se isto é um relato inteligentemente inventado, baseado em passos de escritos inadequadamente históricos, ou um pedaço de história verdadeira relatada “com boas palavras e numa escrita clara”.

O LIVRO DO JAGUAR

Este é o jaguar.

Poderoso é seu salto E forte as suas patas. É o senhor das florestas.

Todos os animais são seus súditos.

Não tolera resistência.

Destrói o desobediente

E devora-lhe a carne

I

O REINO DOS DEUSES (600.000 A. C. - 10.481 A. C.)

“O início da história da humanidade é uma questão contestada. De acordo com a Bíblia, Deus criou o mundo em seis dias para a sua própria honra e para a honra da humanidade. Então ele moldou o homem do pó e deu-lhe o sopro da vida. Mas de acordo com o Popol Vuh, o Livro dos Maias, o homem só surgiu na quarta criação divina, depois de três mundos anteriores terem sido destruídos por medonhas catástrofes. A historiografia tradicional coloca o início da história da humanidade em 600.000 a. C., e os primeiros humanos não conheciam ferramentas nem o uso do fogo. Segue-se, cerca de 80.000 a. C., o homem de Neandertal, que avançara extraordinariamente e conhecia o uso do fogo, tendo desenvolvido ritos funerários. A Pré-História, a primitiva história do homem, começa em 50.000 a. C.; de acordo com achados arqueológicos, tem sido dividida em Idade da Pedra, do Bronze e do Ferro. Durante a Idade da Pedra, o homem era caçador e pastor; caçava o mamute, cavalos selvagens e rangíferos. Com a lenta regressão da camada de gelo, gradualmente foi seguindo os animais que se dirigiam para o norte: a agricultura e os animais domésticos eram-lhe ainda desconhecidos. No entanto, as suas pinturas nas paredes dos abrigos são evidência de uma arte surpreendentemente sofisticada, baseada nos ritos de caça mágico-religiosa. Está assente que cerca de 25.000 a. C. as primeiras tribos da Ásia Central atravessaram o estreito de Bering em direção à América.”

OS MESTRES ESTRANGEIROS DE SCHWERTA

A Crônica de Akakor, a história escrita do meu povo, começa na hora zero, quando os Deuses nos deixaram. Nessa época, Ina, o primeiro príncipe dos Ugha Mongulala, resolveu que tudo quanto acontecesse fosse narrado com boas palavras e numa escrita clara.

E assim, A Crônica de Akakor é testemunha perante a História do mais antigo povo do mundo, desde o início, a hora zero, quando os Primitivos Mestres nos deixaram, até ao momento atual, quando os Bárbaros Brancos estão a tentar destruir o nosso povo. Explica o testamento dos Antigos Pais – o seu saber e a sua prudência. E descreve a origem do tempo, quando o meu povo era o único do continente e o Grande Rio ainda corria de um e de outro lado, quando o país era ainda plano e suave como o lombo de um cordeiro. Tudo isto está escrito na crônica, a história do meu povo, desde a partida dos Deuses, a hora zero, que corresponde ao ano de 10.481 a. C. de acordo com o calendário dos Bárbaros Brancos.

Esta é a história. Esta é a história dos Servidores Escolhidos. No início era o caos. Os homens viviam como animais, sem razão, sem conhecimento, sem leis, e sem trabalhar o solo, sem se vestirem, nem sequer cobrindo a sua nudez. Não conheciam nada dos segredos da natureza. Vivia em grupos de dois e três, como os acasos os juntava, em cavernas ou nas fendas das rochas. Caminhavam com os pés e as mãos até a chegada dos Deuses. Eles trouxeram a luz.

Não sabemos quando tudo isto aconteceu. Onde vieram esses seres estranhos é um tênue conhecimento. Um denso mistério envolve a origem dos Primitivos Mestres, que nem sequer o conhecimento dos sacerdotes consegue esclarecer. De acordo com a tradição, a época deve ter sido 3.000 anos antes da hora zero (13.481 a. C., segundo o calendário dos Bárbaros Brancos). De repente, navios brilhantes, dourados, apareceram no céu. Enormes línguas de fogo iluminaram a planície cabeça. A terra tremeu e o trovão ecoou sobre as colinas. O homem baixou em sinal de veneração, perante as poderosas e estranhas criaturas que vinham tomar posse da Terra.

Estes estranhos indivíduos disseram que a sua pátria se chamava Schwerta, um mundo muito distante, na profundidade do universo, onde viviam os seus antepassados e donde eles tinham vindo com a intenção de espalhar conhecimento pelos outros mundos. Os nossos sacerdotes dizem que era um poderoso império constituído por muitos planetas e com inúmeros grãos de pó na estrada.

Também dizem que ambos os mundos, o dos Primitivos Mestres e a própria Terra, se encontravam de seis mil em seis mil anos. Então os Deuses voltam.

Com a chegada dos estranhos visitantes ao nosso mundo começou a Idade do Ouro. Cento e Trinta famílias dos Antigos Pais vieram para a Terra para libertar o homem da escuridão. E os Deuses reconheceram-nos como seus irmãos. Instalaram as tribos errantes; deram-lhes bons quinhões de todos os comestíveis. Trabalharam diligentemente para ensinar ao homem as suas leis, mesmo quando o seu ensino encontrava oposição. Por todo este labor, e por causa de tudo quanto sofreram pela humanidade e por quanto nos trouxeram e nos esclareceram, nós veneramo-los como os iniciadores da nossa luz. E os nossos artistas mais hábeis reproduziram imagens dos Deuses que testemunham através de toda a eternidade a sua verdadeira grandeza e maravilhoso poder. E assim a imagem dos Primitivos Mestres ficou descrita até aos nossos dias.

Aparentemente, esses oriundos de Schwerta não eram diferentes do homem. Tinham uns corpos graciosos e pele branca. O seu rosto nobre era emoldurado por uma cabeleira de um preto azulado. Uma barba espessa cobria-lhes o lábio superior e o queixo. Tal como os homens, os Antigos Pais eram seres vulneráveis, com carne e sangue. Mas o sinal que os distinguiu decisivamente dos homens era terem seis dedos nas mãos e nos pés, característica da sua origem divina.

Quem pode aprender a penetrar os atos dos Deuses? Quem pode aprender a compreender os seus feitos? Seguramente, eram poderosos e incompreensíveis para os vulgares mortais. Conheciam o curso das estrelas e as leis da natureza. Na realidade, eram-lhes familiares as mais altas leis do universo. Cento e trinta famílias dos Antigos Pais vieram para a Terra e trouxeram a luz.

AS TRIBOS ESCOLHIDAS

A memória dos nossos mais antigos antepassados torna-me assombrado e triste. O meu coração pesa-me porque agora estamos sós, abandonados pelos nossos Primitivos Mestres. Devemos-lhe a nossa força e tudo quanto sabemos. Antes de estes estranhos vierem de Schwerta, os homens vagueavam como crianças que perderam o lar, cujos corações não albergavam amor. Juntavam raízes, bulbos e frutos selvagens; viviam em cavernas e buracos cavados no solo; e tinham disputas com os vizinhos por causa das peças caçadas. Depois vieram os Deuses e estabeleceram uma nova ordem no mundo. Ensinaram aos homens a cultivar a terra e a criar animais. Ensinaram-lhes a tecer e distribuíram lares permanentes às famílias e aos clãs. E foi assim que as tribos se desenvolveram.

Este foi o início da luz, da vida e das tribos. Os Deuses juntaram os homens. Deliberaram, consideraram e fizeram reuniões. Depois tomaram decisões. E entre o povo escolheram os criados que deviam viver com eles, servos a quem legaram todo o seu saber.

Com as famílias escolhidas os Deuses fundaram uma nova tribo, a que deram o nome de Ugha Mongulala, que na língua dos Bárbaros Brancos significa "Tribos Escolhidas Aliadas". Como penhor dos seus eternos acordos, ligaram-se aos servos. Portanto, os Ugha Mongulala se parecem com os seus divinos antepassados mesmo ainda hoje. São altos; o rosto é caracterizado por maçãs salientes, um nariz bem delineado e olhos em forma de amêndoa. Tanto os homens como as mulheres têm um espesso cabelo preto-azulado. A única diferença eram os cinco dedos dos mortais, tanto nas mãos como nos pés. Os Ugha Mongulala são o único povo de pele branca do continente.

Se bem que os Primitivos Mestres guardassem muitos segredos, a história do meu povo também explica a história dos Deuses. Os estranhos vindos de Schwerta fundaram um poderoso império. Com o seu conhecimento, a sua superior sabedoria e os seus misteriosos utensílios, foi-lhes fácil modificar a Terra de acordo com as suas próprias ideias. Dividiram o país e construíram estradas e canais. Semearam plantas até então desconhecidas pelo homem. Ensinaram aos nossos antepassados que um animal não é só preza

de caça, mas que também pode constituir uma posse valiosa e indispensável contra a fome. Pacientemente, partilharam o conhecimento necessário, de modo que o homem pudesse entrar na posse dos segredos da natureza.

Baseados nesta sabedoria, os Ugha Mongulala sobreviveram durante milênios, apesar das horríveis catástrofes e das terríveis guerras. Como os Servos Escolhidos dos Primitivos Mestres, determinaram a história da humanidade durante 12.453 anos, tal como foi escrito na Crônica de Akakor:

A linhagem dos Servos Escolhidos não desapareceu. Os chamados Ugha Mongulala sobreviveram. Muitos dos seus filhos podem ter morrido em guerras devastadoras; medonhas catástrofes deram-se nos seus domínios. Mas a força dos Servos Escolhidos permaneceu intacta. Eram os senhores. Eram os descendentes dos Deuses.

O IMPÉRIO DE PEDRA

A Crônica de Akakor, a história escrita do povo dos Ugha Mongulala. Só começa depois da partida dos Primitivos Mestres, no ano zero. Nesta altura, Ina, o primeiro príncipe dos Ugha Mongulala, ordenou que todos os acontecimentos fossem registrados com boas palavras e numa escrita clara, e com a devida veneração pelos Primitivos Mestres. Mas a história dos Servos Escolhidos remonta a mais tarde, à Idade do Ouro, quando os Antigos Pais ainda governavam o Império. Desta época muito poucos testemunhos se têm conservado. Os Deuses devem ter estabelecido um poderoso império, onde a todas as tribos foram distribuídas tarefas. Os Ugha Mongulala atingiram o seu mais elevado grau. Era povo de grande sabedoria, o que o tornava superior a todos os outros. No ano zero, os Deuses legaram as suas cidades e templos às Tribos Escolhidas. Duraram doze mil anos.

Poucos Bárbaros Brancos têm visto estes monumentos ou a cidade de Akakor, capital do meu povo. Alguns soldados espanhóis capturados pelos Ugha Mongulala conseguiram fugir servindo-se de

passagens subterrâneas. Aventureiros e colonos brancos que descobriram a nossa capital têm sido presos pelo meu povo.

Akakor, capital do domínio, foi construída há catorze mil anos pelos nossos antepassados, guiados pelos Primitivos Mestres. O nome também foi dado por eles: Aka significa “fortaleza” e Kor significa “dois”. Akakor é a segunda fortaleza. Os nossos sacerdotes também falam na primeira fortaleza, Akanis. Erguia-se num estreito istmo na região que é hoje o México, no local em que os dois oceanos se encontram. Akahim, a terceira fortaleza, só é mencionada na crônica anterior ao ano 7.315. A sua historia está intimamente ligada à de Akakor.

A nossa capital ergue-se num vale, nas montanhas, entre dois países: Peru e Brasil. Está protegida em três lados por rochas escarpadas. Para leste, uma planície que desce gradualmente alcança a selva de cipós da grande região da floresta. Toda a cidade é rodeada por uma alta muralha de pedra com treze entradas. Estas são tão estreitas que só dão entrada a uma pessoa de cada vez. A planície a leste é guardada por vigias de pedra onde guerreiros escolhidos estão sempre vigilantes, por causa dos inimigos.

Akakor é traçada em retângulos. Duas ruas principais cruzadas dividem a cidade em quatro partes, correspondendo aos quatro pontos universais dos nossos Deuses. O Grande Templo do Sol e um portal de pedra cortado de um só bloco erguem-se numa vasta praça, ao centro. O templo está voltado a leste, para o sol-nascente, e é decorado com imagens dos nossos Primitivos Mestres. As criaturas divinas usam um bastão encimado pela cabeça de um jaguar. A figura está coroada por um toucado de ornamentos animais. Os trajes são enfeitados com desenhos semelhantes. Uma escrita estranha, que só pode ser interpretada pelos nossos sacerdotes, fala da fundação da cidade. Todas as cidades de pedra que foram construídas pelos nossos Primitivos Mestres têm um portal semelhante.

O mais impressionante edifício de Akakor é o Grande Templo do Sol. As suas paredes exteriores não têm enfeites e são feitas com

pedras engenhosamente cortadas. O telhado do Templo é aberto de modo que os raios do sol-nascente podem alcançar um espelho dourado que data da época dos Primitivos Mestres e está montado na frente. Figuras de pedra de tamanho natural erguem-se de ambos os lados da entrada do templo. As paredes interiores estão cobertas de relevos. Numa grande arca de pedra embutida na parede fronteira do templo estão escritas as leis dos nossos Primitivos Mestres.

Contíguas ao Grande Templo do Sol erguem-se às instalações dos sacerdotes e dos seus criados, o palácio do príncipe e os aposentos dos guerreiros. Estes edifícios têm forma retangular e são feitos de blocos de pedra esculpados. Os telhados são de uma espessa camada de relva assente em estacas de bambu.

Na época do reino dos nossos Primitivos Mestres, outras vinte e seis cidades de pedra rodeavam Akakor, e são todas mencionadas na crônica. As maiores eram Humbaya e Patite, na região onde hoje se estende a Bolívia, Emim, na parte baixa do Grande Rio, e Cadira, nas montanhas da atual Venezuela. Mas todas elas foram completamente destruídas na primeira Grande Catástrofe, treze anos após a partida dos Deuses.

Além destas poderosas cidades, os Antigos Pais, também ergueram três complexos sagrados: Salazere, na parte superior do Grande Rio, Tiahuanaco, no Grande Lago e Manoa, no elevado planalto do sul. Estas eram as residências terrenas dos Primitivos Mestres e terreno proibido para os Ugha Mongulala. No centro, elevava-se uma gigantesca pirâmide, e uma vasta escadaria erguia-se até a plataforma, onde os Deuses celebravam cerimônias que hoje nos são desconhecidos. O edifício principal era rodeado por pirâmides menores interligadas por colunas, e mais adiante, em colinas criadas artificialmente, erguiam-se outros edifícios, decorados com placas brilhantes. À luz do sol-nascente, contam os sacerdotes, as cidades dos Deuses pareciam estar em chamas. Irradiavam uma luz misteriosa que brilhava nas montanhas cobertas de neve.

Dos recintos do templo sagrado, só vi Salazere com os meus próprios olhos. Fica a uma distância de oito dias de viagem da

cidade que os Bárbaros Brancos chamam Manaus, num afluente do Grande Rio. Os seus palácios e templos ficaram completamente cobertos pela selva de cipós. Só o topo da grande pirâmide ainda se ergue acima da floresta, coberto por uma densa mata de arbustos e árvores. Mesmo os iniciados têm dificuldade em chegar ao local onde moravam os Deuses. O território da Tribo que Vive nas Árvores está rodeado por profundos pântanos. Depois do primeiro contato desta tribo com os Bárbaros Brancos, ela retirou-se para as florestas inacessíveis que rodeiam Salazere. Ali, as pessoas vivem em árvores, como macacos, matando quem ouse invadir a sua comunidade. Só consegui alcançar os arredores do templo por esta tribo ser, há milhares de anos, aliada dos Ugha Mongulala, e ainda hoje respeitam os sinais secretos de reconhecimento. Estes sinais estão gravados numa pedra na parte superior da plataforma da pirâmide. Embora possamos copiá-los, perdemos toda a compreensão do seu significado. O cercado do templo também se mantém um mistério para o meu povo. Os edifícios são testemunho de um elevado conhecimento, incompreensível para os humanos Para os Deuses, as pirâmides eram não só moradias, mas também símbolos de vida e de morte. Eram sinais do Sol, da luz e da Vida. Os Primitivos Mestres ensinaram-nos que há um lugar entre a vida e a morte, entre a vida e o nada, que está sujeito á um tempo diferente. Para eles, a pirâmide era o elo com a segunda vida.

AS MORADIAS SUBTERRÂNEAS

Grande era o conhecimento dos Primitivos Mestres e grande era a sua sabedoria. A sua visão alcançou as colinas, planícies, florestas, mares e vales. Eram seres milagrosos. Conheciam o futuro. A verdade fora-lhes revelada. Perspicazes, eram capazes de grandes decisões. Ergueram Akanis, Akakor e Akahim. Na verdade, os seus trabalhos eram poderosos, como o eram os métodos que usavam para criá-los: a maneira como determinaram os quatro cantos do

universo e os seus quatro lados. Os senhores do cosmo, seres do céu e da terra, criaram quatro cantos e quatro lados do universo.

Akakor agora está em ruínas. A grande entrada de pedra está destruída. Cipós crescem no Grande Templo do Sol. Por minha ordem, e de acordo com o Supremo Conselho e os sacerdotes, os guerreiros Ugha Mongulala destruíram a nossa capital há três anos. A cidade teria traído a nossa presença perante os Bárbaros Brancos e, assim, nós abandonamos Akakor. O meu povo fugiu para os abrigos subterrâneos. A última dádiva dos Deuses. Temos treze cidades, profundamente ocultas nas montanhas que se chamam Andes. O seu plano corresponde à constelação de Schwerta, a pátria dos Antigos Pais. A Baixa Akakor fica no centro. A cidade fica assentada numa caverna gigantesca feita pelo homem. As casas, ordenadas em círculo e contornadas por uma muralha decorativa, têm no centro o Grande Templo do Sol. Tal como na parte superior de Akakor, a cidade está dividida por duas ruas em cruz, que correspondem aos quatro cantos e aos quatro lados do universo. Todas as estradas lhes são paralelas. O maior edifício é o Grande Templo do Sol, com torres que sobem além dos edifícios onde estão instalados os sacerdotes e os seus criados, do palácio do príncipe, das instalações dos guerreiros e das mais modestas casas do povo. No interior do templo há doze entradas para os túneis que ligam a Baixa Akakor com outras cidades subterrâneas. Têm paredes inclinadas e um teto liso. Os túneis são suficientemente largos para comportar cinco homens lado a lado. Qualquer das outras cidades fica a grande distância de Akakor.

Doze das cidades – Akakor, Budo, Kish, Boda, Gudi, Tanum, Sanga, Rino, Kos, Amam, Tata e Sikon – são iluminadas artificialmente. A luz altera-se de acordo com o brilho do Sol. Só Mu, a décima terceira e a menor das cidades, tem altas colunas, que atingem a superfície. Um enorme espelho de prata espalha a luz do Sol sobre toda a cidade. Todas as cidades subterrâneas são cruzadas por canais que trazem água das montanhas. Pequenos afluentes fornecem edifícios individuais e casas. As entradas na superfície estão cuidadosamente disfarçadas. Em caso de

emergência, os subterrâneos podem ser desligados do mundo exterior por grandes rochas móveis que servem de portões.

Nada sabemos da construção da Baixa Akakor. A sua história perdeu-se na escuridão do mais remoto passado. Mesmo os soldados alemães que viveram com o meu povo não conseguiram esclarecer este mistério. Durante anos mediram os subterrâneos dos Deuses, exploraram o sistema de túneis e procuraram o sistema de respiro, mas sem terem o mínimo êxito. Os nossos Primitivos Mestres construíram as habitações subterrâneas de acordo com os seus próprios planos e leis, que nos são desconhecidos.

Daqui governavam o seu vasto império, um império de 362.000.000 de indivíduos, tal como se afirma na Crônica de Akakor:

E os Deuses governaram Akakor. Governaram sobre os homens e sobre a Terra. Tinham navios mais rápidos que o voo das aves, navios que atingiam os pontos a que se destinavam sem velas nem remos, tanto de dia como de noite. Tinham pedras mágicas por onde viam a distância, de modo que podiam ver cidades, rios, colinas, e lagos. Tudo quanto acontecia na Terra e no Céu se refletiam nessas pedras. Mas as habitações subterrâneas eram as mais maravilhosas. E os Deuses deram-nas aos seus Servos Escolhidos como última dádiva. Para os Primitivos Mestres são do mesmo sangue e têm o mesmo pai.

Durante milhares de anos, as habitações subterrâneas protegeram os Ugha Mongulala dos seus inimigos e suportaram duas catástrofes. Os ataques das tribos selvagens não tinham êxito contra os seus portões. No interior, os últimos homens da minha raça esperam a vinda dos Bárbaros Brancos, que avançam pelo Grande Rio, num número infinito, tal como formigas. Os nossos sacerdotes profetizaram que em última análise descobrirão Akakor e que nela encontrarão a sua própria imagem. Então o círculo fechar-se-á.

II

A HORA ZERO (10.481 A. C. - 10.468 A. C.)

“O velho épico hindu Mahabharata conta como os Deuses e os Titãs lutaram para ter o domínio da Terra. De acordo com Platão, o lendário império da Atlântida atingiu o seu ponto mais elevado neste período. O cientista germano-boliviano Posnansky acredita na existência de um enorme império na região da cidade boliviana, agora em ruínas, de Tiahuanaco. Segundo a opinião de alguns historiadores e etnólogos, as principais divisões raciais do Homo sapiens da última época glacial desenvolveram-se cerca de 13.000 a. C.: Mongóis na Ásia, Negros na África e Caucasionos na Europa. As principais fixações no continente europeu encontram-se nas regiões costeiras. As descobertas arqueológicas de Altamira e da Amazônia confirmam pela primeira vez a existência de humanos no continente sul-americano.”

A PARTIDA DOS PRIMITIVOS MESTRES

A história do meu povo, registrada na Crônica de Akakor, aproxima-se do seu fim. Os sacerdotes afirmam que dentro em pouco se passará o tempo; pouco mais temos que alguns meses. Então o destino dos Ugha Mongulala será cumprido. E quando vejo o desespero e a miséria do meu povo não posso deixar de acreditar nestas profecias. Os Bárbaros Brancos estão penetrando cada vez mais no nosso território. Vieram do leste e do oeste como um fogo assoprado por um forte vento e espalharam um manto de escuridão sobre o país, para o poderem dominar. Mas se os Bárbaros Brancos pensassem, chegariam à conclusão de que não podemos apoderar-nos do que não nos pertence. Então compreenderiam que os Deuses nos deram uma grande mansão para a partilharmos e a gozarmos. Mas os Bárbaros Brancos querem ter tudo só para si. Os seus corações são duros, não se comovem, mesmo quando

realizam as mais terríveis ações. Assim, nós, os Índios, temos de nos afastar, e ter esperança de que os nossos Primitivos Mestres possam um dia voltar, tal como está escrito, com boas palavras e numa escrita clara:

No dia em que os Deuses abandonaram a Terra chamaram Ina. Deixaram a sua herança ao servo de maior confiança: “Ina, vamos embora para os nossos lares. Ensinamos-te sabedoria e demos-te bons conselhos. Voltamos para junto dos que são iguais a nós. Vamos para casa. O nosso trabalho está feito. Os nossos dias de viver aqui, acabados. Conserva-nos na tua memória e não nos esqueças. Porque somos irmãos do mesmo sangue e temos o mesmo pai. Voltaremos quando estiverdes ameaçados. Mas agora fique com as Tribos Escolhidas. Levem-nas para as moradias subterrâneas, para protegê-las da catástrofe que se aproxima”. Estas foram as suas palavras. Isso foi o que eles disseram quando se despediram. E Ina viu como os navios os levavam para o céu, com fogo e trovões. Desapareceram por cima das montanhas de Akakor, e só Ina os viu partir. Mas os Deuses deixaram atrás de si um rastro de sabedoria e bom senso. Eram considerados e venerados como se fossem sagrados. Era um sinal dos Antigos Pais. E Ina reuniu os mais velhos do seu povo num Conselho e disseram-lhes quais tinham sido as últimas instruções dos Deuses. E ordenou uma nova contagem do tempo para comemorar a partida dos Primitivos Mestres. Esta é a história escrita dos Servos Escolhidos, A Crônica de Akakor.

Na hora zero (10.481 a. C., segundo o calendário dos Bárbaros Brancos) os Deuses deixaram a Terra. Deram o sinal de um novo capítulo na história do meu povo. Mas nessa época nem sequer Ina, seu mais leal servo e primeiro príncipe dos Ugha Mongulala, previam os terríveis acontecimentos que se sucederiam. O Povo Escolhido estava angustiado com a partida dos Primitivos Mestres e atormentado pelo desalento e pela angústia.

Só a imagem dos Deuses ficou nos corações dos Servos Escolhidos. Com olhos ardentes, perscrutavam o céu, mas os navios dourados não voltavam. Os céus mantinham-se vazios –

nem a mínima brisa, nem qualquer som. O céu conservava-se desabitado.

A LINGUAGEM DOS DEUSES

Na língua dos Bárbaros Brancos, Ugha significa “aliado”, “partidário”; Mongu significa “escolhido”, “exaltado”, e Lala significa “tribos”. Os Ugha Mongulala são as Tribos Escolhidas Aliadas. Uma nova era iniciou-se para eles depois da partida dos Primitivos Mestres. Os Deuses superiores já não governam o seu império, cujos limites ficavam a muitas luas de distância. Os Ugha Mongulala governavam entre dois oceanos, ao longo do Grande Rio, até as baixas colinas do norte, e mais além, na extensão das planícies do sul. Os 2.000.000 que compreendem as Tribos Escolhidas governaram um império de 362.000.000 de pessoas, desde que os Primitivos Mestres dominaram as outras tribos no decorrer dos séculos. Os Ugha Mongulala governaram vinte e seis cidades, muitas fortificações poderosas e as habitações subterrâneas dos Deuses. Só três complexos de templos – Salazere, Manoa e Tiahuanaco – ficavam de fora da sua jurisdição, por explícitas instruções dos Antigos Pais. Ina, o primeiro príncipe dos Ugha Mongulala, tinha a seu cargo enormes tarefas.

Conheço poucos pormenores acerca do período que se seguiu à partida dos Primitivos Mestres. A primeira Grande Catástrofe estende-se como um véu sobre os acontecimentos dos primeiros treze anos da história do meu povo. De acordo com os sacerdotes, Ina governou o maior império que jamais existiu. Este era chefiado pelos Ugha Mongulala, que faziam com que as suas leis fossem obedecidas. Os seus guerreiros protegiam as fronteiras dos ataques das tribos selvagens. 362.000.000 de aliados prestavam-lhes vassalagem, mas depois da primeira Grande Catástrofe revoltaram-se contra as leis dos Ugha Mongulala. Rejeitaram os legados dos Deuses e dentro em pouco esqueciam a sua língua e a sua escrita. Degeneraram.

O quíchua, como os Bárbaros Brancos chamam à nossa língua, consta de simples e boas palavras, que são suficientes para descrever todos os mistérios da natureza. Nem sequer os Incas conhecem a escrita dos Deuses. Há mil e quatrocentos símbolos, que têm diferentes significados, segundo a sua seqüência. Os sinais mais importantes traduzem a vida e a morte, representadas pelo pão e pela água. Todos os inícios da crônica começam e acabam com estes símbolos. Depois da chegada dos soldados alemães, em 1942, de acordo com o calendário dos Bárbaros Brancos, os sacerdotes começaram a registrar os acontecimentos também na escrita das Tribos Aliadas. Língua, serviço da comunidade, veneração pelas pessoas idosas e respeito pelo príncipe são as coisas mais importantes documentadas anteriormente a primeira Grande Catástrofe. É evidência de fato, nos dez mil anos da sua história, o meu povo ter só uma finalidade: preservar o legado dos Primitivos Mestres.

SINAIS OMINOSOS NO CÉU

Houve estranhos sinais no céu. A penumbra cobriu a face da Terra. O Sol ainda brilhava, mas havia uma névoa cinzenta, grande e intensa, que começava a esconder a luz do dia. Estranhos sinais viam-se no céu. As estrelas eram como tristes pedras. Uma neblina venenosa cobria as colinas. Um fogo malcheiroso pendurava-se nas árvores. Um Sol vermelho. Um caminho cruzado sobrepunha-se. Negro, vermelho, todos os quatro cantos do mundo estavam vermelhos.

A primeira Grande Catástrofe alterou a vida do meu povo e a face do mundo. Ninguém pode imaginar o que aconteceu naquela época, treze anos depois da partida dos Primitivos Mestres. A catástrofe foi enorme, e a nossa crônica relata-a com terror:

Os Servos Escolhidos ficaram temerosos e aterrorizados. Já não viam o Sol, a Lua ou as estrelas. A confusão e a escuridão reinavam por toda à parte. Estranhas imagens passavam sobre as

suas cabeças. Do céu caía resina, e ao entardecer os homens desesperavam em busca de comida. Matavam os seus próprios irmãos. Esqueceram o testamento dos Deuses. Começara a era do sangue.

O que aconteceu nesta época, quando os Deuses nos deixaram? Quem foi o responsável que fez regredir o meu povo ao abatimento durante seis mil anos? Uma vez mais, os nossos sacerdotes podem interpretar os acontecimentos devastadores. Dizem que no período antes da hora zero existiu também outra nação de deuses que eram hostis aos nossos Primitivos Mestres. De acordo com as imagens do Grande Templo do Sol de Akakor, as estranhas criaturas se pareciam com humanos. Tinham muito cabelo e uma pele avermelhada. Tal como os homens, tinham cinco dedos nas mãos e nos pés. Mas dos ombros saíam-lhes cabeças de serpentes, tigres, falcões e outros animais. Os nossos sacerdotes dizem que estes deuses também governaram um enorme império. Também possuíam o conhecimento que os tornava superiores aos homens e iguais aos Primitivos Mestres. As duas raças de deuses que estão representadas nas imagens do Grande Templo do Sol de Akakor começaram a guerrear-se. Queimaram o mundo com calor solar, e cada um tentou tirar ao outro o seu poderio. Iniciou-se uma tremenda guerra entre os planetas e esta guerra levou o meu povo à perdição. No entanto, pela primeira vez, a providência dos Deuses salvou os Ugha Mongulala. Recordando as últimas palavras dos nossos Primeiros Mestres, que anunciavam a catástrofe, Ina comandou a retirada para as moradias subterrâneas.

Reuniram-se os mais velhos do povo. Obedeceram às ordens de Ina. “Como poderemos nos proteger? Os sinais estão cheios de ameaças”, diziam eles. “Vamos seguir as ordens dos Deuses e albergar-nos nos abrigos subterrâneos. As nossas idéias não serão suficientes para toda uma nação? Nenhum de nós deve faltar”. Foi assim que eles falaram. Foi assim que eles decidiram. E a multidão reuniu-se. Atravessaram as águas. Desceram as ravinas e cruzaram-nas. Chegaram ao fim, onde as quatro estradas se cruzam, na moradia dos Primitivos Mestres, protegidos no interior das montanhas.

Isto é uma história contada pela Crônica de Akakor. E assim se cumpriu a ordem de Ina. Com confiança na promessa dos Primitivos Mestres, o povo de Ugha Mongulala mudou-se para a Baixa Akakor, para se proteger da iminente catástrofe. Aqui ficaram eles até a Terra se aquietar, tal como uma ave se esconde atrás de uma rocha quando a tempestade se aproxima. Os Ugha Mongulala estavam salvos da catástrofe porque haviam confiado nos Antigos Pais.

A PRIMEIRA GRANDE CATÁSTROFE

O ano 13 (10.468 a. C., segundo o calendário dos Bárbaros Brancos) é um ano fatídico na história do meu povo. Depois de se terem refugiado nos subterrâneos, a Terra foi atingida pela maior catástrofe de que há memória. Excedeu mesmo a segunda Grande Catástrofe, seis mil anos mais tarde, quando as águas do Grande Rio inundaram a região. A primeira Grande Catástrofe destruiu o império dos nossos Primitivos Mestres e matou milhares de pessoas.

Isto é o relato de como os homens morreram. O que aconteceu à Terra? Quem a fez tremer? Quem fez dançar as estrelas? Quem fez as águas brotarem das rochas? Numerosos eram os flagelos que atingiam os homens. Estava sujeito a várias calamidades. Estava terrivelmente frio e um vento gelado soprava sobre a Terra. Estava excessivamente quente e a própria respiração das pessoas queimava-as. Homens e animais fugiam em pânico. Desesperados, corriam de um lado para o outro. Tentavam subir nas árvores, mas as árvores repeliam-nos. Tentavam alcançar as cavernas. Contudo, estas se abatiam e sepultavam-nos. O chão tornava-se teto, e o teto desaparecia nas profundidades. O som e a fúria dos Deuses não se acalmavam. Até os abrigos subterrâneos começaram a tremer.

A primeira referência da forma do continente antes da primeira Grande Catástrofe reporta-se à partida dos Primitivos Mestres. Depois desse tempo, diferia consideravelmente da sua forma atual. Era muito mais fria e a chuva caía regularmente. Os períodos de

seca e de chuva eram mais distintos uns dos outros. Ainda não havia grandes florestas. O Grande Rio era menor e desaguava em ambos os oceanos. Os afluentes ligavam-no ao lago gigante, onde os Deuses erigiram o templo de Tiahuanaco, na costa sul.

A primeira Grande Catástrofe remodelou a face da Terra. O curso dos rios foi alterado e a altura das montanhas e a força do Sol modificaram-se. Os continentes ficaram inundados. As águas do grande Lago voltaram ao oceano. O Grande Rio foi cortado por uma nova montanha e agora corre apressadamente para leste. Enormes florestas surgiram nas suas margens. Um calor úmido espalhou-se pelas regiões orientais do império. Ao oeste, onde se ergueram montanhas gigantescas, as pessoas gelavam no tremendo frio das altitudes. A Grande Catástrofe causara tremendas devastações, tal como fora predito pelos Primitivos Mestres.

E a mesma coisa acontecerá na futura catástrofe, que os nossos sacerdotes calcularam de acordo com a rota das estrelas. Porque a história da humanidade cumpre-se segundo rotas preestabelecidas: tudo se repete tudo volta num ciclo que dura seis mil anos. Os nossos Primitivos Mestres ensinaram-nos esta lei. Passaram-se seis mil anos desde a última Grande Catástrofe e seis mil anos se passaram desde que os nossos Primitivos Mestres nos deixaram pela segunda vez. Mais uma vez apareceram nos céus sinais ominosos. Os animais fogem em pânico. Surgem guerras. As leis são desrespeitadas. Enquanto os Bárbaros Brancos, por pura arrogância, destroem o elo entre a natureza e o homem, aproxima-se o cumprimento do destinado. Eles sabem-no e esperam com resignação. Porque acreditam no legado dos seus Primitivos Mestres. Com a imagem dos Deuses no coração, seguem-lhes as pegadas. Seguem os que são do mesmo sangue e tem o mesmo pai.

III

A ERA DA ESCURIDÃO (10.468 A. C. - 3.166 A. C.)

“O cientista germano-boliviano Posnansky calcula que Tiahuanaco foi destruída cerca de 10.000 a. C. Os geólogos referem-se às extraordinárias modificações de clima que podem ter sido causadas pela deslocação do eixo da Terra. A Época Neolítica, que começou por volta de 5.000 a. C., viu importantes inovações culturais, acrescentadas por transformações econômicas de longo alcance: a transição para a agricultura e para os sistemas econômicos produtivos. O homem neolítico cultivava cereais selvagens e criava carneiros, cabras e porcos. Instalaram-se grandes famílias em aldeias e mais tarde em cidades fortificadas. Entre 8.000 e 6.000 a. C., Jericó foi considerada como estágio preliminar das altas civilizações urbanas, embora os egiptólogos suspeitem de uma cultura mais antiga no vale do Nilo. Descobertas arqueológicas em Eridu e Uruk referem-se aos primeiros edifícios sagrados. Encontraram-se as primitivas placas de argila. Palavras e sinais fonéticos substituíram a primitiva escrita pictórica. Em todas as civilizações se observa um considerável cuidado com os mortos. Vários dilúvios e catastróficas erupções vulcânicas, provavelmente cerca de 3.000 a. C., são descritos na Bíblia como o Grande Dilúvio. A América do Sul continua a ser colonizada por vagas de imigrantes vindos da Ásia.”

O COLAPSO DO IMPÉRIO

Verdadeiramente, os Bárbaros Brancos são um povo poderoso. Governam o céu e a terra e são ao mesmo tempo ave, verme e cavalo. Pensam que estão vendo a luz, mas, no entanto, vivem na escuridão e no mal. E o pior é que negam o seu próprio Deus e lutam eles próprios serem deuses e para nos fazer acreditar que governam o mundo. Mas os Deuses são ainda maiores e mais

poderosos que todos os Bárbaros Brancos juntos. Ainda são eles que decidem quem, entre nós, deve morrer e quando. Tranquilidade, sol, água e fogo servem-nos primeiro. Porque os Deuses não permitem que descubram os seus segredos. Os nossos sacerdotes dizem que farão um julgamento que libertará os Bárbaros Brancos do fardo dos seus erros. Cairá uma chuva contínua que, lavando, tirará toda a escuridão dos seus corações. As águas subirão cada vez mais e lavarão a maldade e a ambição do poder e da riqueza. Tal como acontecera já há mil anos, tudo isto foi registrado na crônica com boas palavras e numa escrita clara:

Três luas passaram e três vezes três luas. Então as águas dividiram-se. A Terra acalmou de novo. As correntes seguiram diferentes cursos. Perderam-se por entre as colinas. Altas montanhas se ergueram em direção ao Sol. A Terra modificou-se quando os Servos Escolhidos deixaram as moradias subterrâneas, e grande foi a sua mágoa. Ergueram o rosto para o céu. Os seus olhos procuraram as planícies, os rios e os lagos. A verdade era terrível; a destruição medonha. E Ina reuniu o Conselho dos Velhos. As Tribos Escolhidas juntaram dádivas: jóias, mel das abelhas e incenso. E sacrificaram-nos para fazer com que os Deuses voltassem à Terra. Mas o céu manteve-se vazio. A era do jaguar começara: época de sangue quando tudo foi destruído. Assim foi separado o elo entre os Primitivos Mestres e os seus servos. E principiou uma nova vida.

Os anos de sangue, o período entre o ano 13 e o ano 7315, é a mais escura época na história do meu povo. A Crônica de Akakor não se refere a estes acontecimentos. Durante milhares de anos não há registros de qualquer espécie. A transmissão oral também é pobre e entremeada com escuras profecias.

Foi uma época medonha. O selvagem jaguar veio e devorou carne humana. Esmigalhou os ossos dos Servos Escolhidos. Arrancou as cabeças dos seus servos. A escuridão envolveu a Terra.

Depois da primeira Grande Catástrofe, o império ficou numa situação desesperadora. As moradias subterrâneas aguentaram os

terríveis desmoronamentos e nenhuma das treze cidades foram destruídos, mas muitas das vias que ligavam os limites do império ficaram bloqueadas. A sua misteriosa luz extinguiu-se como uma vela assoprada pelo vento. As vinte e seis cidades foram destruídas por uma tremenda inundação. Os recintos dos templos sagrados de Salazere, Tiahuanaco e Manoa ficaram em ruínas, destruídos pela terrível fúria dos Deuses. As patrulhas enviadas trouxeram a notícia de que muito pouco das Tribos Aliadas haviam sobrevivido à catástrofe. Obrigados pela fome abandonaram as suas velhas instalações e penetraram no território dos Ugha Mongulala, trazendo atrás de si a morte e a perdição. Desespero, desânimo e miséria espalharam-se por todo o império. Travaram-se renhidos combates nas últimas regiões férteis. O domínio das Tribos Escolhidas chegara ao fim.

Este foi o início do inglório fim do império. Os homens haviam perdido a razão. Andavam nos campos com as mãos pelo chão. Tremiam de medo e terror. Estavam abatidos. Tinham o espírito confuso. Atacavam-se uns aos outros como animais. Matavam o seu vizinho e comiam-lhe a carne. Na verdade, foram épocas horríveis.

O terrível período entre a primeira e a segunda Grande Catástrofe, de 10.468 a.C. a 3.166 a. C., segundo o calendário dos Bárbaros Brancos, trouxe o meu povo até a beira da extinção. Tribos degeneradas que haviam sido aliadas dos Ugha Mongulala antes da primeira Grande Catástrofe fundaram os seus próprios impérios. Derrotaram os exércitos dos Ugha Mongulala e fizeram-nos recuar até as portas de Akakor no nosso ano de 4.130.

As tribos dos Degenerados formaram uma aliança. Disseram: “Como podemos nós tratar com os nossos primitivos chefes? Na verdade, eles ainda são poderosos”. De modo que se reuniram em conselho. “Façamos uma emboscada e matemo-los. Não somos mais numerosos? Não somos mais que suficientes para vencê-los?” E todas as tribos se armaram. Juntaram-se em grande número. A massa dos seus guerreiros estendeu-se mais longe do que os olhos podiam alcançar. Queriam tomar Akakor de assalto. Marcharam em formação para matar o príncipe Uma. Mas os Servos Escolhidos

tinham-se preparado Mantiveram-se no cume da montanha. O nome da montanha era Akai. Todas as Tribos Escolhidas se haviam reunido junto de Uma quando os Degenerados se aproximaram. Vinham gritando, com arcos e setas. Cantavam canções de guerra. Berravam e assobiavam metendo os dedos na boca. E assim precipitavam-se contra Akakor.

Neste ponto A Crônica de Akakor é imprecisa. Os nossos sacerdotes contam que os Ugha Mongulala perderam a batalha e Uma morreu. Os sobreviventes retiraram para as suas habitações subterrâneas. A derrota na montanha de Akai representa o ponto mais baixo da infelicidade do meu povo. Tal como os Bárbaros Brancos, que negam os Deuses e se consideram para além das leis, os Ugha Mongulala arrastaram-se cada vez mais na humilhação. Confundidos com este incompreensível acontecimento, começaram a adorar árvores e rochas, até mesmo a sacrificar animais e seres humanos. Cometeram então o mais vergonhoso crime dos dez mil anos da história do meu povo.

E eis como aconteceu. Quando Uma foi morto na batalha contra as Tribos Degeneradas, o grande-sacerdote recusou que o seu filho Hanan entrasse nos secretos recintos dos Deuses e sem o respeito devido aos Antigos Pais, começou a governar o povo como considerou melhor. Estávamos no ponto máximo da era do sangue, época em que era chefe o selvagem jaguar.

Porque sofreu o meu povo estes crimes? Porque é que os mais velhos toleraram a má conduta do grande-sacerdote? Só há uma explicação. Depois da partida dos Deuses, só certas pessoas tinham consciência da sabedoria dos Primitivos Mestres. Os sacerdotes já não transmitiam os seus conhecimentos. Ensinavam a história dos Antigos Pais só aos de grande confiança. O seu poder tornava-se maior à medida que desaparecia o seu sagrado legado. Dentro em pouco só eles se sentiam responsáveis pelos acontecimentos da terra e do céu. Durante milhares de anos, os sacerdotes governaram onipotentes os Ugha Mongulala. Isto é o que contam os nossos antepassados. E deve ser verdade, porque só a verdade se mantém através do tempo na memória do homem.

A SEGUNDA GRANDE CATÁSTROFE

Terrível é a história. Terrível é a verdade. Os Servos Escolhidos ainda viviam nas habitações dos Deuses – seis mil anos. O sagrado legado havia sido esquecido. A sua escrita tornara-se ilegível. Os seus servos tinham traído o combinado com os Deuses. Viviam para além de todas as fronteiras como animais da floresta. Andavam com as mãos e os pés no chão. Cometiam-se crimes à luz do dia. E os Deuses sentiam-se com estas atitudes. Os seus corações enchiam-se de tristeza devido à maldade do homem. E disseram: “Castigaremos o povo. Arrancá-lo-emos da terra - homens e gado, vermes e pássaros do céu – porque desprezaram o nosso legado”. E os Deuses começaram a destruir o povo. Enviaram uma poderosa estrela, cuja cauda vermelha cobria todo o céu. E enviaram fogo mais vivo que um milhar de sóis. O grande julgamento começou. Durante treze luas caiu chuva. As águas do oceano subiram. Os rios corriam às avessas. O Grande Rio transformou-se num imenso lago. E o povo foi destruído. Todos morreram afogados no terrível dilúvio.

Os Ugha Mongulala sobreviveram à segunda Grande Catástrofe da história da humanidade. Protegidos nas habitações subterrâneas dos seus Primitivos Mestres, observando a destruição da Terra com temor. Enquanto os Servos Escolhidos sabiam que estavam inocentes da primeira Grande Catástrofe, agora se acusavam como responsáveis pelo segundo terrível acontecimento. Surgiram lutas e querelas. Rompeu uma guerra civil na Baixa Akakor, que levaria o meu povo à extinção se não tivesse acontecido o que desde há muito era previsto pelos sacerdotes. Quando a necessidade era premente, os Primitivos Mestres voltaram.

E o seu regresso abre um novo capítulo na história dos Ugha Mongulala, o segundo livro da Crônica de Akakor. O primeiro livro acaba com os feitos de Madus, um corajoso guerreiro dos Ugha Mongulala, que, mesmo nos momentos mais difíceis, não perdera a fé no legado dos Deuses, tal como se escreve na crônica.

Madus atreveu-se a seguir a estrada que leva à superfície da Terra. Sem recear nem tempestades nem água, ele continua o seu caminho. Olha com tristeza o país devastado. Não via nem pessoas nem plantas – só animais e aves assustadas que voavam sobre o infinito lençol de água, até que cansadas caíam. Isto viu Madus. E ficava ao mesmo tempo triste e irritado. Arrancou tocos de árvores do solo inundado. Juntou madeira flutuante. Construiu uma jangada para auxiliar os animais. Arranjou um casal de cada dois jaguares, duas serpentes, duas antas e dois falcões. E as águas que subiam elevavam mais a jangada para as montanhas, no cume do monte Akai, a montanha de destino das Tribos Escolhidas. Aqui, Madus deixou os animais irem para a terra e os pássaros voarem. E quando, depois de treze luas, as águas baixaram e o sol desfez as nuvens, voltou para Akakor e narrou o fim da terrível era do sangue.

O LIVRO DA ÁGUIA

Esta é a águia.

Poderosas são as suas asas

E poderosas as suas garras.

Os seus olhos

Olham imperiosamente sobre a Terra.

Está acima do homem.

Não pode ser

Nem vencida nem morta.

Durante treze dias ergue-se no céu,

E durante treze dias

Voa ao encontro do sol-nascente.

É verdadeiramente sublime.

I

O REGRESSO DOS DEUSES (3.166 A. C. - 2.981 A. C.)

“O calendário maia começa em 3.113 a. C. e termina em 24 de Dezembro de 2.011 d. C. A historiografia tradicional coloca o início dos acontecimentos históricos cerca de 3.000 a. C. O período que vai até às migrações germânicas (375 d. C.) é antiguidade, começando com o aparecimento de altas civilizações nos oásis do Baixo Nilo e entre o Eufrates e o rio Tigre, onde o homem se desenvolve na existência histórica. Os pontos altos da história oriental são marcados por grandes impérios que governavam empregando a força agressiva dos monarcas. A vida espiritual limitava-se à religião organizada. O Oriente é o berço da escrita, do serviço civil e de uma tecnologia espantosamente eficiente. Entretanto, o homem da Europa e da Ásia conserva-se no nível neolítico. Sugerem-se datas diferentes para o início das civilizações americanas. O explorador inglês Niven assegura que os primeiros estabelecimentos urbanos dos antepassados astecas foram fundados cerca de 3.500 a. C. Na opinião do arqueólogo peruano Daniel Ruiz, a misteriosa cidade em ruínas de Machu Picchu, nos Andes, foi fundado antes da catástrofe universal que na Bíblia é descrita como o Dilúvio. A historiografia tradicional rejeita ambas as datas”.

LHASA, O EXALTADO FILHO DOS DEUSES.

A Crônica de Akakor, a história escrita do meu povo desde a hora zero até o ano 12.453, é o nosso maior tesouro. Contém toda a sabedoria dos Ugha Mongulala, escrita na velha língua dos nossos Antigos Pais, Registra o legado dos Primitivos Mestres, que moldaram a vida do meu povo durante mais de dez mil anos. Contém os segredos das Tribos Escolhidas e também corrige a história dos Bárbaros Brancos. Porque A Crônica de Akakor

descreve o erguer e o declínio de um povo escolhido pelos Deuses até ao fim do mundo, quando, depois de uma terceira catástrofe, for destruído o povo. Assim está escrito, assim foi registrado, com boas palavras e numa escrita clara.

A penumbra ainda envolve a face da Terra. O Sol e a Lua estavam velados. Então as naves apareceram no céu, poderosas e douradas. Grande foi a alegria dos Servos Escolhidos. Os Primitivos Mestres estavam de volta. Desceram à Terra com rostos brilhantes. E o Povo Escolhido trouxe as suas dádivas: penas das grandes aves da floresta, mel das abelhas, incenso e frutos. Os Servos Escolhidos colocaram estas dádivas aos pés dos Deuses e dançaram com o rosto voltado para leste, para o sol-nascente. Dançavam com lágrimas de alegria nos olhos, porque os Primitivos Mestres tinham voltado. E os animais regozijavam-se também. Todos, desde o mais humilde, se ergueram nos vales e olharam espantados para os Antigos Pais. Mas não restava muita gente. Os Deuses havia morto à maioria como castigo da sua maneira de proceder. Poucos estavam ainda vivos para saudar os Primitivos Mestres com todo o respeito.

No ano de 7.315 (3.166 a. C.) os Deuses, que tão ansiosamente tinham sido esperados pelo meu povo, voltaram à Terra. Os Primitivos Mestres das Tribos Escolhidas voltaram a Akakor e retomaram o poder. Mas só alguns navios alcançaram a nossa capital e os Deuses ficaram com os Ugha Mongulala só durante três meses. Depois, novamente abandonaram a terra. Só os irmãos Lhasa e Samon não voltaram para a pátria dos Antigos Pais. Lhasa instalou-se em Akakor; Samon dirigiu-se para leste e fundou o seu próprio império.

Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses, tomou o poder de um império devastado. Dos 362.000.000 que tinham vivido na Era do Ouro, só 20.000.000 sobreviveu a segunda Grande Catástrofe. Povoados e cidades estavam em ruínas. Hordas de tribos degeneradas cruzavam as fronteiras. A guerra alastrava por todo o país. O legado dos Deuses fora esquecido. Lhasa reconstruiu o velho império. Como proteção contra as tribos inimigas que avançavam, mandou construir grandes fortalezas. Por sua ordem, os Ugha

Mongulala ergueram altas muralhas ao longo do Grande Rio e fortificaram-nas com largas paliçadas de madeira. Aos guerreiros escolhidos foi dada a tarefa de guardar a nova fronteira e avisar Akakor da aproximação das tribos inimigas. No sul do país chamado Bolívia, Lhasa ergueu as bases de Mano, Samoa e Kin. Eram constituídas por treze edifícios rodeados de muralhas segundo os moldes dos complexos templos dos nossos Antigos Pais. Uma pirâmide com uma escadaria na frente, um telhado inclinado e duas salas abobadadas, uma no interior, outra no exterior, dominavam a área circundante. Lhasa instalou as Tribos Aliadas na vizinhança das três fortalezas. Estava sob o comando do príncipe de Akakor e sujeitas à obediência de guerra.

Por milhares de anos, havia uma nação que confinava com a fronteira oeste do império e com a qual os Ugha Mongulala sempre mantiveram uma especial amizade. Esta nação, os Incas, conheciam a língua e a escrita dos Primitivos Mestres. Os seus sacerdotes também sabiam do legado dos Deuses, No fim da segunda Grande Catástrofe, esta tribo mudou-se para as montanhas do Peru e fundou o seu próprio império. Lhasa, preocupado com a segurança de Akakor, mandou edificar uma fortaleza na fronteira oeste e deu ordens para a edificação de Machu Picchu, uma nova cidade de templos num grande vale dos Andes.

O suor pelava as testa dos carregadores. As montanhas estavam tintas de vermelho com o seu sangue. Assim, chamaram à montanha a “montanha do Sangue”. Mas Lhasa não lhes deu alívio. A nação dos Servos Escolhidos penitenciou-se da traição dos seus antepassados. E assim se passavam os dias. O Sol nascia e punha-se. Vinham as chuvas e o frio. Os lamentos dos Servos Escolhidos ressoavam no ar. Com prantos entoavam cânticos aos seus sofrimentos.

A edificação da cidade sagrada de Machu Picchu é um dos grandes acontecimentos da história do meu povo. Os pormenores da sua construção estão ocultos por muitos segredos eternamente escondidos na alcantilada montanha da Lua, que protege Machu Picchu. De acordo com as histórias dos sacerdotes, os

trabalhadores cortavam as pedras das rochas para as casas dos guerreiros e para as habitações dos padres e seus criados. Um exército de operários transportava blocos de granito dos vales distantes das encostas ocidentais dos Andes para o palácio de Lhasa. E os sacerdotes também contam que duas gerações não foram suficientes para completar a cidade e que os lamentos dos Ugha Mongulala se tornavam mais insistentes à medida que o tempo passava. As Tribos Escolhidas começaram a revoltar-se e a amaldiçoar os Antigos Pais. Parecia estar iminente uma revolta contra Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses. Então ouviu-se um estrondo no céu e o dia transformou-se em escuridão. O desespero dos Deuses explodiu com o ribombar do trovão e terríveis relâmpagos. E, enquanto caía uma chuva pesada, os chefes dos descontentes eram transformados em pedra – pedras vivas com pernas. Lhasa ordenou que fossem levados para as montanhas e metidos nas paredes das escadas de Machu Picchu. Foi desta maneira que os rebeldes foram castigados. Levaram a cidade santa sobre os seus ombros, presos eternamente dentro das suas pedras.

Machu Picchu é uma cidade santa. Os seus templos são dedicados ao Sol, à Lua, a Terra, ao mar e aos animais. Após quatro gerações terem completado a cidade, Lhasa mudou-se daqui e levou o império a um período de florescimento e prestígio.

Sob o governo de Lhasa o número de guerreiros aumentou. Sentiam-se fortes. Não tinham preocupações nem de país nem de família. Só tinham interesse pelas armas. Protegidos pelos Deuses verificavam as posições dos inimigos. Saíam com as instruções de Lhasa, porque o Exaltado Filho dos Deuses era realmente um grande príncipe. Não podia nem ser derrotado nem morto. Lhasa era um dos deuses. Durante treze dias subiu ao céu. Durante treze dias caminhou para encontrar o sol-nascente. Durante treze dias tomou a forma de um pássaro e foi realmente um pássaro. Durante treze dias transformou-se em águia. Estava verdadeiramente exaltado. Todos se curvavam perante o seu aspecto. A sua força alcançou os limites do Céu e as fronteiras da Terra. E as tribos inclinaram-se perante o divino mestre.

Lhasa foi o decisivo inovador do império dos Ugha Mongulala. Durante os trezentos anos do seu governo instituiu as bases de um poderoso império. Depois voltou para junto dos Deuses. Reuniu os mais velhos do seu povo e os sacerdotes e ditaram-lhes leis. Ordenou que o povo vivesse de acordo com o legado dos Deuses e que obedecesse às suas ordens. Então Lhasa voltou-se para leste e curvou-se perante o sol-nascente. Antes de os seus raios atingirem a cidade santa subiu à montanha da Lua, que se ergue sobre Machu Picchu, no seu disco voador e para sempre se separou dos humanos. Isto é o que os sacerdotes contam acerca da misteriosa partida do Exaltado Filho dos Deuses. Lhasa, o único príncipe das Tribos Escolhidas que veio das estrelas.

SAMON E O IMPÉRIO DO LESTE.

Lhasa esteve muitas vezes ausente com o seu disco voador. Visitou o seu irmão Samon. Voou para o grande Império do Leste. E levou consigo um estranho barco que podia passar sobre a água e sobre as montanhas.

A Crônica de Akakor não diz muito acerca do império de Samon, o irmão de Lhasa, que desceu à Terra com os Deuses no ano de 7.315. De acordo com a história escrita do meu povo, instalou-se num grande rio para além do oceano do Leste. Escolheu tribos nômades e ensinou-lhes os seus conhecimentos e sabedoria. Sob a sua chefia, cultivaram campos e edificaram poderosas cidades de pedra. Um forte império, que era a imagem de Akakor, desenvolveu-se e foi-se construindo de acordo com o legado dos Deuses, que também determinaram as vidas dos Ugha Mongulala.

Lhasa, o príncipe de Akakor, visitava regularmente o irmão no seu império e ficava como ele nas magníficas cidades da margem do Grande Rio. Para fortalecer o elo entre as duas nações, ordenou a construção de Ofir, uma poderosa cidade fluvial na embocadura do Grande Rio, no ano de 7.425 (3.056 a. C.). Durante quase mil anos, navios do império de Samon deixavam aqui as suas valiosas

cargas. Em troca de ouro e prata trouxeram pergaminhos com escritos na língua dos nossos Antigos Pais e trouxeram madeiras raras, os mais belos tecidos e pedras verdes, que o meu povo desconhecia. Dentro em pouco Ofir tornou-se uma das mais ricas cidades do império e alvo das selvagens tribos do Leste. Precipitaram-se contra a cidade em ataques repetidos, assaltaram barcos nos portos e interromperam as comunicações com o interior. Quando o império se desintegrou, mil anos depois da partida de Lhasa, conseguiram conquistar Ofir, depois de uma grande campanha. Saquearam a cidade e incendiaram-na. Os Ugha Mongulala cederam às províncias banhadas pelo oceano a leste e retiraram-se para o interior do país. E foram cortadas as ligações com o império de Samon.

O meu povo recorda o império de Samon e as dádivas a Lhasa – os pergaminhos escritos e as pedras verdes. Os nossos sacerdotes preservam-nos no complexo subterrâneo do templo de Akakor, onde estão guardados o disco voador e a estranha nave, que pode passar sobre as montanhas e água. O disco voador tem a cor brilhante do ouro e é feito de um metal desconhecido. Tem a forma de um cilindro de argila e a altura e a largura de dois homens um sobre o outro. No disco há espaço para duas pessoas. Não tem nem velas nem remos. Mas os nossos sacerdotes dizem que Lhasa podia voar mais depressa com ele do que a águia mais forte e podia atravessar as nuvens tão ligeiro como uma folha levada pelo vento. A estranha nave é também misteriosa. Sete longas pernas transportam um grande vaso chapeado de prata. Três pernas dirigem-se para frente, três para a retaguarda. Assemelham-se a hastes de bambu e são móveis; terminam em rodas tão grandes como a vitória-régia.

Estes são os últimos vestígios do glorioso império de Lhasa e Samon. Desde então muita água correu sob as pontes. O primitivamente poderoso império, cento e trinta famílias dos Deuses que vieram para a Terra, falhou e os homens vivem sem esperança. Mas os Deuses voltarão, Voltarão para auxiliar os seus irmãos, os Ugha Mongulala, que são do mesmo sangue e provêm do mesmo pai, tal como está escrito na crônica. Isto é o que Lhasa predisse. E

assim acontecerá. Novos elos de sangue desenvolver-se-ão entre os impérios de Lhasa e Samon. A aliança entre os seus povos será renovada e os seus descendentes encontrar-se-ão de novo. Então os Primitivos Mestres voltarão.

AKAHIM, A TERCEIRA FORTALEZA.

Conhecemos Akahim, a terceira fortaleza. Desde o tempo de Lhasa. Esta cidade de pedra fica nas montanhas, na fronteira norte entre os países chamados Venezuela e Brasil. Não sabemos quem construiu Akahim e só temos uma ideia vaga de quando a cidade foi erigida. Só é referida na crônica depois do regresso dos Primitivos Mestres, no ano 7.315. Desde então, Akakor e Akahim foram ligadas em íntima amizade.

Eu próprio visitei várias vezes a nação irmã das Tribos Escolhidas. Assemelha-se a Akakor, tendo o seu portal de pedra, o Templo do Sol e os edifícios para os príncipes e os sacerdotes. O caminho para a cidade é marcado por pedra cortada na forma de um dedo estendido. A entrada atual está oculta por uma grande catarata. As águas precipitam-se numa profundidade de trezentos metros. Posso revelar estes segredos porque há quatrocentos anos que Akahim jaz em ruínas. Depois das terríveis guerras contra os Bárbaros Brancos, o povo de Akahim destruiu casas e templos que ficavam à superfície e retirou-se para as moradias subterrâneas. Essas habitações são desenhadas como as constelações dos Deuses e têm comunicação entre si por meio de túneis de forma trapezoide. Presentemente quatro edifícios são ainda habitados; os nove restantes estão vazios. A primitivamente tão poderosa Akahim alberga hoje somente cinco mil almas.

Akahim e Akakor estão ligadas por um corredor subterrâneo e um enorme mecanismo de espelho. O túnel começa no Grande Templo do Sol de Akakor, continua sob o leito do Grande Rio e termina no coração de Akahim. O mecanismo de espelho vai de Akai, junto dos Andes, até as montanhas de Roraima, tal como lhes chamam os

Bárbaros Brancos. Consta de espelhos de prata da altura de um homem montados em grandes andaimes de bronze. Todos os meses os sacerdotes transmitem os acontecimentos mais importantes na secreta linguagem dos sinais. Deste modo, a nação irmã de Akahim soube pela primeira vez da chegada dos Bárbaros Brancos ao país chamado Peru.

A segunda e a terceira fortaleza são os últimos restos do outrora poderoso campo dos nossos Primitivos Mestres. Foram testemunhas de um elevado conhecimento, de uma extraordinária sabedoria e dos segredos dos Deuses, que legaram aos Ugha Mongulala com a finalidade de preservar a herança, tal como está escrito na crônica, com boas palavras e numa escrita clara:

Esta é a nossa mais elevada lei. Conservareis o nosso legado. Conservá-lo-eis onde quer que fordes, onde quer que puderdes construir as vossas cabanas, onde quer que encontrardes um novo lar. Não fareis de acordo com a vossa vontade, mas seguireis a vontade dos Deuses. Ouvireis as suas palavras com reverência e gratidão. Porque grande e infinito é o seu saber.

II

O IMPÉRIO DE LHASA (2.982 A. C. - 2.470 A. C.)

“O cultivo dos vales do Nilo, do Eufrates e do Tigre, iniciou o desenvolvimento das mais velhas civilizações do Oriente. Cerca de 3.000 a. C., o velho Reino, fundado pelo rei Menes, estabeleceu-se no Egito. Tinha uma administração central e um serviço de estado civil admiravelmente estruturado. O Faraó e a Grande Casa têm absoluto poder para governar como divina reencarnação. A sua mais importante ação oficial é a construção de um gigantesco túmulo de pedra, a pirâmide. As estátuas e os relevos mágicos das câmaras funerárias são evidência tanto do alto nível do material como da cultura espiritual. O bem desenvolvido escrito hieroglífico, aperfeiçoado pelos sacerdotes, descreve a glória do império. Cerca de 2.500 a. C., os Sumérios avançaram na Babilônia. Em 2.350, o rei semita Sargão fundou o primeiro grande império conhecido na História. As únicas datas sobre o desenvolvimento histórico no continente americano são fornecidas pelo historiador espanhol Fernando Montesinos, que situa o início da dinastia dos Reis do Sol incas no terceiro milênio a. C.”

A NOVA ORDEM

Durante muito tempo não havia mais que terra e montanhas. Isto foi o que os Deuses nos ensinaram. Esta é a lei da natureza. O meu povo também está sujeito a esta lei. É suficientemente forte para confiar na mais elevada lei do mundo. Mas que sentido tem para nós a vida se não combatermos? Que sentido haverá se os Bárbaros Brancos nos quiserem eliminar? Roubaram-nos as nossas terras e perseguiram homens e animais. O gado selvagem desaparece depressa. Há só alguns jaguares, que ainda há poucos anos eram muito abundantes. Uma vez extintos, teremos de morrer de fome. Seremos obrigados a render-nos aos Bárbaros Brancos.

Mas nem sequer isso os satisfará. Querem que vivam segundo os seus costumes e leis. No entanto, somos homens livres, pertencemos ao Sol e à Luz. Não desejam encher o nosso coração com falsas esperanças. Não queremos ser como os Bárbaros Brancos, que podem ser felizes e alegres mesmo quando os seus irmãos estão infelizes e tristes. Portanto, não temos alternativa senão pegar na Seta Dourada, lutar e morrer tal como Lhasa nos ensinou, Lhasa o Exaltado Filho dos Deuses, que veio para fundar um novo império e proteger os Ugha Mongulala da destruição.

Lhasa deixou atrás de si poder e glória. Havia decisões e governo. Filhos nasceram. Muitas coisas aconteceram. E o Povo Escolhido tornou-se mais famoso quando reconstruiu Akakor com cimento e cal. Mas os Servos Escolhidos não trabalhavam. Não construíam nem fortalezas nem habitações. Deixavam isso às Tribos Escravas. Não tinham necessidade de pedir, de ordenar ou de usar violência. Todos obedeciam com prazer aos novos senhores. O império expandia-se. O poder dos Servos Escolhidos era grande. As suas leis eram válidas nos quatro cantos do império.

Lhasa restaurou a fama dos Ugha Mongulala. Os limites eram tranquilos e seguros. As tribos inimigas haviam sido derrotadas. As Tribos Aliadas estavam sujeitas ao serviço militar, tal como o Exaltado Filho dos Deuses tinha ordenado. Mas Lhasa não só restabeleceu o exterior poder do império; também renovou a ordem interior do reino, Lhasa dividiu os Ugha Mongulala em grupos e classes e pela primeira vez se assentou a herança dos Deuses em leis escritas. Durante milhares de anos estes governaram a vida do meu povo. Só se completaram depois da chegada de dois mil soldados alemães, muitos séculos mais tarde.

“Temos de dividir as nossas tarefas”. Assim falou e resolveu Lhasa. E assim se renovaram as fileiras e se distinguiram as classes. O príncipe, o grande-sacerdote e os mais velhos do povo – todos os títulos e dignitários foram de novo designados. Esta foi à origem de todas as categorias e classes. Esta foi à nova ordem do Exaltado Filho dos Deuses, que determinou a vida dos Ugha Mongulala.

De acordo com a lei escrita de Lhasa, o príncipe é o chefe dos Ugha Mongulala. É o mais elevado servo dos Deuses, descendente dos Primitivos Mestres e governador das Tribos Escolhidas. O povo chama-lhe o Exaltado porque o escolheram para administrar o império. Não foi eleito. O ofício de príncipe é hereditário e passa de pai para filho, a quem é atribuído o legado dos Deuses, concedido pelos sacerdotes desde a idade de onze anos em diante. Instruíram-no na história das Tribos Escolhidas e prepararam-no para a sua futura tarefa com exercícios físicos e espirituais.

Depois da morte do príncipe, o seu filho primogênito é chamado perante os mais velhos. Deve provar-lhes que está destinado a ser o mais alto servo dos Primitivos Mestres. Depois de ter passado o exame, o grande-sacerdote manda-o para a secreta região das moradias subterrâneas. Aqui deve ficar durante treze dias e conversar com os Deuses. Se estes pensarem que ele merece herdar o seu legado, os mais velhos oferecer-lhe-ão as novas regras de governo do povo. Se os Deuses o rejeitarem e eles não voltarem depois de treze dias das regiões subterrâneas, os sacerdotes determinam, com o auxílio das estrelas, o correto herdeiro. Calculam o nascimento de uma criança do sexo masculino com seis anos de antecedência. O eleito desta época é levado para Akakor e preparado para o seu futuro cargo.

E esta é a maneira como o príncipe governa as Tribos Escolhidas: ele é o supremo chefe e o maior administrador do império. Os guerreiros de Ugha Mongulala estão sob as suas ordens. Os exércitos das Tribos Aliadas devem-lhe obediência. Só ele decide da paz e da guerra. Designa os mais elevados dignitários civis e os chefes militares. As veneráveis leis de Lhasa só podem ser alteradas com a sua aprovação. Por ser legítimo descendente dos Deuses, o príncipe está acima da lei dos homens e destinado a invalidar por três vezes o Conselho dos Velhos.

Três mil dos melhores guerreiros, selecionados nas melhores famílias, estavam sob as ordens diretas do príncipe. Eram os únicos autorizados a entrar nas moradias subterrâneas, onde moravam os Deuses, levando armas. Aos guerreiros regulares não era permitido fazê-lo, sobre castigo de exílio. Mas a posição do príncipe não é

baseada no seu poder pessoal. Assenta na sua sabedoria, na sua perspicácia, no seu conhecimento, o legado dos Deuses, como está escrito na Crônica de Akakor:

Assim falou e resolveu Lhasa. Porque Lhasa era sensato. Conhecia as fraquezas dos humanos. Com as suas leis dominou a sua ambição. Determinou o futuro e o bem-estar das Tribos Escolhidas.

A VIDA DA COMUNIDADE

Os Bárbaros Brancos só pensam no seu próprio bem estar e distinguem estritamente entre o que é meu e teu. Sempre que virdes qualquer coisa do seu mundo – uma peça de fruta, uma árvore, água, um montículo de terra -, há sempre alguém que clama que lhe pertence. Na língua dos Ugha Mongulala meu e teu são uma palavra apenas e significam a mesma coisa. O meu povo não tem posses nem propriedades pessoais. A terra pertence a todos igualmente. Os servos civis do príncipe distribuem um bocado de terreno fértil a cada família, dependendo o seu tamanho do número dos seus membros. Muitas famílias associam-se no estabelecimento da comunidade, e juntos cultivam e colhem o que semeiam. Um terço da colheita pertence ao príncipe, o segundo terço aos sacerdotes, e o último terço fica para a comunidade.

A maioria dos Ugha Mongulala passa toda a sua vida na aldeia. Gozam da proteção do príncipe, que é ao mesmo tempo seu servo. Fazem o seu trabalho nos campos sob a direção de funcionários. O trabalho começa no fim da estação seca, quando se inicia a preparação das sementeiras. O duro solo dos campos torna-se solto com a cava, e a semente é lançada a terra. O sacerdote da comunidade sacrifica então frutos escolhidos da última colheita no templo da aldeia e pede a bênção dos Deuses. Durante a subsequente estação das chuvas, as mulheres estão ocupadas, tecendo e tingindo tecidos, enquanto os homens passam o tempo caçando. Com um arco e uma longa lança de bambu seguem a pista do jaguar, da anta e do javali. A sua presa é cortada em

pedaços: a carne é untada com mel e enterrada no chão fundo, para ficar armazenada. Desta maneira mantém-se fresca até a próxima estação seca. As peles dos animais são curtidas e trabalhadas pelas mulheres, em sandálias e botas. Na época das colheitas, as famílias, com cestos e jarros, saem para os campos para colher os frutos. Cereais e batatas são guardados em grandes armazéns e mais tarde levados para Akakor, de acordo com o que está prescrito quanto à divisão dos bens.

Depois do avanço dos Bárbaros Brancos, o fértil solo dos vales dos Andes e as regiões superiores do Grande Rio tornaram-se estéreis. Assim, o meu povo começou a construir plataformas nas encostas e nas colinas, que são irrigados por um denso sistema de canais. Muralhas protetoras, inteligentemente escalonadas, evitam que o solo fértil seja arrastado. Todas as grandes edificações têm enormes cisternas e canais subterrâneos para levar água aos campos. É assim que o meu povo cultiva os alimentos nas planícies e nas montanhas, tal como Lhasa ordenou e da maneira como está escrito na crônica:

Agora falaremos sobre o que aconteceu nos campos onde os Servos Escolhidos se reuniram. Juntaram os frutos da terra. Conjuntamente cultivavam cereais e batatas, mel das abelhas e resina. Porque o produto pertence a todos e o solo também é propriedade de todos. Eis como Lhasa organizou tudo de modo que não houvesse diferenças nem fome. E a terra assegurava abundância. O povo sentia-se feliz com a fartura e a vida. Havia comida mais que suficiente nas ilhas, nas planícies e nas floretas, ao longo dos rios e na imensidão das lianas.

O meu povo fez muitos objetos maravilhosamente trabalhados que serviam para uso cotidiano. As mulheres tecem os melhores tecidos da lã do carneiro da montanha. Utilizam a seiva de vegetais e de árvores desconhecidas dos Bárbaros Brancos para tingir tecidos e poder transformá-los em simples, mas belas texturas. Nas planícies e nas florestas do Grande Rio usamos só tangas seguras por um cinto de lã colorida. Defendemo-nos do frio das montanhas com um casaco feito de lã rústica. Os enfeites são usados unicamente em festas especiais. As mulheres enfeitam o cabelo com fios coloridos,

correspondentes às cores respectivas das povoações da comunidade. Os homens pintam-se com as quatro cores da tribo dos Ugha Mongulala: branco, azul, vermelho e amarelo. Só as classes superiores - oficiais, sacerdotes e os membros do Grande Conselho – usam um tufo de penas de cor. Como distinção particular da sua situação social, o príncipe e os mais idosos do povo usam no peito tatuagens.

Como acontece com todos os que vivem junto ao Grande Rio, as necessidades diárias dos Ugha Mongulala são modestas. A sua alimentação básica é constituída de batatas, cereais, e também tubérculos e raízes de várias plantas. As batatas são assadas; a carne, frita ao ar livre ou na entrada da casa. Bebemos água e sumo de cereais fermentados em todas as nossas refeições. Servimo-nos com colheres de pau e de facas de bronze para comer. Não há mesas nem cadeiras nas cabanas de pedra retangulares. Às refeições a família ajoelha-se no chão de argila e de noite dorme sobre os bancos de pedra cortada. Só com os soldados alemães o meu povo aprendeu a utilidade dos colchões cheios de erva. Enfiam-se ganchos de bronze no interior das paredes das casas e, durante a noite, os tecidos de lã ficam pendurados à entrada. A comida é guardada em grandes bilhas de barro, feito com a terra vermelha das montanhas. Com grandes cordas, desce-se até ao interior de vulcões extintos, para poderem secar, e depois se decoram com belos desenhos, que representam cenas da história dos Ugha Mongulala. Mas não se podem comparar com os objetos dos nossos Primitivos Mestres. Não temos as ferramentas que eles tinham que, como por magia, suspendiam as pedras mais pesadas, arremessavam raios ou derretiam rochas. Os Deuses não nos divulgaram estes segredos. Nos seus legados só estão refletidas as leis da natureza. Mas a natureza não conhece a passagem do tempo, nem desenvolvimento, nem progresso. O eterno círculo da vida determina todos os seres – plantas, animais e humano – tal como está escrito na Crônica de Akakor:

Tudo existe e passa. Assim falam os Deuses. E assim o ensinaram às Tribos Escolhidas. Todos os homens estão sujeitos às suas leis,

porque há uma íntima relação entre o céu em cima e a terra em baixo.

O meu povo submeteu-se à vontade dos Deuses. Isto é óbvio em todos os aspectos da vida e também no seio da família. Cada um dos Ugha Mongulala tem de cumprir os seus deveres para com a comunidade. Inicia a sua própria família com a idade de dezoito anos. Se um jovem gosta de uma rapariga, vive com ela durante três meses em casa dos pais. Durante este período de prova não é autorizada qualquer intimidade. Se ele ainda quiser casar com ela depois dos três meses terem passado, o sacerdote proclama o seu casamento. Como sinal de lealdade mútua, trocam sandálias na presença de todos os membros da comunidade.

De acordo com as leis de Lhasa, cada família só pode ter dois filhos. Depois, o grande-sacerdote dá à mulher um remédio que a torna estéril. Deste modo, o Exaltado Filho dos Deuses, na sua sabedoria, evitou a miséria e a fome. O meu povo não acredita no divórcio. Se o homem e a mulher insistem, podem voltar a viver separadamente, mas sob a pena de ser exilado se tornarem a casar. Para quem conhece só um homem ou uma mulher a vida pode ser verdadeiramente feliz.

“Cometestes um triste feito. Que a desgraça te envolva. Oh!, que os Deuses te tivessem mostrado a luz! Que fizeste? Porque desrespeitaste as leis dos Antigos Pais? És culpado”. Assim o grande-sacerdote falou a Hama. E Hama, que desprezara sua mulher e chamara para junto de si uma rapariga, admitiu o delito. O seu coração foi dominado pela angústia e pelo terror. Chorou lágrimas amargas. Mas o grande-sacerdote não se comoveu. “-te-Nem a morte nem a prisão te estão destinadas. Infringiste a nossa lei mais sagrada. Mandar ei para o exílio. Esta é a nossa decisão”. E Hama, que renegara a mulher, foi expulso. Viveu para além das fronteiras como um corrupto. Ninguém mais cuidou da sua cabana. Ele vagueava pelas montanhas. Comia casca de árvores e líquens, os líquens amargos que crescem nas rochas. Não sabia o que fosse boa comida. E nunca tinha consigo qualquer mulher.

A GLÓRIA DOS DEUSES

Cento e trinta famílias dos Deuses vieram para a Terra e selecionaram as tribos. Fizeram dos Ugha Mongulala seus Servos Escolhidos e depois da sua partida legaram-lhes o seu enorme império. Com a primeira Grande Catástrofe o império dos Deuses desintegrou-se. As Tribos Aliadas abandonavam os seus antigos territórios e viviam de acordo com as suas próprias leis. Então Lhasa restabeleceu o império na sua primitiva glória e poder. Dominou os Degenerados, que se haviam revoltado contra Akakor, e integrou muitas tribos selvagens no novo império em desenvolvimento. Para salvaguardar a unidade obrigou-os a falar a língua dos Ugha Mongulala e a escolher novos nomes. Deu nomes às Tribos Aliadas das províncias e da região de Akakor: Tribo que Vive na Água, Tribo dos Comedores de Serpentes, Tribo dos Vagabundos, Tribo dos Comedores de Refugo, Tribo dos Demônios do Terror, Tribo dos Maus Espíritos. Também atribuiu nomes aos povos que viviam nas florestas das margens do Grande Rio: Tribo dos Corações Negros, Tribo das Grandes Vozes, Tribo onde Cai a Chuva, Tribo que Vive nas Árvores, Tribo dos Matadores de Antas, Tribo das Caras Torcidas e Tribo da Glória Crescente. As tribos selvagens fora do império eram excluídas desta honra.

Quando da chegada dos Bárbaros Brancos, há quinhentos anos, a velha ordem de Lhasa foi destruída. A maioria das Tribos Aliada traiu o ensino dos Antigos Pais e começaram a adorar o sinal da cruz. Presentemente, só os Ugha Mongulala vivem de acordo com o legado dos Deuses. As nossas crenças diferem fundamentalmente da falsa fé dos Bárbaros Brancos, que adoram a propriedade, a riqueza e o poder e consideram que não é grande sacrifício conseguir um pouco mais que o seu vizinho. Mas o testamento dos nossos deuses ensina-nos como viver e como morrer. Indica-nos o caminho de uma vida para além da morte. Ensina-nos como o corpo é criado, como morre e como é constantemente transformado em comida. Por esta razão não pode representar a nossa vida real. Os nossos sentidos dependem do nosso corpo e são levados por ele como a chama de uma vela. Quando a vela se extingue, os

sentimentos também se extinguem. Portanto, também não podem representar a nossa vida real. Porque tanto o nosso corpo como os nossos sentidos estão sujeitos ao tempo; o seu caráter consiste nas mudanças. E a morte é a mudança total. A nossa herança ensina-nos que a morte destrói qualquer coisa que de fato podemos dispensar. O verdadeiro Eu, cerne dos humanos, da vida, está fora do tempo. É imortal. Depois da morte do corpo volta para donde veio. Tal como a chama usa a vela, o Eu serve-se do homem para manifestar a vida. Depois da morte, regressa ao nada, ao início do tempo, ao primeiro começo do mundo. O homem faz parte de um grande e incompreensível acontecimento cósmico que decorre vagarosamente e é governado por uma lei eterna. Os nossos Primitivos Mestres conheciam essa lei.

Deste modo, os Deuses ensinaram-nos o segredo da segunda vida. Mostraram-nos que a morte do corpo é insignificante e que só a imortalidade conta desligada do tempo e da matéria. Nas cerimônias do Grande Templo do Sol agradecemos a luz de um novo dia e sacrificamos mel das abelhas, incenso e frutos escolhidos, como está escrito na crônica:

E agora falaremos do templo que tem o nome de “Grande Templo do Sol”. Chama-se assim em honra dos Deuses. Aqui se reúnem o príncipe e os sacerdotes. O povo queimava incenso. O príncipe queimava as penas azuis da ave da floresta – como sinais para os Deuses. Deste modo, os Servos Escolhidos prestavam homenagem aos seus Antigos Pais, que são do mesmo sangue e têm o mesmo pai.

Os conhecimentos dos nossos Primitivos Mestres eram vastos. Sabia qual era o curso do Sol e dividiram o ano. Os nomes que deram aos treze meses foram Unaga, Mena, Lano, Ceros, Mens, Laime, Gisho, Manga, Klemnu, Tin, Meinos, Denama e Ilashi. Duas luas de vinte dias são seguidas por uma lua dupla. Cinco dias extraordinários no fim do ano são dedicados à veneração dos nossos Deuses. Então, celebramos o nosso mais sagrado feriado, o solstício, quando começa a renovação da natureza. Os Ugha Mongulala reúnem-se nas montanhas ao redor de Akakor e saúdam o Ano Novo. O grande-sacerdote inclina-se perante o disco de ouro

no Grande Templo do Sol e profetiza o futuro imediato, tal como prescrevem as leis dos Deuses.

O legado dos Antigos Pais rege a vida dos Ugha Mongulala desde que nascem até que morrem. Frequentam escolas de sacerdotes desde os seis até aos dezoito anos de idade. Aí aprendem as leis da comunidade, do bem-estar, da caça aos animais selvagens e do cultivo da terra. As raparigas aprendem a tecer, a cozinhar e a trabalhar no campo. Mas a tarefa mais importante das escolas dos sacerdotes é a revelação e a explicação do legado. O jovem Ugha Mongulala aprende os sinais sagrados dos Deuses e como viver e morrer. Aos dezoito anos, o rapaz tem de fazer uma prova de coragem. Cada jovem tem de lutar contra um animal selvagem do Grande Rio, porque só quem enfrenta a morte pode compreender a vida. Só então se torna digno de ser aceito pela comunidade dos Servos Escolhidos. É autorizado a escolher um nome e a iniciar uma família. Após a sua morte, a família corta-lhe a cabeça e queima o corpo. O sacerdote mostra a cabeça ao sol-nascente, como sinal de que aquele que partiu cumpriu todos os seus deveres para com a comunidade. Depois a cabeça é conservada num dos nichos do Grande Templo do Sol, tal como está narrado na crônica, com boas palavras e numa escrita clara:

Assim, os vivos sacrificavam-se pelos mortos. Juntavam-se no Grande Templo do Sol. Os pranteadores ficavam em frente dos olhos dos Deuses. Ofereciam resina e ervas mágica. E o grande-sacerdote falava: “Agradecemos verdadeiramente aos Deuses. Eles deram-nos duas vidas. Excelente é a sua ordem no céu e na terra”.

III

APOTEOSE E DECLÍNIO DO IMPÉRIO (2.470 A. C. - 1.421 A. C.)

“No Egito, o Velho Reino terminou cerca de 2.150 a. C. Aproximadamente na mesma altura, a Babilônia foi destruída, devido à invasão das tribos da montanha. O império de Sumer e Akkad estabeleceu-se cerca de 2.000 a. C. A unidade política durante o governo do rei Hammurabi atingiu ainda um mais elevado nível de arte e civilização. O seu código forneceu as bases das subsequentes leis do Império Romano. Iniciadas cerca de 2.000 a. C., as tribos indo-germânicas começaram a espalhar-se pela Europa. Todas as estruturas de estado do Velho Mundo tiveram uma nova imagem devido aos carros de combate. Enquanto o poderoso Novo Reino egípcio de Thotmés estendia as suas relações internacionais até Creta, a idade do Bronze florescia na Europa e levava ao desenvolvimento das civilizações mais diferenciadas. No Novo Mundo, a documentação dos acontecimentos históricos começa com as nações Chavin, no Peru, cerca de 900 a. C. Até esta data nada se sabia sobre os índios da Amazônia.”

O IMPÉRIO NA MAIS ELEVADA FORMA DO SEU PODER

Os territórios do meu povo são vastos. Esta terra, primitivamente, só era habitada pelos Ugha Mongulala e tribos selvagens, entre as quais muitas nações poderosas do Grande Rio. Uma após outra, as tribos são extintas pelos Bárbaros Brancos. Se a comunidade se defendia, os homens eram assassinados e as mulheres e as crianças eram tratadas como animais. Isto está escrito na nossa crônica e não na dos Bárbaros Brancos. Estes contaram a história erradamente. Afirmaram muitas coisas que não são verdadeiras. Só se referiram aos seus feitos heroicos e à estupidez dos “selvagens”.

Os Bárbaros Brancos estão mentindo constantemente, enganando-se uns aos outros. Quebrando todas as leis da natureza, acreditam que criarão um mundo novo e melhor. Porém, segundo o legado dos nossos Deuses, a Terra foi criada com o auxílio do Sol. O Mundo, a Terra e o meu povo pertencem-se. Estão inseparavelmente ligados, tal como Lhasa nos ensinou e está escrito na Crônica de Akakor:

Os Servos Escolhidos não governaram de mão leve. Não esbanjaram sacrifícios. Eles próprios os comeram e beberam. Alcançaram grande poder e receberam grandes tributos: ouro, prata, mel das abelhas, frutos e carne. Isto eram tributos das tribos escravas. Tudo isto aconteceu antes do príncipe, governador de Akakor.

No oitavo milênio (2.500 a. C.) o império de Akakor atingiu o seu mais alto grau. Dois milhões de guerreiros dominavam as planícies do Grande Rio, as vastas regiões de florestas de Mato Grosso e as férteis planícies das encostas orientais dos Andes. Duzentos e quarenta e três milhões de pessoas viviam de acordo com as leis do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa. Mas, na altura de o império atingir o seu máximo, começou a declinar. Primeiro, apareceram alterações que tornaram a colocar Akakor na defensiva das tribos selvagens, que agora atingiam os milhares. Dificilmente a terra produzia alimento para tanta gente. Levados pela fome, repetidamente invadiram os territórios do império. E as Tribos Aliadas igualmente se revoltaram contra o domínio dos Ugha Mongulala. Surgiram novas nações, que Akakor teve dificuldade em vencer.

Por ordem do alto comando saíram para a região do Grande Lago, nas montanhas, e também ocuparam os terrenos circunvizinhos. Eram batedores e guerreiros acompanhados pelo mensageiro com a Seta Dourada. Tinham sido enviados para observar os inimigos de Akakor e derrotá-los. Juntos, os guerreiros das Tribos Escolhidas foram para a guerra. As Tribos Aliadas fizeram muitos prisioneiros e rejeitaram o legado dos Deuses. Tinham criado as suas próprias leis. Viviam de acordo com as suas regras. Mas os guerreiros dos

Servos Escolhidos eram corajosos. Derrotaram o inimigo e deixaram-no sangrar.

Durante milhares de anos, os exércitos dos Ugha Mongulala tinham sido superiores aos dos guerreiros das tribos rebeldes, porque eram cuidadosamente treinados e iam para o campo de batalha de acordo com planos legados por Lhasa Cem mil guerreiros estavam sob as ordens do comandante-chefe, o Chefe de Cem Mil Homens. Dez mil homens eram chefiados por um capitão ou um Chefe de Dez Mil Homens. Os Chefes de Mil Homens e os Chefes de Cem Homens iam à frente do exército e davam sinal de ataque. Depois de uma batalha vitoriosa, fizeram prisioneiros e dividiram o saque. Se a luta parecia perdida, os Ugha Mongulala retiravam-se a coberto da escuridão e preparavam as suas posições. Só em casos muito raros o príncipe acompanhava o exército. Batedores escolhidos mantinham-no em contato com os guerreiros, de modo a poder dar-lhes assistência, mas com o seu palácio guardado, para qualquer caso de emergência. Quando os Bárbaros Brancos vieram, o meu povo abandonou esta ordem de batalha. Mesmo um enorme exército não poderia resistir às setas invisíveis deste novo inimigo. A época das grandes campanhas havia passado.

Hoje, temos simplesmente um exército de dez mil guerreiros, todos treinados para combate individual. Estão agrupados em partes iguais e sob o comando de cinco dos mais altos comandantes e cinco dos mais altos sacerdotes. Cada guerreiro está equipado com arco e seta, uma comprida lança pontiaguda, uma funda e uma faca de bronze. Tem um escudo de grossas tranças de bambu, que lhe serve de proteção contras as setas do inimigo. O exército é acompanhado por grande número de batedores. Os chefes determinam a duração do ataque, de acordo com as suas informações. A declaração de guerra é decidida pelo príncipe. É ele também que envia o batedor com a Seta Dourada, como sinal de batalha iminente.

A maior campanha antes da chegada dos Godos deu-se cerca de 8.500. De acordo com o que contam os sacerdotes, tribos selvagens dos limites norte do império aliaram-se com a Tribo dos Vagabundos. Assassinando e roubando, avançaram até ao Grande

Rio. A Tribo das Grandes Vozes fugiu em pânico. Maid, o legítimo governador das Tribos Escolhidas, declarou então guerra às tribos inimigas.

Como um poderoso exército de toda a parte do império se começasse a organizar, os Ugha Mongulala iniciaram as necessárias preparações militares. Fizeram arcos, setas, fundas e lanças de bambu nos vales e florestas banhados pelo Grande Rio. Tanto de noite como de dia os caçadores partiam para trazer a caça necessária para os guerreiros. As mulheres teciam panos de guerra para os seus homens e cantavam canções sobre os feitos heroicos dos grandes príncipes. Todo o reino de Maid foi dominado por um grande desejo de combater. Seja como for, é isto que os sacerdotes contam. Finalmente, depois de seis meses, quando um exército de trezentos mil homens estava reunido, Maid, o príncipe, chamou os mais velhos e os sacerdotes. Vestindo a toga brilhante de ouro de Lhasa e com o bastão azul, vermelho e amarelo, com penas pretas, mandou chamar o batedor da Seta Dourada. Quando este chegou, todos os presentes fizeram uma profunda vênica. Maid deu-lhe pão e água, sinais de vida e de morte. Espalhou-se a alegria por entre as tribos dos Servos Escolhidos, gritos de entusiasmo que alcançaram os quatro cantos do mundo e espalharam o medo e o terror entre as tribos inimigas.

Depois começou a grande marcha para a fronteira norte. Durante dois meses, os tambores ressoaram e fizeram tremer a terra. E os sacerdotes contam também que no fim do segundo mês as Tribos Escolhidas encontraram o exército inimigo. Gritando os seus brados de guerra, os guerreiros precipitaram-se uns contra os outros. Os arqueiros lançaram as suas setas e desbarataram a vanguarda do inimigo. Eram seguidos por tropas de lanceiros que tentaram vencer a principal força que resistia. A batalha cedeu na noite seguinte, pois, de acordo com o legado dos Deuses, nenhum guerreiro pode entrar na segunda vida se morrer durante as horas de escuridão. Contudo, na manhã seguinte o combate foi retomado com intensidade dobrada. Os Ugha Mongulala venceram a Tribo dos Vagabundos num poderoso ataque. Os seus chefes renderam-se implorando perdão. Mas Maid não os escutou, e nenhum foi

poupado. Tanto a tristeza como a alegria se espalharam ao mesmo tempo por todo o império.

OS POVOS DEGENERADOS

Durante o oitavo e o nono milênio, os Ugha Mongulala empreenderam várias campanhas contra as tribos rebeldes. Maid derrotou a Tribo dos Vagabundos e repeliu o ataque das tribos selvagens da zona baixa do Grande Rio. Nimaia edificou as três fortalezas de Mano, Samoa e Kin, no país chamado Bolívia, e construiu fortes posições defensivas na vizinhança dos recintos do destruído templo de Mano. Outros chefes travaram outras batalhas: Anau combateu contra a Tribo dos Comedores de Serpente e a dos Corações Negros. Ton castigou os Matadores de Antas pela sua desobediência e mandou os batedores até às costas do oceano leste. Kohab, um descendente do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa, particularmente heroico, derrotou a Tribo das Caras Torcidas numa sangrenta batalha que durou três dias, na parte superior do rio Negro, e estendeu o seu império até ao país chamado Colômbia. Muda construiu um segundo cinto de defesa em volta de Akakor e armazéns subterrâneos nos vales dos Andes.

Mas foi o príncipe Maid que teve de suportar a guerra mais violenta. Trata-se da luta contra a Tribo que Vive na Água, que fundara o seu próprio império nas montanhas do Peru depois da segunda Grande Catástrofe. No decorrer de oitocentos anos, os seus chefes dominaram numerosos povos selvagens e avançaram até Machu Picchu. A fim de evitar que tribo atacasse Akakor, o Alto Conselho decidiu submetê-lo. Numa guerra com pesadas baixas, que durou três anos e em que os Ugha Mongulala sofreram muitas derrotas humilhantes, Maid finalmente venceu a Tribo que Vive na Água e fez prisioneiro o seu chefe. O perigo que vinha do oeste parecia ter sido vencido.

Como acabará isto? Cada vez mais, as pessoas fazem as suas próprias leis e esquecem o legado dos Deuses, vivem como

animais. Grande é o número dos Servos Escolhidos, mas inúmeros são os Degenerados. Eles devastam os nossos campos e matam os nossos filhos. São imperiosos e muitos são os povos que dominaram.

As tribos rebeldes citadas na crônica pertencem aos Degenerados. Lhasa integrara-os no império de Akakor e ensinaram-lhes o legado dos Deuses. No decorrer dos milênios fugiram à soberania dos Ugha Mongulala e esqueceram o ensino dos Antigos Pais. Viviam como tribos selvagens em cabanas de palha ou casas feitas de canas com feitiço retangular, bastante grande para toda a comunidade tribal. As suas instalações eram cercadas por uma alta barreira de madeira. Não usavam roupas. Não conheciam o tear. Mas são peritos em trabalhar as penas que usam na cabeça. Os Degenerados cultivam a terra depois de queimarem a floresta. Plantam mandioca, trigo e batatas. Para eles a caça é tão importante como o cultivo da terra. Os seus arcos e setas são semelhantes aos nossos, mas menores e mais leves. Adotam o mesmo veneno que os Ugha Mongulala. Em combate usam a lança com a ponta de pedra afiada.

O meu povo venera o legado dos Deuses, e as Tribos Degeneradas adoram três diferentes divindades: o Sol, a Lua e um deus do Amor. Para eles, o Sol é a mãe de toda a vida da Terra. A Lua é a mãe de todas as plantas e animais. O deus do Amor protege a tribo e é responsável pela fertilidade dos povos. Se uma tribo acredita que é infeliz, o sacerdote mágico afasta os maus espíritos. Os Degenerados também sabem do essencial Eu, que se solta do corpo no momento da morte e inicia uma segunda vida. Acreditam que esta segunda vida se realiza nas moradias subterrâneas dos Primitivos Mestres.

VIRACOCHA, O FILHO DO SOL.

Os Bárbaros Brancos acreditam que possuem o mais elevado conhecimento. E, na verdade, fazem muitas coisas que nunca

compreenderemos e que, para nós, é mistério. Mas o verdadeiro elevado conhecimento dos humanos há muito que desapareceu. O conhecimento dos Bárbaros Brancos é simplesmente um reaprender e redescobrir dos segredos dos Deuses, que moldaram a vida de todos os povos da Terra. Os Servos Escolhidos têm lealmente preservado o legado dos Deuses, e o seu conhecimento é conseqüente maior. As Tribos Degeneradas dificilmente recordam a época dos seus antepassados e vivem na escuridão. O legado dos Deuses nunca foi revelado aos Bárbaros Brancos ou às tribos selvagens, que, tais como animais, vagueia pelo país.

Só um povo à parte dos Ugha Mongulala conhece as leis dos Deuses. São os Incas, nação irmã das Tribos Escolhidas. A sua história começa no ano 7.951 (2.530 a. C.). Neste ano, Viracocha, o segundo filho do príncipe Sinkaia, ergueu-se contra o legado dos Deuses. Fugiu para a Tribo que vive na Água e fundou o seu próprio império.

E, homens poderosos em magia, os sacerdotes se juntaram. Sabiam sobre futuras guerras. Tudo lhes era revelado: sabiam se a guerra e a discórdia tinham acabado. Na verdade, o seu conhecimento era poderoso. E desde que previra a traição de Viracocha, o segundo filho de Sinkaia, castigaram-se e jejuaram no Grande Templo do Sol de Akakor. Só comiam três espécies de fruta e pequenos bolos de trigo. Era na verdade um grande jejum, para vergonha de Viracocha, que não tinha fé. Nenhuma mulher se lhes juntou. Durante muitos dias ficaram sozinhos no templo, perscrutando o futuro, sacrificando incenso e sangue. Era assim que passavam o seu tempo desde a madrugada ao entardecer e ainda as suas noites. Rezavam com corações exaltados, pelo perdão para o descrente filho de Sinkaia.

As orações dos sacerdotes não conseguiram comover o coração do segundo filho de Sinkaia. Embora não fosse autorizado a ocupar o cargo do príncipe, reclamou a soberania sobre o povo dos Ugha Mongulala. Revoltou-se contra o legado dos Deuses e infringiu as leis de Lhasa. Para manter a paz no reino. O Alto Conselho levou Viracocha a julgamento. Na Grande Sala do Trono os mais velhos

do povo consideraram-no culpado. O seu julgamento foi a pena maior e mais dura, e foi enviado para o exílio.

Viracocha, o filho do Sol, como mais tarde chamou a si próprio, foi o único descendente de Lhasa que infringiu as leis dos Deuses e teve de pagar o seu crime com o exílio. Esse foi o maior castigo do meu povo até a chegada dos soldados alemães, que insistiram na introdução da pena de morte. Para crimes menores, tal como a violência ou desobediência, os culpados devem justificar-se publicamente. A preguiça é considerada uma fratura das leis da comunidade e é punida com um período de serviço nas mais perigosas fronteiras. A embriaguez é somente um crime se o acusado não cumpriu com os seus deveres por causa dela. O mais hediondo crime é o roubo, visto o meu povo possuir tudo em comum e a propriedade individual não ter significado. Tal como os adúlteros, os assassinos, os rebeldes e os ladrões são também enviados para o exílio.

Viracocha, o Degenerado, não só infringiu o legado dos Deuses como também ignorou a decisão do Alto Conselho. Em vez de viver sozinho na montanha, como é prescrito pelas leis do meu povo, fugiu para a Tribo que Vive na Água. Levou a tribo para um vale da montanha, nos Andes, e construiu Cuzco, a cidade dos quatro cantos do mundo, como lhe chamou. Uma nação irmã nascera o povo dos Incas, os filhos do Sol. O seu império ergueu-se rápido e poderoso. Sob a chefia de Viracocha e dos seus descendentes, conquistaram muitos países e submeteram inúmeras tribos selvagens. Os seus guerreiros conquistaram as costas ocidentais do oceano e avançaram profundamente na selva de cipós do Grande Rio. Juntaram enorme fortuna na capital do império e introduziram novas leis contra o legado dos Deuses. Os Incas até desenvolveram a sua própria escrita. Consta de cordas multicoloridas atadas em nós. Cada nó e cada corda tem um significado definido. Várias cordas atadas representam uma mensagem. Deste modo desenvolveram o seu império, fundado na idolatria e na opressão, e não levou muito tempo a montarem uma campanha de destruição contra os Ugha Mongulala.

Mas estava escrito que os descendentes de Viracocha rejeitariam o legado dos Deuses. Quando o seu poder atingiu o máximo, cumpriu-se o predito pelos nossos sacerdotes. Eclodiu uma cruel guerra fratricida que abalou o império nas suas próprias bases. E a destruição foi completada com a chegada dos Bárbaros Brancos.

IV

OS GUERREIROS DO LESTE

(1.421 A. C. - 1.400 D. C.)

“Com o colapso dos grandes impérios, o velho mundo oriental desintegrou-se em pequenos estados. Israel foi fundado cerca de 1.000 a. C. Ao mesmo tempo, despertava na Grécia uma grande civilização e, mais tarde, outra florescia em Roma, à beira do Tibre. Presume-se que o nascimento de Jesus tenha sido em Belém em 7 a. C. Depois da divisão do Império Romano, os Ostrogodos, chefiados pelo seu rei, Teodorico, o Grande, fundaram na Itália o seu próprio império. Em 552, na batalha do monte Vesúvio, o general romano Narses derrotou inteiramente Teja, o último rei dos Bárbaros. Nada se sabe acerca dos sobreviventes desta raça. A história dos Vikings fez-se no mesmo período. O ousado povo marinheiro ocupou a costa oeste da França e da Inglaterra e estabeleceu uma base na Groenlândia. De acordo com informações não confirmadas, até alcançou a costa leste da América do Norte. A Idade Média europeia inicia-se no ano de 900. Nesta época começavam na América as histórias dos Astecas, dos Maias e dos Incas. As tribos dos Astecas e dos Incas, com a sua estrutura de classes, desenvolveram uma pura civilização neolítica exemplificada pelos hieróglifos e pelo calendário maia. No entanto, a mais forte característica dos Incas foi à expansão do seu império, que alcançou o apogeu no princípio do século XV, sob a chefia de Huayana Capac”.

A CHEGADA DOS GUERREIROS ESTRANGEIROS

Os Bárbaros Brancos são cruéis. Incendeiam florestas, e quando estas ardem pode-se ver os animais cercados pelo fogo, que correm tentando escapar às chamas, mas que, no entanto morrem queimados. A mesma coisa acontece-nos a nós. Desde que os Bárbaros Brancos vieram para o nosso país, tem havido uma guerra

contínua. Mas os Ugha Mongulala nunca foram os primeiros a apontar a seta. Os Bárbaros Brancos enviaram os primeiros guerreiros, e o segundo, e o terceiro. Só então mandamos o nosso batedor com a Seta Dourada. Mas os nossos sacrifícios foram em vão. Os Bárbaros Brancos penetraram mais ainda no nosso terreno, devastando tudo como um tornado. Dominaram as Tribos Aliadas e obrigaram-nas a seguir os seus costumes, que eram ditados por espíritos mesquinhos. Mas o homem nascera livre nas montanhas, na planície e no Grande Rio, onde o vento sopra liberto e nada escurece a luz do Sol, onde pode viver em liberdade e respirar livremente, mesmo durante as batalhas, e o caos pode vir, tal como está escrito na Crônica de Akakor:

A discórdia e a inveja surgiram de toda a parte. E os homens discutiam acerca de suas irmãs e pela sua presa. Os festivais da comunidade degeneraram em ébrias orgias. Os Servos Escolhidos revoltaram-se uns contra os outros e atiraram uns aos outros ossos e crânios dos seus mortos. As Tribos Aliadas abandonaram as tradicionais pousadas e seguiram novos caminhos, onde se instalaram. Contra a vontade do Alto Conselho de Akakor, edificaram numerosas cidades. Cada um dos seus novos chefes comandava o seu próprio exército.

No meio do décimo primeiro milênio, o império dos Ugha Mongulala ultrapassara o seu zênite. O exemplar reino de Lhasa tremeu com a revolta das Tribos Aliadas. Grandes exércitos de tribos selvagens dominaram as fortalezas da fronteira em Mato Grosso e na Bolívia. Em Akakor aumentava a tensão entre o Alto Conselho e os sacerdotes. A falsa fé e a idolatria ameaçavam o legado dos Primitivos Mestres. Só a tripla divisão do poder introduzida por Lhasa evitou o colapso do império. O povo dos Ugha Mongulala beneficiou com a sua ordem e com as suas leis, mas não conseguiu evitar uma lenta desagregação do império, que foi mais tarde acelerada pelos acontecimentos da fronteira ocidental.

Aí os Incas haviam travado ferozes batalhas e subjugado muitas tribos. Conquistaram as estradas de acesso aos estreitos do norte e avançaram pelas encostas orientais dos Andes para destruir a cidade-templo de Tiahuanaco. Pela primeira vez desde o regresso

dos Deuses, hordas hostis penetraram até às muralhas de Akakor. Mas então aconteceu o que na nossa crônica é descrito com as seguintes palavras:

Agora falamos dos guerreiros do Leste. E falaremos também da chegada dos Bárbaros. Era assim que se chamavam a eles próprios. E aqui está a sua história.. Já tinham decorrido trezentas e sessenta e quatro gerações desde a partida dos Deuses, desde o começo da luz, da vida e da tribo. Já cento e quatro príncipes tinham sucedido a Lhasa. Os corações dos Servos Escolhidos estavam tristes. O clã de Viracocha seguira para Cuzco. Aí construiu as suas cabanas. Aí erigiu templos aos seus deuses e pregou o ódio e a guerra. Esse era o seu alimento diário desde a madrugada ao entardecer e durante a noite. Então, uma estranha mensagem chegou a Akakor. Guerreiros estrangeiros subiam o Grande Rio – homens valentes, tão fortes como o gato-selvagem e tão corajosos como o jaguar. As mulheres e os filhos acompanhavam-nos. Saíam à busca dos seus deuses. E assim os Bárbaros alcançaram o império das Tribos Escolhidas.

A chegada de guerreiros estrangeiros que a si próprios se chamavam Bárbaros é um dos grandes mistérios da história do meu povo. Os Ugha Mongulala tinham provavelmente sido informados, desde o tempo de Lhasa, da existência de um grande império para além do oceano que ficava a leste, e que fora governado por Samon. Mas desde a destruição da cidade de Ofir, no sétimo milênio, a ligação tinha sido cortada. Até a chegada dos Bárbaros, os sacerdotes acreditavam que o império de Samon tinha desaparecido. Os guerreiros estrangeiros vindos do leste trouxeram uma mensagem inteiramente diferente. Havia muitas tribos e nações poderosas para além do oceano oriental. De acordo com a história dos Bárbaros, também provinham de seres divinos. Uma velha família principesca viera dos céus e tinha-lhes ensinado tudo acerca da vida e da morte. Muitos milhares de anos mais tarde, os Bárbaros foram obrigados pela fome e pelas tribos inimigas a vaguear em terra alheia. E aqui se cumpriu o seu destino.

Este é o nome do príncipe dos Bárbaros. Eles chamaram-lhe o Caçador Selvagem. Tinha grande sabedoria e muito espírito. Era

um profeta de boa vontade e realizara feitos heroicos. Salvou-os da destruição. Porque os valentes guerreiros foram batidos; pareciam condenados à perdição na montanha que vomitava fogo. Concluiu uma aliança com os ousados marinheiros do Norte. E o seu povo continuou em busca dos Deuses. Os Bárbaros procuravam pelos quatro cantos do mundo, no Extremo Azul do Mundo e no Extremo Vermelho do Mundo. Cruzaram a infinidade dos oceanos. E depois de trinta luas fundaram uma nova pátria, e o país dos Servos Escolhidos.

A ALIANÇA ENTRE DUAS NAÇÕES

A chegada dos Bárbaros no ano de 11.051 (570 d. C.) teve um decisivo significado para os Ugha Mongulala. Akakor conseguiu o apoio de um grupo de experimentados guerreiros, infinitamente superior ao das tribos rebeldes. Durante séculos, o Alto Conselho e os sacerdotes estavam afastados da luta pelo poder. O Povo Escolhido ganhara a sua confiança no legado dos Antigos Pais. Uma vez mais, a profecia dos Deuses provava ser verdadeira. Na hora da direta necessidade eles enviaram auxílio, como está escrito na Crônica de Akakor:

Assim, os Bárbaros alcançaram o império das Tribos Escolhidas. E assim se estabeleceram em Akakor. Agora existiam dois clãs, mas um só espírito. Não era nem de discórdia nem de combate. A paz reinava entre eles. Não havia nem violência nem disputa. Os seus corações eram tranquilos. Não conheciam nem ciúme nem inveja.

A aliança entre os Bárbaros e os Ugha Mongulala foi selada pela troca de dádivas. O Alto Conselho concedeu habitações e terra fértil aos recém-chegados. Os Bárbaros presentearam o meu povo com novas sementes e uma espécie de enxadas puxadas por animais. Ensinaram-lhes outras formas de cultivar o solo e mostraram aos artífices como construir melhores teares. Mas a sua melhor dádiva foi o segredo de produzir um duro metal negro que era desconhecido do meu povo e a que os Bárbaros Brancos chamam

ferro. Até a chegada dos Bárbaros nós só tínhamos trabalhado ouro, prata e bronze. O ouro e a prata vinham da região da destruída cidade-templo de Tiahuanaco. Operários escolhidos arrastavam redes nos rios em que se encontravam pedras onde havia ouro e prata. Os sacerdotes conseguiam o bronze em grandes “queimadores” de carvão voltados para leste. Mas o seu calor não era suficiente para fundir o castanho minério do ferro. Ora os Bárbaros construíram fornalhas de pedra. Buracos abertos a distâncias regulares asseguravam a ventilação e o aumento de calor. Guiados pelos novos aliados, os operários começaram a fazer grandes facas e aguçadas pontas de lança, que eram superiores às das outras tribos. Fizeram peças de vestuário trabalhadas com ferro para os dirigentes e para os Chefes de Dez Mil Homens. Durante mil anos os nossos chefes foram para a guerra com essas armas. Depois vieram os Bárbaros Brancos com as armas de fogo, contra as quais não tínhamos proteção.

A armadura de ferro, as velas negras e as coloridas cabeças de dragão dos navios dos Bárbaros foram guardadas até agora no Grande Templo do Sol. Segundo o desenho dos nossos sacerdotes, os navios podiam transportar sessenta homens e eram movidos por um meio de uma vela de fino tecido que estava ligada a um elevado mastro. Mais de mil guerreiros alcançaram Akakor transportados em quarenta navios. Restabeleceram o desintegrado império e tornaram-no forte e poderoso, tal como está narrado na crônica, com boas palavras e numa escrita clara:

Assim, a grandeza e o poder dos Servos Escolhidos aumentaram. A fama dos seus filhos e a glória dos seus guerreiros cresceu. Aliados aos guerreiros do ferro derrotaram os seus inimigos. Construíram um poderoso império. Governaram em muitas terras. O seu poder alcançou os quatro cantos do mundo.

A CAMPANHA DO NORTE

Apesar da sua derrota na montanha que vomita fogo, os Bárbaros continuaram a ser uma nação de guerreiros. Pouco depois da sua chegada começaram a defender os Ugha Mongulala na sua luta contra as tribos rebeldes. Com as novas armas de ferro fizeram recuar a Tribo das Grandes Vozes para a estéril região de lianas na parte baixa do rio Vermelho. Dominaram a Tribo da Glória Crescente e a Tribo onde Cai a Chuva, que tinha cessado de pagar tributo, e destruíram inúmeras tribos selvagens. No princípio do sétimo século, no cálculo dos Bárbaros Brancos, os guerreiros Ugha Mongulala mais uma vez avançaram até ao coração da grande floresta no sul do império e até à parte baixa do Grande Rio. O velho império de Lhasa parecia ressurgir do passado.

Assim principiou a Grande Guerra. Os exércitos dos Servos Escolhidos avançaram. Atacaram a Tribo das Grandes Vozes. Esmagaram a sua arrogância. Os arqueiros e fundeiros subiram as paliçadas. Arrombaram as portas das povoações do inimigo. Mataram mais adversários do que os que se podiam contar, e um grande saque caiu-lhes nas mãos. Eis a lista: flautas de osso e chavelhos de concha, preciosos enfeites de penas dos Grandes Pássaros da Floresta, peles de jaguar e escravos. Capturaram tudo. As Tribos Escolhidas ganharam uma força que não possuíam há milhares de anos.

Segundo A Crônica de Akakor, os exércitos aliados dos Ugha Mongulala e os Bárbaros combateram nos quatro cantos do império e obrigaram as Tribos Degeneradas a pôr-se em fuga. Era a época do castigo e da retribuição da sua traição ao legado dos Primitivos Mestres. Só na fronteira oeste de Akakor se puseram à defesa. Fiel à ordem dos Antigos Pais de nunca combater contra os seus próprios irmãos, o Alto Conselho limitou-se a mandar erigir um alto paredão contra os Incas. Durante treze anos, trinta mil aliados trabalharam na larga muralha de pedra, com os seus suportes e defesas. Torres de vigia quadradas, feitas de gigantescos silhares, foram colocadas a seis horas de distância, a passo. Eram armazéns de armas e mantimentos e também casernas. Estradas pavimentadas ligavam as fortalezas com Akakor.

Uma grande campanha para o norte foi o maior feito militar no décimo primeiro milênio. Quando da sua chegada, os Bárbaros tinham-se referido a um povo de pele castanha que usava penas. Viviam para além dos estreitos do Norte e haviam comerciado com os seus antepassados. Desde essa época os sacerdotes começaram a descobrir no céu sinais ominosos e o Alto Conselho receava um iminente ataque de nações desconhecidas. O Conselho decidiu organizar um grande exército e enviá-lo para a fronteira mais setentrional. Deste modo, um milhão de guerreiros Ugha Mongulala e das Tribos Aliadas partiram no ano 11.126 (645 d. C.), tal como está escrito na crônica:

E o príncipe assim falou à assembleia reunida: “Partam para esse país. Nada receiem. Se houver inimigos, combatam-nos, matem-nos. E mantenham-nos informados para vos podermos ajudar”. Estas foram as suas palavras. E a força gigantesca partiu. E todos marcharam: batedores, arqueiros, fundeiros e lanceiros. Passaram para além das colinas. E também ocuparam as praias dos oceanos. E, por ordem do príncipe, continuaram a avançar. Marcharam para o norte e construíram poderosas cidades para mostrar a força das Tribos Escolhidas.

A maior campanha da história das Tribos Escolhidas terminou sem qualquer resultado concreto. Poucas luas depois da partida do exército, as comunicações foram subitamente cortadas. As últimas informações a chegar a Akakor referiam-se a uma tremenda catástrofe. O país para além das fronteiras era agora um mar de chamas. Os guerreiros sobreviventes fugiram para o norte e juntaram-se a um povo estranho. Só mil anos mais tarde, quando os Bárbaros Brancos avançaram no Peru, os receios do Alto Conselho foram confirmados: estranhos guerreiros vieram do norte e destruíram o império Inca. E com a sua chegada o poderoso e tranquilo império dos Ugha Mongulala e dos Bárbaros desapareceu também.

UM MILÊNIO DE PAZ

O império tranquilo durou mil anos, desde 11.051 a 12.012 (570 – 1531 d. C.). Neste período, só duas tribos tinham força e prestígio: os Ugha Mongulala, a nação das Tribos Escolhidas e os Incas, os filhos do Sol. Havia dividido o país entre eles e viviam em paz. Os descendentes de Viracocha, o Degenerado, governaram um enorme império desde Cuzco. Em Akakor, o legítimo sucessor dos nossos Antigos Pais governava de acordo com o legado dos Deuses.

Os Servos Escolhidos conheceram a felicidade. Viveram em paz. Na verdade, o seu império era grande. Ninguém os podia prejudicar. Ninguém os podia derrotar; a sua força crescia constantemente. Tudo começou com a chegada dos Bárbaros. Tanto as maiores como as menores tribos ficaram transidas de medo; receavam os guerreiros de ferro. Dispunha-se a servir as Tribos Escolhidas e trouxeram muitas dádivas. Mas os sacerdotes voltaram a face para o céu. Deram graças pelos seus fortes aliados. Sacrificaram incenso e mel das abelhas. E rezaram assim aos Deuses: “Dai-nos filhas e filhos. Protegei o nosso povo do mal e do pecado. Protegei-o da lascívia; não os deixei tropeçar quando sobe e quando desce. Defendei-nos os caminhos e as estradas. Que nenhuma infelicidade e nenhum mal aconteçam a esta aliança. Preservai a unidade nos quatro cantos e nos quatro lados da Terra, para que a paz e a felicidade possam governar no império das Tribos Escolhidas”.

E os Deuses prestaram atenção às orações dos sacerdotes e abençoaram a união entre a nação dos Bárbaros e dos Ugha Mongulala. Os guerreiros estrangeiros que haviam cruzado o oceano nos seus navios com dragões de boa vontade se submeteram ao legado dos Deuses. Aprenderam a nossa língua e a nossa escrita, e dentro em pouco se fundiram na nossa nação. Os seus chefes ocuparam importantes cargos na administração do império. Os seus generais tornaram-se o terror das tribos inimigas. Os seus sacerdotes chegaram mesmo a renunciar ao seu falso credo, que tinham trazido escritos num grande e pesado livro encadernado em ferro. Este livro, a que os soldados alemães chamavam “Bíblia”, está escrito com sinais ininteligíveis para o meu

povo. Contem gravuras da vida dos Bárbaros no seu próprio país e também fala num poderoso Deus, que veio à Terra em sinal da cruz para libertar os homens do obscurantismo. Mil anos mais tarde os Bárbaros traçaram a sua origem divina com o mesmo sinal. Em seu nome e em sua honra destruíram o império dos Incas e deram a morte a milhões de pessoas. Mas até a sua chegada, que está descrita na terceira parte da Crônica de Akakor, os Ugha Mongulala e os Bárbaros viveram tranquilamente unidos, de acordo com o legado dos Antigos Pais. Faziam os sacrifícios prescritos, honravam os Deuses e recordavam o muito distante período em que na Terra não havia nem homens nem o Grande Rio, como está escrito na crônica:

Foi há muitos, muitos anos, quando o Sol e a Lua se queriam casar. Mas ninguém podia uni-los. Porque o amor do Sol era feito de fogo e poderia incendiar a Terra. E as lágrimas da Lua eram muitas, tantas que teriam inundado a Terra. Assim, ninguém os uniu e os Sol e a Lua separaram-se. O Sol seguiu um caminho e a Lua seguiu outro. Mas a Lua chorou durante todo o dia e toda a noite. E as lágrimas do seu amor inundaram a Terra e aumentaram o mar. E o mar zangou-se e as suas águas, que cresceram durante seis luas e desceram durante outras seis luas, repeliram as lágrimas. Assim, a Lua deixou-as cair na Terra e com elas criou o Grande Rio.

O LIVRO DA FORMIGA

Esta é a formiga.

Infatigável no seu trabalho,

Não conhece desfalecimento.

Constrói grandes colinas.

Estabelece poderosas comunidades.

O seu número é incontável.

Destrói tudo.

Arranca a carne dos ossos

Do jaguar abatido.

I

OS BÁRBAROS BRANCOS NO IMPÉRIO DOS INCAS (1.492 - 1.534)

“A transição da Idade Média para a Era Moderna foi caracterizada pelas descobertas dos Portugueses e dos Espanhóis. Levaram as nações do Ocidente da Europa através do oceano. Ousados navegadores já haviam descoberto as ilhas do Atlântico na primeira metade do século quinze, e em 1.492, Cristóvão Colombo descobriu a América. Fez quatro viagens ao Novo Mundo e fundou a primeira colônia espanhola no Haiti. Em 1.500, o navegador português Cabral descobriu o Brasil. Em 1.519, Cortez partiu para a conquista do México. O rei asteca Montezuma II capitulou ao fim de três anos de luta e foi assassinado pelos espanhóis. Zelosos missionários cristãos destruíram a velha civilização mexicana. Em 1.531, Pizarro começou a conquista do Peru. O poderoso império dos Incas, que enfraquecera devido a uma guerra civil, foi derrotado depois de três anos de luta contra as tropas espanholas, muito mais bem armadas. O seu rei do Sol, Atahualpa, que fora traído e capturado, é estrangulado em 1.533. Apenas alguns restos desta civilização altamente desenvolvida, tal como arquitetura, escrita de nós e objetos de ouro, sobreviveram a esta destruição. A população inca, que os escritores contemporâneos calculam ter atingido dez milhões, foi reduzida para três milhões dentro de poucos anos. O valor dos lingotes de ouro do Peru transportados pelos espanhóis totalizou cerca de cinco mil milhões de dólares em moeda atual”.

A CHEGADA DOS BÁRBAROS BRANCOS

Tudo está incluído na Crônica de Akakor, narrado com boas palavras e numa escrita clara. Mas eu estou a contá-lo quando o tempo já está no fim. Estou a expor o Livro da Sabedoria e a vida do meu povo de acordo com o legado dos Deuses, para fazer um relato sobre o passado e o futuro. Porque os Ugha Mongulala estão

condenados à perdição. Cada vez morrem mais árvores com a raiz apodrecida. Os guerreiros mortos pelas setas invisíveis dos Bárbaros Brancos são cada vez mais numerosos. Um interminável rio de sangue passa através das florestas para o Grande Rio e até as próprias ruínas de Akakor. Desde que os Bárbaros Brancos avançaram no país a depressão dominou o meu povo, tal como está escrito na crônica:

Estranhas notícias chegaram ao Alto Comando acerca de estrangeiros de barbas e de poderosos navios que deslizam silencioso sobre as águas, com mastros que chegam ao céu. Chegaram novas sobre estrangeiros brancos, fortes e poderosos como deuses. Eram como os nossos Antigos Pais. E o Alto conselho ordenou que se acendessem fogueiras de alegria, pensando nos Primitivos Mestres. E ofereceram sacrifícios aos Deuses, que por fim, haviam voltado. E as alegres notícias eram propagadas de homem para homem. As novidades espalharam-se de tribo em tribo; os tambores soavam dia e noite. e toda a nação chorava de alegria. Porque se cumprira a profecia. Os Deuses estavam voltando.

No início do ano 12.013 (1.532 d. C.) tais pensamentos ainda eram considerados sacrílegos. Parecia que a profecia dos Antigos Pais se podia cumprir. Seis mil anos depois da sua última visita à terra, voltavam tal como haviam prometido. Por isso, a alegria do Povo Escolhido era grande. Surgia uma nova era, o regresso aos dias em que os Ugha Mongulala governavam o mundo, a norte, sul, oeste e leste. Quem não partilhava do júbilo geral eram os sacerdotes. Duvidavam da notícia do regresso dos Deuses, embora a data correspondesse ao que haviam predito. Há doze mil anos os Antigos Pais haviam abandonado a Terra. Seis mil anos tinham passado desde a morte de Lhasa. Mas os sacerdotes, que tudo sabem, que vêem o futuro e para quem nada é oculto, observavam no céu sinais ominosos. Dentro em pouco se verificou que era um erro cruel a notícia do regresso dos nossos Primitivos Mestres. Os estrangeiros não vinham com boas intenções, para assumir o poder com generosidade e sabedoria. Em vez de felicidade e paz interior, trouxeram lágrimas, carnificina e violência. Numa fúria de ódio

ambição, os estrangeiros destruíram o império da nação nossa irmã, os Incas. Queimaram cidades e aldeias e mataram homens, mulheres e crianças. Os Bárbaros Brancos, como ainda hoje lhes chamamos, desprezaram o legado dos Antigos Pais. Erigiram templos com a cruz e sacrificaram milhões de homens em sua honra. Uma grande estrela aproximou-se da Terra e espalhou uma triste luz sobre as planícies e montanhas. O Sol também mudara, tal como está escrito na Crônica:

“Desgraça sobre nós. Os sinais indicam desastre. O Sol não é brilhante e amarelo, mas vermelho como sangue espesso”. Assim falaram os sacerdotes. “Os estrangeiros não trazem paz. Não confiam no legado dos Antigos Pais. Os seus pensamentos são feitos de sangue. Espalharam sangue sobre todo o império”.

O desastre que os nossos sacerdotes haviam predito incidiu primeiro sobre os Incas. Rompeu uma guerra civil no seu império. Os dois filhos de Huayana Capac lutaram pelo cargo de príncipe. Na sangrenta batalha nos campos em redor de Cuzco, o primogênito Huascar foi derrotado pelo seu irmão mais novo, Atualpa. O vencedor e o seu exército avançaram para a capital e começaram um reino sangrento de terror. Atualpa teria destruído os partidários do seu infeliz irmão se os estrangeiros não tivessem desembarcado nas costas do oceano ocidental. Esta chegada evitou a sua última vitória.

Poderosos navios alcançaram a costa. Vinham silenciosamente, cortando a água. E homens com barbas desembarcaram com armas eficazes e estranhos animais, tão rápidos e fortes como o caçador jaguar. E, num dia, poderosos inimigos ergueram-se contra Atualpa. Ganhou cruéis inimigos, que eram falsos e cheios de ardis.

A DESTRUIÇÃO DO IMPÉRIO INCA

Pouco depois da sua chegada ao Peru, os Bárbaros Brancos deixaram conhecer as suas intenções. Impressionados com a

riqueza de Cuzco, iniciaram uma cruel guerra de conquista. Primeiro atacaram cidades junto à costa. Ocuparam os terrenos adjacentes e subjugarão as Tribos Aliadas dos Incas. Depois, os Bárbaros Brancos juntaram-se para uma campanha nas montanhas dos Andes. No local chamado Catamarca, a dez horas a pé de Cuzco, encontraram o exército de Atualpa, o príncipe dos filhos do Sol.

Os guerreiros contam histórias terríveis. Medonhas eram as suas revelações. Atualpa teve de pagar caro a sua arrogância. Caiu vítima de uma cilada dos estrangeiros. Foi traído e capturado. E o segundo filho de Huayana Capac foi preso. Os seus guerreiros foram mortos pelos Bárbaros Brancos. A planície tingiu-se de vermelho com o sangue, que chegava aos tornozelos quando os Incas perderam a batalha. E os guerreiros Barbados avançaram ainda mais. Assassinando e roubando, alcançaram Cuzco. Violaram mulheres. Roubaram o ouro. Até os túmulos foram partidos para serem abertos. A tristeza e o desespero dominaram as montanhas onde outrora Atualpa, o príncipe dos filhos do Sol, havia sido poderoso.

O meu povo soube da verdadeira crueldade dos Bárbaros Brancos por muitos refugiados incas. Os estrangeiros Barbados cometeram piores atrocidades do que as tribos selvagens. Umas simples doze luas tinham passado depois da sua chegada, quando uma profunda escuridão envolveu o império dos filhos do Sol, iluminado só pelas cidades e aldeias em chamas. Pouco depois, os Ugha Mongulala tiveram de reconhecer a terrível verdade: a nação irmã estava condenada a perecer. Os estrangeiros tinham armas especiais que mandavam trovões em chamas. Tinham estranhos animais com pés de prata, que, guiados pelos homens, espalhavam a morte e a perdição nas fileiras dos filhos do Sol. Os guerreiros de Atualpa fugiram em pânico.

Mas os Incas eram uma nação forte. Apesar da superioridade das armas dos estrangeiros, combateram duramente em defesa do seu país. Depois da terrível derrota de Catamarca, os que restavam do exército juntaram-se nas montanhas que cercam Cuzco e nos limites do país chamado Bolívia. A força principal cortou os

caminhos da montanha que levavam à costa. Desta maneira evitaram o avanço dos Bárbaros Brancos durante muito tempo. Só quando os estrangeiros queimaram Atualpa vivo, em honra do seu deus, e se cumpriu o que os nossos sacerdotes haviam predito, eles cessaram de resistir. O império inca desmoronava-se numa terrível tempestade de fogo.

Desgraça dos filhos do Sol. Que medonha sorte se abateu sobre eles! Traíram o legado dos Deuses, e agora eles próprios tinham sido traídos. Foram castigados, batidos até sangrarem, pelos Bárbaros Brancos. Porque estes estrangeiros não conheciam piedade. Não poupavam as mulheres, nem sequer as crianças. Comportavam-se como animais selvagens, como formigas, destruindo tudo no seu caminho. A era do sangue começara para os filhos do Sol. Toda uma nação está a expiar os pecados de Viracocha. E os dias maus começaram quando o Sol e a Lua se escureceram com o sangue.

A RETIRADA DOS UGHA MONGULALA

Cinco anos depois da chegada dos Bárbaros Brancos, o império inca assemelhava-se a Akakor depois da sua primeira Grande Catástrofe. A sua capital estava em ruínas. Vilas e aldeias haviam sido queimadas. Os sobreviventes tinham-se retirado para as altas montanhas ou serviam os Bárbaros Brancos como escravos. O sinal da cruz que se identifica com o sinal da morte, podia ver-se em toda parte. Até então os Ugha Mongulala tinham testemunhado a tragédia só à distância. Os Bárbaros Brancos estavam inteiramente ocupados com a pilhagem da riqueza dos Incas. Os guerreiros receavam a densidade da selva de cipós na encosta leste dos Andes e só os incas em fuga atravessaram a fronteira fortificada que Lhasa havia construído.

No ano 12.034, a guerra também alcançou Akakor. Os espanhóis, como os Bárbaros Brancos se chamavam, souberam da existência da nossa capital por traição. Como sua ânsia de ouro era infinita,

equiparam um exército. Após grandes lutas com a Tribo dos Demônios do Terror, avançaram pela parte oriental dos Andes, na região de Machu Picchu. O Alto Conselho tinha de tomar uma decisão da mais alta importância: ou combater os Bárbaros Brancos ou retirar-se para o interior da região de Akakor. O príncipe Umo e os mais velhos do povo decidiram pela retirada, embora os chefes guerreiros aconselhassem o contrário. Ordenaram que as cidades fronteiriças fossem abandonadas e que todos os sinais da capital fossem destruídos. Só pequenas tropas de defesa eram deixadas atrás, nas regiões abandonadas, para observar os movimentos dos guerreiros inimigos e avisar Akakor de qualquer ataque. Esta foi a decisão de Umo. E assim se fez.

Posteriores acontecimentos provaram a perspicácia do príncipe Umo. A sua decisão salvou os Ugha Mongulala de uma guerra que nunca poderiam ter ganhado. Mas também condenou os Incas à extinção. O Alto Conselho recusou o apelo de auxílio feito pelos generais incas e preparou-se para um conflito defensivo. Se na verdade tivesse de haver uma guerra, que se travassem onde as altas barreiras pudessem pôr em perigo os Bárbaros Brancos – nos altos vales dos Andes e entre a selva de cipós do Grande Rio. Os guerreiros obedeceram às instruções do Alto Conselho. Retiraram-se das regiões que ofereciam mais perigo. Com o coração angustiado, de má vontade, abandonaram Machu Picchu, a cidade sagrada de Lhasa. Longas filas de carregadores transportaram todos os objetos, como joias, dádivas para sacrifícios e provisões, para Akakor. Depois os guerreiros arrasaram as casas e os muros e destruíram as estradas que lhes ficavam para trás. Os sacerdotes destruíram templos. Os artesãos bloquearam todas as entradas com pesadas pedras. Tão cuidadosamente cumpriram as ordens dos seus maiores que hoje mesmo os Ugha Mongulala só conseguem encontrar Machu Picchu com auxílio de mapas e de desenhos. Só os subterrâneos da Montanha da Lua ficaram incólumes. Porque ninguém que não entenda os sinais do passado é capaz de revelar o segredo do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa.

E, assim. O grande-sacerdote vedou a entrada da cidade santa. Ocultava o segredo do Exaltado Filho dos Deuses, o criador e

formador, o governador dos quatro ventos, nos quatro cantos do mundo e sobre a face do céu. E com estas palavras vedou o segredo: “Devem ficar na sombra da vossa sombra quando os olhos dos Deuses se erguem e a Terra ainda está escurecida pela noite. Então a sombra da sua sombra apontará o caminho. Mostrar-lhes-á a direção do coração do Céu ao coração da Terra”.

Durante muito tempo parecia que os Deuses queriam poupar os Ugha Mongulala à sorte da nação sua irmã, e Akakor foi interdita aos Bárbaros Brancos. Se bem que na sua campanha avançassem na região dos afluentes do rio Vermelho, nunca passaram as florestas nas encostas orientais das montanhas. Os seus guerreiros morreram devido a doenças desconhecidas das Grandes Florestas, caíram feridos pelas setas envenenadas das Tribos Aliadas. Só um simples grupo alcançou os arredores da capital do meu povo. No monte Akai, a três horas de distância a pé de Akakor, foi travada uma memorável batalha, que foi descrita na crônica para conhecimento da posteridade.

Foi no monte Akai que os guerreiros encontraram os Bárbaros Brancos, com as suas terríveis armas e os guerreiros de ferros dos Servos Escolhidos. Durante muito tempo a batalha manteve-se indecisa. Os exércitos batiam-se valentemente. Então os Servos Escolhidos atreveram-se a atacar. Avançaram para o centro dos seus inimigos. Cegaram-nos com tochas. Dificultaram-lhes os movimentos das pernas estendendo cordas. Bateram-lhes com pedras na cabeça até o sangue lhes saltar pelo nariz e pela boca. E os Bárbaros Brancos fugiram em pânico, deixando atrás de si as suas armas, os seus animais e os seus escravos. Só queriam salvar a vida, e nem isso conseguiram inteiramente. Dificilmente alguns conseguiram fugir e muitos foram trazidos como cativos para Akakor.

Os cativos foram os primeiros Bárbaros Brancos de Akakor. Os Ugha Mongulala olharam-nos com horror e com medo. Só os sacerdotes os consideravam com desprezo. Atiraram a porcaria da terra sobre os falsos crentes como penhor da sua humilhação. Então o Alto Conselho enviou os Bárbaros Brancos como escravos

para as minas de ouro e prata. Até ao fim dos seus dias expiaram os seus crimes, tal como está escrito na crônica:

Estas são as notícias. Assim falou o alto-sacerdote aos Bárbaros Brancos: “Quem vos fez nascer para poderdes governar sobre a vida e a morte? Quem sois vós que desprezais o legado dos Deuses? Donde viestes para trazerdes a guerra ao nosso país? Verdadeiramente o que fazeis é mau. Derramastes sangue. Fizestes a caça ao homem. Destruístes as tribos dos filhos do Sol e espalhastes o seu sangue sobre as montanhas”. Estas foram as palavras do grande-sacerdote. Foram terríveis. Mas o coração dos Bárbaros Brancos manteve-se duro e levou-lhes tempo a encarar a sua sorte. Enfrentavam o cativo eterno.

II

A GUERRA NO LESTE (1.534 - 1.691)

Seguindo as descobertas dos navegadores espanhóis e portugueses, a civilização começou a expandir-se no Novo Mundo. O poder marítimo da Espanha e de Portugal (a que mais tarde se juntaram a Inglaterra e os Países Baixos) tornou-se rico com a exploração das suas colônias. Enquanto a Espanha saqueava o Peru e o México. Portugal iniciava a conquista da costa leste do Brasil. Em 1.541 – 1.542, Orellana, um companheiro de luta de Pizarro, iniciou a sua histórica viagem através do continente sul-americano. Foi o primeiro a navegar no Amazonas, a que deu este nome devido ao encontro que teve com mulheres guerreiras. Depois do seu regresso ao Novo Mundo, em 1.546, morreu de malária na embocadura do Amazonas. Nesta época, os Ingleses e os Holandeses começaram a explorar os afluentes do Amazonas. Belém foi fundada em 1.616 pelo português Caldeira Castelo Branco, em nome de Portugal e Espanha, e a exploração da Amazônia pelos portugueses iniciou-se aqui. A figura principal foi Pedro Teixeira, que repetiu a proeza de Orellana em 1.637, mas em direção oposta. Determinou, em nome de Portugal, a futura fronteira oeste do Brasil, na confluência do rio Aguarico com o rio Napo. Pedro Teixeira, que se gabara de ter morto trinta mil selvagens com as suas próprias mãos, morreu em 1.641. De acordo com o que calcula o padre jesuíta Antonio Vieira, os conquistadores portugueses assassinaram dois milhões de índios no período de trinta anos.

A CHEGADA AO LESTE DOS BÁRBAROS BRANCOS

Onde está a Tribo da Glória Crescente? Que foi feito dos Incas, os filhos do Sol? Onde estão a Tribo das Grandes Vozes, a Tribo dos Comedores de Refugo e muitos dos povos primitivos poderosos das Tribos Degeneradas? Digamos que a cobiça e a violência dos Bárbaros Brancos fizeram-nos desaparecer, derreter, como

acontece à neve sob o calor do sol. Muito poucos conseguiram fugir para o interior das florestas. Outros se esconderam no topo das árvores, tal como a Tribo que Vive nas Árvores. Aí não têm quaisquer roupas de proteção nem nada para comer. Ninguém sabe onde estão, e talvez agora já estejam mortos. Outras tribos se renderam aos Bárbaros Brancos, que lhes dirigiram palavras amigas. Mas as boas palavras não são compensação para a miséria de todo um povo. As boas palavras não dão saúde e não evitam que o povo morra. As boas palavras não dão às tribos um novo país onde possam viver em paz, caçar livremente e tratar dos seus campos. Tudo isto viu o meu povo com os próprios olhos. Os nossos batedores trouxeram essas notícias depois de se terem aventurado no território dos Bárbaros Brancos. O meu coração sofre quando penso em todas as falsas promessas que fizeram. Mas, na realidade, não podemos esperar que os rios corressem da foz para a nascente, como também não esperamos que os Bárbaros Brancos cumpram a sua palavra. Porque são maus e traidores, como está escrito na crônica:

“Seiva vermelha escorre das árvores, seiva que é como sangue”. Assim falaram os mensageiros das Tribos Aliadas quando vieram para junto dos Servos Escolhidos. “Porque os Bárbaros Brancos também tinham desembarcado no Leste com os seus navios, cujos mastros tocavam o céu. Vieram com as suas armas, cujo ribombar enviava a morte a distância e cujas setas não se conseguiam ver. Assim ocuparam a terra”. Isto foi o que os mensageiros contaram. Esperaram com muita impaciência e pediram a decisão do Alto Conselho. Imploraram a proteção dos Deuses: “Não nos abandoneis”, suplicavam eles. “Daí armas aos nossos homens, para que possam expulsar o inimigo do nosso país, de modo que a luz possa voltar ao império dos Servos Escolhidos”. Assim falaram os mensageiros, os guerreiros que sofriam, os desesperados homens das Tribos Aliadas. E esperavam pelo Sol que ilumina a abóbada do Céu e a face da Terra. Assim eles esperaram e trouxeram para Akakor a notícia da chegada ao Leste dos Bárbaros Brancos.

No início do décimo terceiro milênio, a guerra na fronteira oeste alcançou um temporário período de calma. Os espanhóis estavam cansados das batalhas devastadoras. Renunciaram à conquista das encostas orientais dos Andes e desistiram de atacar Akakor. Uma vasta terra de ninguém, só guardada pelos nossos batedores, foi colocada entre o império recentemente estabelecido e o reino dos Ugha Mongulala. Já não havia perigo de que a nossa capital pudesse ser descoberta. Contudo, mal os Bárbaros Brancos haviam parado com o seu avanço no oeste do país, eles começaram a desembarcar no Leste também e ocuparam a região costeira. Subiram o Grande Rio até alcançarem os acampamentos das Tribos Aliadas. A luta começou outra vez: uma nova guerra entre os Bárbaros Brancos e o Povo Escolhido.

Mas os Ugha Mongulala tinham aprendido com a extinção dos Incas. Evitavam encontrar o inimigo em campo aberto. Os seus guerreiros atacavam os Bárbaros Brancos só em emboscadas. Ao mesmo tempo abandonavam todas as cidades e aldeias nesta região. Os nossos inimigos só encontravam nas suas investidas acampamentos desertos. Sofriam de fome e de sede. Nas florestas impenetráveis mantinham-se em círculo. Muitos deles caíram vítimas da arma mais terrível, o veneno, segredo mantido desde os Primitivos Mestres. Com estas novas táticas o meu povo conseguiu por muito tempo manter os Bárbaros Brancos afastados do centro do Império. Aí então aconteceu um fato inesperado. Muitas tribos aliadas renunciaram à sua vassalagem a Akakor. Traíram o legado dos Deuses e começaram a adorar o sinal da cruz.

A DESTRUIÇÃO DAS TRIBOS ALIADAS

A Tribo das Caras Torcidas, na região baixa do rio Negro, iniciou a rebelião das Tribos Aliadas nas províncias do Leste do Império. Esta nação fora aliada dos Ugha Mongulala desde os tempos de Lhasa. Depois da chegada dos Bárbaros Brancos, a tribo, que contava oitenta mil cabeças, traiu o legado dos Deuses e declarou guerra a Akakor. Dentro de alguns meses a guerra generalizava-se

por todo o Império. Na região afluyente do Grande Rio, a Tribo da Glória Crescente revoltou-se. Os seus guerreiros atacaram as cidades do complexo- templo de Salazere, e penetraram profundamente no interior do Império. A Tribo dos Matadores de Antas, que tinha originariamente considerado os Bárbaros Brancos com suspeita, devastou as fortalezas de Mano, Samoa e Kin. Só alguns guerreiros Ugha Mongulala conseguiram fugir à carnificina. Fugiram para as regiões de florestas inacessíveis, na parte baixa do Grande Rio. Com o decorrer dos séculos os seus descendentes juntaram-se às tribos selvagens. Só conservam a pele branca dos Servos Escolhidos como testemunho da sua origem. Perderam o legado dos Deuses.

As mais pesadas perdas deram-se durante os combates nas regiões do Sul do Império. A Tribo dos Vagabundos, que fora aliada de Akakor, abandonou as suas velhas instalações. Assassinando e roubando, seguiram ao longo da parte baixa do Grande Rio até à costa leste do oceano, tal como está escrito na crônica:

Esta é a história da deserção da Tribo dos Vagabundos. Quando ouviram as notícias acerca dos homens com barba, ficaram muito surpreendidos. Porque não ir lá? Porque não ir ver os estrangeiros? E exclamaram: “Com certeza trazem muitas prendas, melhores que a dos Servos Escolhidos”. E partiram. Alcançaram na orla do oceano os navios dos Bárbaros Brancos. Os estrangeiros Barbados receberam-nos com simpatia; eram espertos. Deram-lhes bonitas roupas e pérolas brilhantes. Ofereceram-nos como penhor de amizade. E os Vagabundos ansiaram tanto por estas dádivas que esqueceram o legado dos Deuses. Submeteram-se aos Bárbaros Brancos. Assim chegou ao fim a sua aliança com os Servos Escolhidos. Lhasa estabelecera-o: era sagrado. Agora perdera o seu valor e só os restos ficavam. Mas o legado dos Deuses é maior. É mais forte que a traição das Tribos Aliadas. A sua essência não se perdeu, não se pode desperdiçar. A imagem dos Primitivos Mestres não se pode extinguir – nem por milhares de anos, nem nunca.

A traição das Tribos Aliadas pôs em perigo a vida dos Ugha Mongulala. Com o fim de perturbar as forças superiores do inimigo,

Akakor serviu-se de ardis. Guerreiros escolhidos pintados com as cores das tribos rebeldes atacaram os postos avançados dos Bárbaros Brancos. Mataram os inimigos e deixaram atrás de si sinais dessas tribos. Os Bárbaros Brancos vingaram-se cruelmente do que julgavam ser o ataque dos seus aliados. Dentro em pouco uma grande e confusa guerra eclodia entre os Bárbaros Brancos e as tribos que haviam desertado de Akakor, os povos selvagens e os Ugha Mongulala. A Tribo dos Vagabundos sofreu pesadas perdas. Quase todo o povo foi massacrado. A Tribo dos Matadores de Antas fugiu para as montanhas ao norte do Grande Rio. A Tribo da Glória Crescente só teve a possibilidade de se submeter à Akakor.

Foi terrível a sorte dos rebeldes. O seu rosto, o seu corpo e a sua própria alma ficaram vermelhos de sangue. As suas sombras vagueavam pela terra sem descanso. Sofreram toda espécie de dores. Foram mortos. Nem uma só vida foi poupada. O castigo da sua falsidade foi à morte. Tinham corações falsos, ao mesmo tempo pretos e brancos. E pagaram com a morte a sua traição.

O declínio final do meu povo começou com a deserção das Tribos Aliadas. Como uma horda de formigas, os Bárbaros Brancos avançavam cada vez mais. Se centenas deles eram mortos, surgiam milhares. Construíram cidades e acampamentos e estabeleceram o seu próprio império na parte baixa do Grande Rio. Surgiu uma nova ordem, que excluía os Servos Escolhidos e era contra o legado dos Deuses. Seguiu-se uma época de obscurantismo, na qual só o terrível som das asas dos abutres e o piar dos mochos se podiam ouvir. Mas antes de o obscurantismo alastrar até os limites de Akakor desceram os Akahim na nação irmã dos Ugha Mongulala.

A LUTA DE AKAHIM

Desde a época do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa, Akakor e Akahim, a cidade irmã nas montanhas de Parima, tinha sido aliada. Durante milhares de anos, os Ugha Mongulala e o povo de Akahim

havia trocado presentes. Regularmente havia embaixadas que visitavam os respectivos países. Os seus guerreiros combatiam juntos as tribos inimigas. Só a chegada dos Bárbaros Brancos, no décimo segundo milênio, trouxe certa tensão a estes laços fraternais. Os Akahim receavam as terríveis armas de ferro e pensaram que os Ugha Mongulala os queriam submeter. Praticamente Akahim quebrou todas as relações. Batedores dos dois impérios encontravam-se raramente, para trocar ofertas, fazer sacrifícios e reafirmar amizade e paz.

O desembarque dos Bárbaros Brancos na foz do Grande Rio deu uma forma decisiva à sorte de Akahim. As Tribos Aliadas traíram o seu império a favor dos guerreiros estrangeiros. Equiparam os seus navios e partiram em busca da misteriosa cidade. Os Akahim enfrentavam o mesmo dilema que os Ugha Mongulala oitenta anos antes, quando o império dos Incas fora vencido: a escolha era a guerra contra os Bárbaros Brancos ou recuar para as montanhas de Parima. A fim de evitar uma guerra sangrenta, o Alto Conselho decidiu pela retirada. Porém, quando cento e trinta dos mais velhos deram ordem de paz, aconteceu uma coisa jamais ouvida: as mulheres resistiram a esta decisão. Derrubaram o Alto Conselho e tomaram-nas próprias o Poder. Sob a chefia da corajosa Mena, obrigaram os homens a pegar nos arcos e nas setas e a enfrentar os Bárbaros Brancos.

“Vamos para a guerra”! Assim falaram as mulheres. “Não somos bastante numerosos para expulsar os estrangeiros de barbas? Não somos bastante fortes para derrotá-los?” E as mulheres de Akahim ergueram-se. Quebraram as suas tigelas e quebraram as suas panelas. Apagaram o fogo das lareiras e foram para a guerra. Queriam mostrar a sua força aos Bárbaros Brancos. Iam esmigalhar-lhes os ossos e transformar em pó a sua carne.

A guerra dos Akahim contra os Bárbaros Brancos é um dos mais orgulhosos capítulos da história da humanidade. Aliados aos sobreviventes da Tribo dos Vagabundos travaram grandes batalhas contra o inimigo. As mulheres guerreiras atacaram com grande canoas os navios inimigos que estavam ancorados. Atiraram setas de fogo contra as suas velas e incendiaram-nos. Para parar o

avanço dos inimigos, obstruíram os rios com pedras gigantescas. Tal como os Ugha Mongulala, destruiu o seu próprio país. Deste modo, os Akahim resistiram ao ataque dos Bárbaros Brancos durante sete anos. Durante todo este tempo mataram milhares de guerreiros Barbados e também foram mortos aos milhares. E então a força de Akahim cedeu. As mulheres tinham provado a sua coragem e trazido o seu povo quase para a perdição. Os lamentos da nação irmã eram tão grandes que choros, tristezas e lamentos também se ouviam em Akakor.

A terra estava vermelha, vermelha de verdadeiro sangue. Mas era uma boa morte que a valorosa Akahim encontrara-a melhor. Quebrou a força dos inimigos. Esmagou os seus ossos como faz a mó ao trigo para transformar em farinha. Atirou com os seus ossos para a corrente do rio. E a água levou-os por entre montanhas, tanto os menores como as maiores.

As mulheres de Akahim eram chamadas “Amazonas” na linguagem dos Bárbaros Brancos e mantêm-se valentes guerreiras. Apesar das pesadas perdas, conseguiram ordenar de novo a vida da comunidade no decorrer dos séculos e evitar o avanço dos Bárbaros Brancos no território tribal. Separaram-se das Tribos Aliadas e estabeleceram uma nova ordem na vida da comunidade. Presentemente sós dez mil pessoas restam da primitivamente tão poderosa tribo que vivia nos inacessíveis vales das montanhas de Parima. Passam a maior parte da sua vida nas moradias subterrâneas dos Deuses. Só vêm à superfície para tratar dos seus campos e caçar.

A vida dos Akahim diverge completamente da do meu povo. São governados por uma princesa que é descendente da belicosa Mena. É soberana absoluta do seu povo. Escolhe os membros do Alto Conselho, os chefes guerreiros e os oficiais. Todos os altos cargos são reservados às mulheres. Os homens servem como simples soldados ou trabalham nos campos. Mesmo o mais alto sacerdote é uma mulher. Como no meu país, ela preserva o legado dos Deuses. Desde a rebelião das mulheres, Akahim não conhece o casamento. Só durante a gravidez homens e mulheres entram numa união livre. Depois do nascimento da criança, o homem é

mais uma vez rejeitado pela mulher. Desde os doze anos as raparigas têm o privilégio da educação nas escolas das sacerdotisas e são treinadas na arte da guerra e na administração do seu domínio. Desta idade em diante os rapazes são obrigados a trabalhar. Não têm quaisquer direitos e vivem como escravos. São expulsos da união tribal à menor falta e são obrigados a abandonar as moradias subterrâneas. Muitos destes infelizes têm fugido para Akakor. Aqui têm casado com mulheres Ugha Mongulala e fundado uma nova família. Porque as mulheres do meu povo estão contentes com a parte que Deus lhes distribui: serem leais servas dos homens.

Tona não estava contente com o marido. Era infeliz. O seu coração estava angustiado. E ela foi procurar o sacerdote e pedir-lhe conselho. Necessitava de ajuda. Queria separar-se do marido. Mas o grande-sacerdote ordenou que Tona fosse paciente, Tinha de ficar com o marido até ter escrito as suas dez maiores faltas: só então poderia abandonar. E Tona voltou para casa. Queria registrar as dez maiores faltas do marido. Queria tomar nota do que não gostava nele. Mas quando encontrou o seu primeiro erro achou que este, na verdade, não merecia ser registrado. Quando descobriu a segunda falta pareceu-lhe demasiado insignificante. E assim passaram os dias. Uma lua seguiu-se a outra. E os anos passaram. Tona envelheceu. Não escrevera nem uma só nota das faltas do marido. Era feliz e um exemplo para os filhos e para os filhos dos seus filhos.

III

OS IMPÉRIOS DOS BÁRBAROS BRANCOS

(1.691 - 1.920)

A história da Europa até a Revolução Francesa foi caracterizada pela rivalidade entre a França e a Casa de Habsburgo e, além-mar, pela luta do predomínio colonial. 1.776 foi uma data decisiva na história do continente norte-americano, e em 1.783 a Inglaterra reorganizou a independência dos Estados Unidos da América. O extermínio dos índios norte-americanos começou ao mesmo tempo. A história das colônias espanholas na América do Sul acabou em 1.824 com a batalha de Ayacucho, quando Antonio José de Sucre, comandante do Patriota de Simon Bolívar, derrotou decisivamente os mercenários espanhóis. Numerosas repúblicas independentes se desenvolveram então, estando entre elas o Peru, o Equador, a Bolívia e o Chile. Em 1.822, o Brasil declarou-se independente de Portugal. O mesmo ano viu o início da Cabanagem, o maior movimento revolucionário social na história do Brasil. Os mestiços e os índios chefiados por Angelim foram derrotados pelas forças do Governo central, numa guerra que durou três anos. Dois terços da população amazônica foram destruídos. A valorização da borracha começou cerca de 1.870. Em quarenta anos, cento e cinquenta colonos do Norte colheram oitocentos milhões de quilos de borracha. Depois de sangrentas lutas de fronteira, a Bolívia em 1.903, cedeu ao Brasil a província fronteira do Acre, contra o pagamento de dois milhões de libras esterlinas. Em 1.915 a competição das plantações britânicas na Malásia fez com que os preços da borracha caíssem para metade do seu valor prévio. A exploração econômica da Amazônia foi suspensa temporariamente.

A DESINTEGRAÇÃO DO IMPÉRIO

Os Ugha Mongulala tornaram-se uma pequena nação. Mas somos um povo antigo, o mais velho do mundo. Durante milhares de anos

vivemos no Grande Rio e nas montanhas dos Andes. Nunca fomos mais além, nem na guerra nem na paz, e nunca nos aventuramos a ir ao país dos Bárbaros Brancos. Mas os Bárbaros Brancos entraram no nosso país, tomando posse dele. Perseguiram-nos, cometeram atos hediondos e ensinaram-nos muitas coisas horríveis. Antes de atravessarem o oceano, a paz e a unidade reinavam entre as Tribos Escolhidas. Mas agora há guerra constante. Os colonos brancos avançaram até à nascente do Grande Rio e roubaram a nossa terra. É o melhor e o último pedaço de terra que temos. Aqui nascemos e aqui crescemos. Os meus antepassados aqui viveram e morreram; nós também desejamos ficar e morrer aqui. O país é nosso. Se os Bárbaros Brancos tentarem rouba-lo lutará, tal como fizeram os nossos antepassados e está escrito na crônica:

Os Bárbaros Brancos reuniram-se. Tomaram as suas armas e os animais em que podiam montar. Os seus guerreiros eram numerosos quando subiram o Grande Rio. Mas os Servos Escolhidos sabiam da sua vinda. Não tinham dormido. Haviam observado o inimigo enquanto se estavam preparando para a batalha. Então os Bárbaros Brancos partiram. Planejaram um ataque à noite, quando os Servos Escolhidos estivessem adorando os seus deuses. Mas não atingiram a sua finalidade. O sono venceu-os no caminho e os guerreiros das Tribos Escolhidas vieram cortar-lhes as barbas e as sobrancelhas. Tiraram-lhes os enfeites de prata dos braços e atiraram-nos para o Grande Rio. Fizeram isto como retribuição e para humilhá-los. Deste modo mostraram a sua força.

No início do décimo terceiro milênio (século décimo oitavo), os conquistadores brancos continuaram a sua progressão. Depois dos soldados vieram os mineiros, que procuravam nos rios as pedras que brilham. Caçadores com armas e com armadilhas juntavam peles de jaguares e de antas. Os padres dos Bárbaros Brancos erguiam templos sob o sinal da cruz. Cento e cinquenta anos após a chegada dos primeiros navios à costa leste, o império dos Ugha Mongulala era só constituído pelos territórios da parte superior do Grande Rio, as regiões do rio Vermelho, a parte norte da Bolívia e

as encostas orientais dos Andes. As comunicações com Akahim tinham desaparecido. A fronteira fortificada de oeste estava em ruínas. Os únicos sobreviventes das primitivamente poderosas Tribos Aliadas eram os componentes da Tribo dos Matadores das Antas, da Tribo dos Corações Negros, da Tribo dos Maus Espíritos e da Tribo dos Comedores de Refugo. A Tribo dos Demônios do Terror tinha fugido para a profunda vastidão das lianas. Os Vagabundos sobreviventes viviam em Akahim. Os Bárbaros Brancos avançaram inexoravelmente, destruindo o que quer que fosse que lhes opusesse ou que lhes desagradasse. Tal como a formiga dilacera a carne dos ossos do jaguar ferido, assim destruíram o império das Tribos Escolhidas.

Impotentes, os Ugha Mongulala esperavam o ataque dos inimigos. Num desespero sem forças, experimentaram o declínio do seu outrora tão poderoso império. As mulheres ainda usavam as roupas dos seus maridos; caçadores ainda seguiam o rastro do javali e guardavam-no para a estação das chuvas; os guerreiros mantinham-se vigilantes nas poderosas muralhas de Akakor sob a proteção das altas montanhas e dos profundos vales. Mas todas as vidas e ações do Povo Escolhido foram sombreadas por uma profunda tristeza. Os seus rostos eram pálidos, brancos e fatigados como as flores que se abrem nas profundidades da vastidão da liana. Onde estavam os Deuses, que haviam prometido voltar quando irmãos do mesmo sangue e do mesmo pai estivessem em perigo? Que foi feito da justiça das eternas leis, que, de acordo com o legado dos Deuses, também deviam governar os Bárbaros Brancos? O povo não viu saída. Nem sequer os sacerdotes tiveram resposta.

Este foi o começo do declínio. Este foi o inglório fim do império. Assim começou a vitória dos Bárbaros Brancos. Eram como os maus espíritos, e também fortes e poderosos. Cometiam crimes mesmo à luz do dia. E os Servos Escolhidos uniram-se. Pegaram em armas. Queriam enfrentar os Bárbaros Brancos e combater. Queriam acabar com eles nos quatro cantos do Império. Sem receio das poderosas armas, quiseram tirar vingança dos seus crimes.

Porque os Servos Escolhidos nunca tinham estado tão cegos pelo poder ou pela riqueza como os Bárbaros Brancos.

A GUERRA NO GRANDE RIO

As tribos selvagens da parte baixa do Grande Rio são indolentes e tranquilas como a água antes de chegar ao mar. Quando Lhasa expandiu o Império até à embocadura do rio, vieram ao seu encontro trazendo-lhe presentes. Saudaram os seus guerreiros com penhores de amizade. Da mais boa vontade se aliaram à mais poderosa nação do mundo. Só desejavam a sua terra, onde pudessem viver em paz e tranquilidade. Só depois da chegada dos Bárbaros Brancos começaram as tribos selvagens a alterar a sua maneira de viver. Muito embora tivessem antes suportado os Ugha Mongulala, agora serviam os Bárbaros Brancos, que lhes tinham prometido riqueza e poder. Mas os Bárbaros Brancos não sabem nada quanto ao valor das promessas. O seu coração é frio, e a sua maneira de pensar muito estranha e complicada. Não lutam uns contra os outros pela honra de um homem ou para provar a sua força; fazem guerra só por causa das coisas. As tribos selvagens da parte baixa do Grande Rio também começaram a experimentar isto. As atrocidades que os Bárbaros Brancos cometeram eram tão horríveis que até este povo tranquilo pegou em armas. Uniram-se e declararam guerra aos seus opressores.

Os batedores trouxeram notícias ao Alto Conselho de Akakor no que dizia respeito a esta revolta, que dentro em pouco degenerou numa luta civil entre os Bárbaros Brancos. Os relatos dos combates eram horríveis. Os Bárbaros Brancos perseguiram os rebeldes sem a mínima piedade. A coberto da escuridão, atacavam cidades e aldeias. Matavam o povo comum com armas que cuspiam fogo. Os chefes foram pendurados pelos calcanhares nas árvores e os seus corações foram cortados. Dentro em pouco a Grande Floresta ressoava com os gritos dos moribundos, Os sobreviventes arrastavam-se pelo país como se fossem sombras e pediam justiça aos Deuses, tal como está escrito na crônica:

Que espécie de povo é este que nem sequer respeita os seus próprios deuses, que mata porque se regozija com o sangue de estrangeiros? São miseráveis. São quebradores de ossos. Bateram nos seus próprios irmãos até ficarem em sangue, sugaram-nos até ficarem secos e espalharam os seus ossos pelos campos. É o que eles são: quebradores de ossos, esmigalhadores de crânios, um povo miserável.

A guerra sem perdão dos Bárbaros Brancos durou três anos. Três vezes o Sol passou de leste para oeste antes que a guerra acabasse. Então a terra no Grande Rio parecia como se tivesse sido toda limpa. Parecia uma vasta extensão de oceano, onde até os grandes navios dos Bárbaros Brancos estão perdidos. As tribos selvagens foram exterminadas. Apenas um terço da população havia sobrevivido. Mas a força dos Bárbaros Brancos também estava exausta.

Durante as décadas seguintes, os Ugha Mongulala tiveram muita necessidade de espaço para respirar. Podiam retirar-se e tornar a arranjar a defesa das restantes regiões. O meu povo tomou outra vez coragem. Sacrificou incenso e mel das abelhas e venerou a memória dos mortos.

As Tribos Escolhidas reuniram-se. Juntaram em frente de espelho dourado para dar graças pela luz, e chorar os mortos. Acenderam resina, queimaram ervas mágicas e incenso. E pela primeira vez na História, os Servos Escolhidos cantaram a canção do Sol negro, com dó e tristeza:

Maldição sobre nós,

O brilho do sol é negro.

A sua luz cobre a Terra de tristeza.

Os seus raios predizem a morte.

Maldição sobre nós.

Os guerreiros não regressaram.

Caíram na batalha do Grande Rio,

Os arqueiros e os batedores,

Os fundeiros e os lanceiros.

Maldição sobre nós,

O brilho do Sol é negro.

A escuridão cobre a Terra.

O AVANÇO DOS SERINGUEIROS

A paz nas fronteiras orientais do Império prevaleceu um curto período. Mal se tinham passado cinquenta anos depois das batalhas travadas na parte baixa do Grande Rio, os Bárbaros Brancos recuperaram-se das suas perdas. Prepararam-se para um novo ataque na Grande Floresta. De Manaus como chamam à sua maior cidade, avançaram numa grande frente para zona superior do Grande Rio, o rio Vermelho e o rio Negro. E de novo eram movidos pela sua insaciável ambição. Os Bárbaros Brancos haviam descoberto o segredo da borracha.

O meu povo conheceu o segredo da árvore da borracha há mil anos. Os nossos sacerdotes usavam a sua seiva para fazer remédios e venenos. Também a usaram para as cores da pintura de guerra e para a construção de casas. Mas o meu povo respeita as leis da natureza. Juntas só pequenas quantidades de borracha, tal como os Bárbaros Brancos chamam à seiva das árvores. Evitam tudo que possa prejudicar a vida das flores.

Os Bárbaros Brancos, impiedosamente, devastaram a natureza. Enviaram para a floresta de cipós centenas de milhares de homens, levados pela promessa de uma riqueza rápida estimulada pelas armas dos chefes. Dentro de pouco tempo, o primitivamente fértil país transformou-se num desolado deserto. Este renovado avanço dos Bárbaros Brancos tornou-se mesmo mais perigoso para Akakor do que as suas campanhas cem anos antes. Nesta época contentavam-se com um rápido saque. Agora se mantinham nas

florestas. Instalavam-se e cultivavam o solo. As tribos selvagens tinham de fugir. Os que ficaram eram mortos pelos seringueiros ou ficavam presos como animais em grandes acampamentos. Generalizou-se um grande desânimo. Porque os Bárbaros Brancos não conhecem a luz de Deus, a face da Terra escureceu.

O segundo avanço dos Bárbaros Brancos surpreendeu os Ugha Mongulala, que viviam no planalto do Mato Grosso e na fronteira da Bolívia. Estes eram os mais antigos territórios tribais do meu povo. Aqui tinham vivido os nossos antepassados desde a chegada dos Deuses, há quinze mil anos. Os guerreiros foram obrigados a recuar perante o avanço dos seringueiros e dos colonos. Mesmo a maior força dos Ugha Mongulala não teria sido capaz de deter os Bárbaros Brancos. Vinham em enorme número. Os seus chefes tinham armas fortes e superiores. De modo que o Alto Conselho resolveu estabelecer uma nova fronteira do Império na Grande Catarata, no sopé dos Andes. Aqui, os Ugha Mongulala aceitaram a batalha. Daqui defenderam Akakor, tendo a vantagem da dificuldade do terreno, e resolveram morrer em nome do legado dos Primitivos Mestres.

No decorrer das batalhas, os chefes desenvolveram novas táticas. Às primeiras horas da manhã, quando os Bárbaros Brancos ainda estavam a dormir, os nossos guerreiros entraram nos acampamentos. Dominaram os guardas e levaram as choupanas, que eram construídas sobre postes, até o rio.

Os Bárbaros Brancos, adormecidos, ou morreram afogados ou foram comidos pelos peixes. Quando os guardas recuperaram consciência, encontraram simplesmente o espaço vazio. Se contarem o misterioso acontecimento na aldeia vizinha, ninguém os acreditou. Os seringueiros pensaram que tinham endoidecido. Quanto mais frequentemente isto acontecia, maior era a sua suspeita e confusão. Começaram a lutar uns contra os outros. Receosos de novos ataques afastaram-se da floresta. O esgotamento das nossas riquezas acelerou ainda mais a retirada dos Bárbaros Brancos. Nem sequer a imensidão da floresta era suficiente para a sua cobiça e, desprezando as leis da natureza, fizeram com que diminuísse o número das árvores da borracha. A

procura da valiosa seiva tornou-se cada vez mais difícil. A maioria dos seringueiros voltou para a costa leste. Só algumas colônias da parte superior do rio Vermelho ainda eram habitadas.

Os Bárbaros Brancos tomaram posse da terra. Proliferaram nas margens do Grande Rio. Tinham filhos e filhas. Cultivaram os campos. Construíram aldeias com cal e cimento. Realizaram grandes feitos. Mas não tinham nem alma nem razão. Não conheciam o legado dos Deuses. Os Bárbaros Brancos pareciam homens, falavam como homens, mas eram piores que animais selvagens.

O ASSALTO À CAPITAL DOS BÁRBAROS BRANCOS

Desde então vim ver os Bárbaros Brancos no seu próprio país e conhecê-los. Cheguei à conclusão de que também têm conhecimento e sabedoria. Muito do que criaram também era digno dos Ugha Mongulala. Mas o meu povo julga os homens pelos seus corações. E nos corações dos Bárbaros Brancos há traição e escuridão. São falsos para com os seus inimigos e para os seus próprios irmãos. A traição e o ardil são as suas maiores armas. Mas nós aprendemos com os seus feitos. Com a nossa coragem e a nossa sabedoria podemos derrotá-los. Isto foi provado por Sinkaia, um valoroso descendente do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa. Trezentas e oitenta e quatro gerações passaram desde a sua misteriosa morte. A crônica refere-se ao ano de 12.401 (1.920), quando foi aclamado príncipe dos Ugha Mongulala. Pouco depois, Sinkaia provou ser realmente um homem. Guiou a retirada dos Servos Escolhidos para a nova fronteira fortificada na Grande Catarata. Foi ele também que reordenou a defesa do Império e comandou uma campanha que penetrou fundo no território dos Bárbaros Brancos. Ainda hoje a sua recordação se mantém como símbolo do valor dos Ugha Mongulala.

Esta é a história do assalto à capital dos Bárbaros Brancos. Aqui descreveremos como aconteceu. Pensando em todos os crimes e

toda a tristeza e toda a mágoa que causaram às Tribos Escolhidas, Sinkaia decidiu empreender a guerra. E falou desta maneira aos mais valentes guerreiros: “Esta é a ordem que vos dou. Avancem, entrem no país dos vossos inimigos. Vingarei os vossos irmãos mortos. Vingareis o sangue que correu desde que chegaram os Bárbaros Brancos. Levem as melhores armas, os mais fortes arcos, as mais afiadas setas e abram-lhes o peito. Deitem fogo às casas deles, matem os homens, mas poupem as mulheres e as crianças. Porque nesta guerra honraremos o legado dos nossos Antigos Pais. Primeiro ide ao Grande Templo do Sol. Despeçam-se dos Deuses, porque dificilmente tereis a garantia de um regresso seguro. Mas apressem-se. O batedor da Seta Dourada está a caminho. Está à vossa frente há um dia e uma noite. Ele leva a guerra aos Bárbaros Brancos”.

Não sei de que modo a crônica dos Bárbaros Brancos descreve a campanha de Sinkaia. Nem que nome deu aos guerreiros que penetraram na sua capital à luz do dia. Só sei o que está escrito na Crônica de Akakor. De acordo com a crônica do meu povo, o Alto Conselho dos Bárbaros Brancos tomou quinze dos mais respeitáveis homens dos prisioneiros incas. Sinkaia sentiu-se responsável pela sua sorte. Mandou um mensageiro à cidade chamada Lima e pediu a sua libertação imediata. Quando os chefes dos Bárbaros Brancos recusaram o seu pedido, mandou um mensageiro com a Seta Dourada, em sinal de guerra. Depois, oitenta guerreiros puseram-se a caminho para entrar no país do inimigo.

De acordo com a nossa crônica, os guerreiros seguiram por um caminho subterrâneo que vinha do tempo de Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses. Começa no Grande Templo do Sol, em Akakor, e termina no coração da capital dos Bárbaros Brancos. As suas muralhas são leves. Pedras negras, a que chamamos “pedras de hora”, estão embutidas nas paredes com intervalos regulares, para marcar as distâncias. As entradas e as saídas estão protegidas por sinais dos nossos deuses, armadilhas e setas envenenadas. Nem sequer os incas conhecem o percurso do túnel. Depois da chegada dos Bárbaros Brancos, construíram a sua própria passagem

subterrânea. Ia de Cuzco a Catamarca pelo pátio interior da Catedral de Lima. Uma laje impede a passagem do mundo exterior. Está tão bem enquadrada nas fundações que não se consegue distinguir das outras. Só quem conhece o segredo a pode abrir.

Os oitenta guerreiros escolhidos passaram pelo corredor de Lhasa. Durante três luas moveram-se como sombras através do país dos seus inimigos. Depois, alcançaram a capital dos Bárbaros Brancos. De madrugada surgiram do corredor subterrâneo e tentaram libertar os incas cativos. Na batalha que se seguiu, cento e vinte Bárbaros Brancos foram mortos. Mas a vantagem do inimigo era demasiado grande. Nenhum dos guerreiros de Sinkaia voltou a Akakor. Deram a vida como leais servos dos Deuses em benefício do Povo Escolhido.

IV

A SABEDORIA DOS UGHA MONGULALA

(1.921 - 1.932)

“A Primeira Guerra Mundial foi resultado do poder imperialista e da intensificação da tensão nacionalista. Terminou com a derrota absoluta da Alemanha imperial. No entanto, o que se passou depois só renovou as diferenças políticas e preparou a Europa para a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, os Estados Unidos tornaram-se um poder mundial. Os últimos restos de uma população nativa foram relegados para os campos índios. Desenvolveram-se grandes diferenças sociais e políticas na América Latina. O Peru, a pátria dos Incas, era agora governado por trezentas famílias. Oitenta por cento da população brasileira estava inteiramente, dependente dos donos das grandes fazendas. Na Amazônia a avanço da civilização branca esteve temporariamente suspenso no fim da valorização da borracha. Os índios da floresta virgem recuaram para a região das florestas e salvaram-se de uma extinção completa. Em 1.926, Marechal Rondon estabeleceu o Serviço de Proteção aos Índios do Brasil, mas a corrupção e o crime tornou-se uma arma da alta classe branca”.

A NOVA ORDEM DO IMPÉRIO

Outrora a voz do meu povo era poderosa. Atualmente é fraca e não consegue comover os corações dos Bárbaros Brancos. Porque estes são frios, mesmo para os seus próprios irmãos. Têm casas que são bastante grandes para albergar todas as famílias de uma aldeia e, no entanto, não aceitam um vagabundo. Podem ter na mão um grande cacho de bananas e, porém, não darão um único fruto a um esfomeado. Mas esta é a maneira como desde sempre agiram os Bárbaros Brancos. Por isso nós fugimos para a inacessível região das montanhas, embora os nossos guerreiros insistam para que se faça guerra, tal como está escrito na crônica:

“Já não temos um poderoso exército”. Assim falaram os comandantes perante o Alto Conselho. “Nem temos aliados ou fortalezas para proteger o Império. Os nossos guerreiros recuam perante as forças superiores do inimigo. Eles vêm pelas montanhas e pelos vales. Mas ainda podemos unir; podemos ainda atacar as suas aldeias, onde eles construíram casas e onde os seus navios estão ancorados”. Assim falaram os comandantes perante o Alto Conselho, e os ouvintes ficaram emocionados com a sua coragem.

O ataque que estava planejado para as instalações dos Bárbaros Brancos no Grande Rio não se realizou. O Alto Conselho opôs-se a outra guerra, que podia muito bem terminar numa luta inglória. Os guerreiros Ugha Mongulala não tinham grandes esperanças em presença das armas do inimigo. Assim, o Alto Conselho concentrou-se na reordenação do Território que lhes restava. Para o proteger de ataques de surpresa o Conselho ordenou que se estabelecessem postos de vigia nos quatro cantos do Império: na Grande Catarata, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia, na região dos afluentes do Grande Rio, nas montanhas ao redor de Machu Picchu e nas encostas ao norte do monte Akai. Qualquer estrangeiro que ousasse avançar além destes pontos era impiedosamente morto pelos guerreiros Ugha Mongulala. Ao mesmo tempo, o Alto Conselho renovava os votos de amizade com as Tribos Aliadas que se mantinham fiéis. As únicas que nesta época podiam ser de confiança eram a Tribo dos Corações Negros, a Tribo das Grandes Vozes, na Grande Catarata, a Tribo dos Demônios do Terror, na parte superior do rio Vermelho, e tribos menores, nas zonas orientais da floresta. Somente estas haviam guardado o legado dos Primitivos Mestres.

Os chefes eram iniciados. Conheciam tudo sobre o Povo Escolhido. Mas não quebraram o seu voto de silêncio. Os seus corações estavam cheios de veneração. Baixavam a cabeça quando recordam os Deuses.

O Alto Conselho também restabeleceu a segurança interna do Império. Com a sua voluntária retirada, os Ugha Mongulala havia perdido mais de três quartos do seu país. Foram obrigados a ajustar

a vida da comunidade às novas condições. Eram principalmente as mulheres que tomavam conta dos trabalhos do campo e tinham a responsabilidade de administrar e superintender na armazenagem. Cabia aos homens à construção de fortificações e a vigilância das fronteiras. Saíam à caça e mantinham as comunicações com as últimas Tribos Aliadas.

E assim passavam os anos, sem que acontecesse qualquer fato decisivo. Os Bárbaros Brancos continuavam a expandir o seu novo império. Os Ugha Mongulala viviam retirados, de acordo com o legado dos Deuses. Tudo o que restava do velho estilo de vida era o fato de os guerreiros ainda se manterem de sentinela nos rios, tal como está escrito na crônica:

Assim avançaram os guerreiros das Tribos Escolhidas, armados com arcos e setas. Iam até as Altas Montanhas, e, para baixo, até ao Grande Rio. Passaram por bandos de animais e pássaros, com as suas facas e com afiadas lanças de bambu. E também iam até à Grande Catarata, onde ficavam de sentinela. Ficaram nos quatro cominhos: no Azul, no Vermelho, no Preto e no Amarelo. Aí se mantiveram e apunhalaram os Bárbaros Brancos que ousavam avançar até Akakor.

O MAIS ALTO CONHECIMENTO DOS SACERDOTES

Os Deuses mantiveram-nos na expectativa. Embora os sacerdotes tivessem calculado que o seu regresso estaria próximo, os navios dourados não apareciam. O meu povo continuava sozinho na sua luta contra os Bárbaros Brancos, que, calma e inexoravelmente, integravam a Grande Floresta no seu império. Mas os Ugha Mongulala ainda não estavam derrotados. Os homens ainda viviam de acordo com as leis de Lhasa, protegido pelo conhecimento e pela sabedoria dos nossos Primitivos Mestres.

Para que se compreenda o que quero dizer, tenho uma vez mais de falar na Idade do Ouro, quando os Deuses ainda governavam um vasto império na Terra. Durante milhares de anos os sacerdotes

guardaram o legado dos Deuses. Nada se perdera, nem o conhecimento dos Antigos Pais nem os documentos secretos que estão guardados nos subterrâneos do Grande Templo do Sol. São pinturas misteriosas, mapas e desenhos feitos pelos Deuses que se referem à enigmática e escura pré-história da Terra.

Um dos mapas mostra que a nossa Lua não é a primeira na história da Terra. A Lua que conhecemos começou a aproximar-se da Terra e a andar-lhe em redor há milhares de anos. Nessa época, o mundo ainda tinha outra face. Ao oeste, onde os mapas dos Bárbaros Brancos só mostram água, havia uma grande ilha. E uma gigantesca massa de terra existia igualmente na parte norte do oceano. De acordo com os nossos sacerdotes, tanto uma como outra desapareceram sob uma enorme massa de água durante a primeira Grande Catástrofe, a guerra entre as duas raças divinas. E acrescentam que esta guerra não só devastou a Terra como também os mundos de Marte e Vênus, tal como lhes chamam os Bárbaros Brancos.

Baseados nos documentos deixados pelos Deuses, os nossos sacerdotes sabem muito do que ficou oculto para os Bárbaros Brancos. Eles conhecem os menores e as maiores coisas da Terra e o material de que cada coisa é feita. Estudaram o curso das estrelas e as relações da natureza. Investigaram as forças espirituais do homem e como as regular e aplicar. Os nossos sacerdotes aprenderam a fazer voar os objetos através do espaço e a abrir o corpo dos doentes sem lhes tocar. Sabem transmitir o pensamento sem palavras. Isto os habilita a comunicar uns com os outros a grandes distâncias, não em pormenor, mas a chegar à conclusão de que o seu coração está cheio de tristeza ou de alegria. Mas para esta espécie de comunicação é necessário o conhecimento do legado dos Deuses e absoluto poder sobre as forças mentais.

O meu povo não tem nada a recear de uma confrontação mental entre nós e os Bárbaros Brancos. Os nossos inimigos constroem realmente poderosas ferramentas e fortes armas. Atravessam a terra sob as montanhas e perfurando as rochas, erguem-se para o céu no ventre de uma gigantesca ave. Tal como as aves, voa de

nuvem par nuvem e os seus barcos são grandes e potentes, e sem receio atravessam os oceanos. Mas as suas artes não nos intimidam. Ainda não construíram nada que os salve da morte ou que prolongue as suas vidas. Até agora, eles não fizeram nada que seja maior do que os feitos dos Deuses na sua época. E todas as suas artes e magias não os têm tornado mais felizes. Mas a vida dos Ugha Mongulala é simples e dirigida pelo legado dos Deuses. Olhamos os Bárbaros Brancos com desprezo quando pretendem ser bons.

Até então a vida das Tribos Escolhidas era feliz. Estas leis provinham de uma única origem. Só havia uma ordem. Os Servos Escolhidos agiam de acordo com ela. Em tudo que faziam seguiam o legado dos Deuses. Porque eles nos ensinaram a tirar o fruto da árvore e a levantar as raízes do solo. Deram-nos a alegria da dança e dos jogos. Ensinaram-nos o segredo do homem, dos animais e das plantas.

Fiéis aos desejos dos nossos Primitivos Mestres, os sacerdotes reuniram todo o conhecimento e experiência e esconderam-nos em moradias subterrâneas. Os objetos e os documentos, testemunhando doze mil anos da história do meu povo, estão guardados numa sala que está incrustada na rocha. E aqui também estão os misteriosos desenhos dos nossos Antigos Pais. Estão gravados em verde e azul num material que desconhecemos. Nem a água nem o fogo os podem destruir. Do tempo de Lhasa ainda temos os seus trajes de ouro, as suas fortes armas e o bastão de chefe feito de uma pedra avermelhada. Dos Bárbaros conservamos as cabeças de dragão dos seus navios, os seus elmos alados, as suas armaduras e as espadas de ferro. A primeira crônica escrita dos Bárbaros Brancos, que se chama "Bíblia", também está lá guardada.

Mais da metade das salas subterrâneas estão cheias de enfeites de joalheria dos templos das nossas cidades abandonadas. As ferramentas e os escritos dos soldados alemães que vieram até nós no ano 12.422 (1941) ocupam um lugar especial. Deram-nos os seus uniformes, as suas armas e o sinal da sua nação, uma cruz preta sobre o tecido branco. Assemelha-se às nossas rodas de fogo

que as crianças rolam montanhas abaixo na época do solstício. O nosso próprio símbolo remonta aos Antigos Pais: um brilhante e vermelho sol-nascente erguendo de um profundo mar azul.

O mais profundo testemunho da aliança entre os soldados alemães e os Ugha Mongulala é o acordo entre as duas nações. Está registrado na escrita dos Antigos Pais e dos Bárbaros Brancos e foi assinada pelo príncipe e pelos chefes dos soldados alemães.

O maior tesouro do meu povo, A Crônica de Akakor, está numa galeria enfeitada a ouro que liga o Grande Templo do Sol às moradias subterrâneas. A primeira parte, que se relaciona com o tempo da partida dos Deuses até à idade do sangue, está escrita sobre peles de animais. Desde Lhasa que os sacerdotes usam pergaminho. A entrada da sala onde está guardada a crônica é vigiada por guerreiros escolhidos, que são responsáveis pelo testemunho da história do meu povo. Conservando a crônica, podemos prestar contas aos Deuses quando eles voltarem.

UM CHEFE DOS BÁRBAROS BRANCOS EM AKAKOR

O meu povo soube preservar o segredo de Akakor. Durante doze mil anos da história das Tribos Escolhidas, muito poucos estrangeiros vieram à nossa capital. Durante o reino do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa, embaixadores de Samon visitaram o nosso império. Três mil anos mais tarde, os Incas discutiram conosco guerra e paz. No décimo segundo milênio, os Bárbaros alcançaram a costa leste do Império. Contataram com os nossos guerreiros e uniram-se ao nosso povo. Depois vieram os Bárbaros Brancos. Para evitar a descoberta de Akakor, os Ugha Mongulala cederam a maior parte dos seus domínios, outrora poderosos. Os poucos inimigos que alcançaram a cidade dos Deuses eram exilados para sempre para as minas de ouro e de prata. Um grupo de pesquisadores de borracha brancos foram os únicos a serem mortos, por ordem do Alto Conselho. Haviam avançado até Akakor no ano de 12.408 (1927). O seu chefe chamava-se Jacob, um

homem que prestava homenagem ao sinal da cruz. Como os nossos sacerdotes quisessem saber que deus estava oculto atrás deste sinal, reuniram uma assembleia de todo o povo. Travou-se discussão em presença dos Servos Escolhidos, tal como está narrado na crônica, com boas palavras e numa escrita clara:

E Jacob apresentou-se ao Alto Conselho. Ergueu a voz para começar a sua defesa. Mas dominou-o um estranho sentimento. Viu na sua frente pessoas que mandaram matar, homens como ele, com pele branca e rosto honesto. E Jacob começou a transpirar. O sangue subiu-lhe à cabeça. Tinha a boca seca. E a poderosa arma caiu-lhe das mãos. No seu louco desespero, orou ao seu Deus. Jacob começou a falar acerca das leis do seu povo. “É melhor matar os selvagens do que deixá-los viver, pois eles são como os animais da floresta. Estas são as minhas ordens. É desta maneira que vou agir”. Então, Magus, o grande-sacerdote das Tribos Escolhidas, disse: “Falaste acerca do meu povo como um homem que pensa que é deus e que pode decidir da vida e da morte”. Mas sabes também que a vida real se estende para além da morte? Eu, tu todos nós tivemos uma existência antes desta vida. E viveremos também depois da nossa morte. Os sentimentos transitórios nos são alheios. O prazer e a tristeza, o calor e o frio não significam nada para nós. Libertamo-nos desses sentimentos passageiros, somos realmente livres. E só quem reconheceu esta verdade, o verdadeiro significado da vida e da morte, pode entrar na segunda vida. Porque o essencial Eu que mora no nosso corpo não está sujeito nem ao tempo nem ao espaço. Ninguém o pode destruir porque é indestrutível, enão conhece nem nascimento nem morte. Nenhuma arma o pode ferir, nem fogo queimá-lo, nem água afogá-lo, nem o calor ressequi-lo. “Mas para vós tudo acaba com a morte”. – “Dizei-me, padre”, disse então Jacob, “qual é a maneira de se comportar do vosso povo? Como cumprem as leis dos vossos deuses?” E Magus respondeu-lhe: “Duas estradas levam à finalidade: feitos e conhecimentos. Podem ganhar conhecimentos praticando boas ações. Sem sabedoria a finalidade não pode ser alcançada. A maior tarefa do meu povo é o serviço da comunidade. Os seus piores inimigos são a ambição e a ira”. Então Jacob irritou-se. As suas palavras foram duras. Ameaçou, com o coração frio:

“Mesmo se me matarem não viverão. Porque o meu povo são como as formigas. São infatigáveis na sua criatividade. Não conhecem a fadiga”. E um murmúrio levantou-se entre a assistência. A amargura encheu o coração do povo. E o grande-sacerdote ergueu-se. E disse a última e completa verdade: “Uma pessoa que não está ligada a nada, que não se vê como um utensílio dos Deuses, não é humano; é infame. Está perdida como um animal ferido na floresta. Vós, Bárbaros Brancos, não tendes fé. Negais a vontade dos Deuses. Não respeitais sequer o vosso próprio Deus. Não cumpris sequer as vossas próprias leis. Portanto tendes de morrer, e convosco todos os vossos amigos”.

Este discurso terminou com a disputa entre Jacob e o grande-sacerdote Magus. Os pesquisadores de borracha brancos foram mortos. Akakor duplicou as vigias nos postos dos rios. Os Ugha Mongulala esperaram pelo regresso dos Deuses. Este período, quando os soldados alemães chegaram, explicado na quarta parte da crônica sujeitou o meu povo às situações mais difíceis. As últimas Tribos Aliadas renunciaram à sua aliança. Os Servos Escolhidos refugiaram-se nas moradias subterrâneas. A única coisa que lhes restava era o legado dos Deuses. Os Bárbaros Brancos não nos podiam roubar isso, porque se reflete em cada árvore, em cada flor, em cada caule de erva, no mar, no céu, nas nuvens. Os Deuses estendem as mãos a todos os homens e não acreditam que um homem não seja igual a outro, ou que um possa dizer: “Eu fico ao sol e tu à sombra”. Pelo seu legado, todos devem ter direito ao sol, muito embora agora sejamos obrigados a esconder-nos na sombra das montanhas. Tudo se repete. Nada passa que não possa recomeçar. Tudo já aconteceu antes: vitória e derrota, poder e fraqueza. Desde os tempos imemoriais, a natureza tem-se repetido. Ao o legado dos Deuses fica para sempre, para todos os tempos.

O LIVRO DA SERPENTE – D'ÁGUA

Esta é a serpente d'água;

É forte.

Move-se silenciosamente no Grande Rio

Em busca do seu inimigo.

Poderosamente,

Luta contra milhares de mãos

Dos seus caçadores.

Desfaz os seus laços.

Porque é livre e invencível

No seu reino.

I

OS SOLDADOS ALEMÃES (1.932 - 1.945)

As condições do Tratado de Versalhes deram origem a consideráveis modificações na Europa. Sob a pressão de adversas condições econômicas, muitas novas ideologias de caráter autoritário ganharam terreno. Em 1.933, Hitler assumiu o Poder na Alemanha com o seu Partido Nacional-Socialista. A sua implacável política de expansão se estenderam a outros continentes. A princípio, os países latino-americanos adotaram uma atitude de laissez-faire para com o nacional-socialismo. Depois do eclodir das hostilidades, em 1.939, Hitler tentou levar o presidente brasileiro Vargas a fazer uma aliança e ofereceu-lhe várias fábricas de aço como compensação. No entanto, sobre pressão dos Estados Unidos, o Brasil declarou guerra à Alemanha em 1.942. As hostilidades no continente sul americano limitaram a ações secretas do Exército alemão, que foram defendidas pela colônia alemã. Dentro deste período, a sorte dos Índios não se alterou apreciavelmente. Pela segunda vez, um exército de seringueiros avançou na região do Amazonas, para garantir a valiosa matéria prima para os Aliados. A população nativa retirou-se mais ainda para as inacessíveis regiões da floresta virgem.

O ASSALTO AO POVOADO DE SANTA MARIA

A Crônica de Akakor registra tudo que aconteceu aos Ugha Mongulala, incluindo a aliança com os soldados alemães, que vieram e ficaram com eles para sempre. Tudo isto está escrito na crônica:

Os Bárbaros Brancos eram numerosos. Alguns se tinham instalado em comunidades. Outros vieram e seguiram caminhos diferentes. E gritavam como as aves da floresta e rosnavam como o jaguar. Queriam fazer medo aos Servos Escolhidos. Queriam expulsar os

guerreiros e exterminar a última das Tribos Escolhidas. E o Alto Conselho falou assim: “Temos de combater os estrangeiros. Devemos matar os Bárbaros Brancos. Eles assassinaram as nossas mulheres, roubam as nossas terras e adoram falsos deuses. Furaremos as suas orelhas e cotovelos e privá-lo-emos da sua virilidade. Matá-los-emos um após outro. E se um ou outro estiverem longe, far-lhes-emos emboscadas. Espalharemos o seu sangue pelos caminhos e poremos as suas cabeças à beira do rio, onde muitos dos nossos guerreiros encontraram a morte”.

A guerra de conquista dos Bárbaros Brancos terminou com a retirada dos seringueiros. Só pequenos grupos de aventureiros e prospectores se aventuravam para além dos limites da Grande Catarata. Avançaram para a região interior de Akakor e empenharam-se num duro combate com os nossos vigias, o qual foi travado com a maior crueldade de ambas as partes. Os Bárbaros Brancos atacaram aldeias das Tribos Aliadas e mataram homens, mulheres e crianças. Os Ugha Mongulala fizeram prisioneiros nos postos avançados, arrancaram-lhes a pele dos pés lançaram-nos ao rio, onde o sangue atraiu os peixes carnívoros, que os devoraram vivos. Outros foram amarrados e entregues aos carnívoros da selva de lianas.

Grandes batalhas foram raras; houve uma em 12.417 (1.936). Uma expedição chefiada por sacerdotes brancos avançou no território das Tribos Aliadas dos Corações Negros. Deitaram-lhes fogo às cabanas e violaram os túmulos para encontrar ouro. Isto foi uma infração às leis divinas que pedia expiação. O príncipe Sinkaia, que também deu ordem de ataque a Lima, colocou-se à frente dos Ugha Mongulala. Com guerreiros escolhidos, atacou as bases dos Bárbaros Brancos na zona superior do rio Negro, em Santa Maria. Ordenou que todos os homens fossem mortos e que todas as casas fossem queimadas. Só quatro mulheres da aldeia escaparam ao ataque, e essas foram prisioneiras. Ao voltar a Akakor, três morreram afogadas numa tentativa de escapar. A quarta mulher alcançou a capital do império dos Ugha Mongulala. Com a sua chegada, no ano 12.413. Abre-se um novo capítulo da história do meu povo. Pela primeira vez, um Bárbaro Branco não trouxe mal

nem tristeza ao meu povo. E pela primeira vez o príncipe das Tribos Escolhidas se aliou ao sangue de um povo estranho, contra os desejos do Alto Conselho, mas com a aprovação dos sacerdotes.

Reinha, que era como se chamava a mulher cativa, veio de um país distante chamado Alemanha. Sacerdotes brancos tinham-na enviado ao Brasil para converter as Tribos Degeneradas ao sinal da cruz. O seu trabalho fez com que se familiarizasse com a vida do antigo povo do Grande Rio. Tinha visto a sua infelicidade e conhecia a sua luta desesperada pela sobrevivência. Depois de ter sido feita prisioneira, Reinha dentro em pouco ganhou a confiança do meu povo. Auxiliava os doentes e curava as feridas dos guerreiros. Trocava os seus conhecimentos com os dos sacerdotes e falava na herança do seu povo. O príncipe Sinkaia, que a observava profundamente, tornou-se muito amigo de Reinha. Quando ela evidenciou os mesmos sentimentos e se mostrou disposta a renunciar ao sinal da cruz, ele deu-lhe a situação de princesa dos Ugha Mongulala.

Agora, falar-lhes-ei de todos os nomes e títulos. Mencionarei os nomes de todos os que vieram a Akakor para celebrar a união entre Reinha e o príncipe. O príncipe das Tribos Escolhidas era Sinkaia, o primogênito de Uma, venerável descendente de Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses. A seu lado estava o grande-sacerdote Magus e o supremo chefe guerreiro Ina. Estes foram os primeiros do nosso povo a prestar homenagem à nova princesa. Foram seguidos pelo Alto Conselho, os senhores da Casa de Hama, da Casa de Magus e da Casa de Maid. E juntaram-se todos os guerreiros. Até o povo comum se juntou para ver a cerimônia. Todos saudaram a sua nova ama com o devido receio.

REINHA EM AKAKOR

A união entre Reinha e Sinkaia alterou a vida do meu povo. A nova princesa dos Ugha Mongulala era a primeira mulher a partilhar do governo do príncipe. Assistiu às reuniões do Alto Conselho e tomou

importantes decisões. Por seu conselho, Sinkaia ordenou que todas as tribos tivessem direitos iguais. Até a chegada de Rainha a Akakor, tinham estado sujeitas ao pagamento de pesados tributos e impostos de guerra. Agora Sinkaia anulava uma das leis dos Antigos Pais. Dava-lhes os mesmos direitos que os dos Ugha Mongulala, tal como está escrito na crônica;

Assim foi introduzida a igualdade de todas as tribos. Arqueiros e atiradores de lanças, fundeiros e batedores, dignitários e generais – todos os títulos e posições estavam abertos a cada um. Só o cargo do príncipe e os dos sacerdotes estava reservado ao Povo Escolhido, os legítimos descendentes dos Primitivos Mestres.

Desde então, as Tribos Aliadas tiveram direitos iguais. Para evitar que cometessem traição, o Alto Conselho introduziu a pena de morte. Isto foi também uma quebra nas ordens dos Antigos Pais. De acordo com o seu legado, os grandes crimes eram punidos com o exílio. Mas a Idade do Ouro havia passado. Em vez de atuarem como deuses sensatos e previdentes, os Bárbaros Brancos alteraram a sorte do continente. Governaram de acordo com as suas leis, com traição e astúcia, e trouxeram o desassossego às Tribos Aliadas. Quinze das tribos mais leais já tinham sido logradas pelas suas promessas hipócritas e haviam-se convertido ao sinal da cruz. O Alto Conselho esperava protelar o perigo de traição pelo menos temporariamente, introduzindo a pena de morte.

No fim da estação das chuvas do ano 12.418 (1.937), deu-se um acontecimento em Akakor que já era esperado há muito tempo: Rainha deu um filho a Sinkaia. Eu, Tatumca Nara, sou o primogênito, o príncipe legítimo dos Ugha Mongulala, tal como está escrito na crônica:

Esta é a história do nascimento do filho primogênito do príncipe Sinkaia. Tal como os raios do Sol de manhã cedo se abrem, assim se espalhou a notícia por todo o país, e grande foi a alegria dos Servos Escolhidos. O calor encheu os seus corações. Subitamente desaparecia a sua tristeza e os seus pensamentos eram fáceis. Porque Sinkaia era muito respeitado e a sua família altamente considerada. A sucessão da Casa de Lhasa estava garantida e

nunca mais se podia extinguir. A raça do príncipe, supremo servo dos Primitivos Mestres, já não podia desaparecer. Assim falava o povo e assim falavam os guerreiros. Só os grandes-sacerdotes se sentavam envoltos em silêncio. E faziam invocações prescritas. Para interpretar o futuro abriram a árvore. Mas a seiva vermelha saiu da árvore e caiu na taça. Tomou a forma de um coração e a seiva que escorreu por fora era como verdadeiro sangue. Depois o sangue congelou. Uma crosta brilhante cobriu a seiva, envolvendo um terrível segredo. Nascera o último príncipe – o último da geração de Lhasa.

A ALIANÇA COM A ALEMANHA

Quatro anos depois do seu casamento com Sinkaia, Rainha regressou ao seu povo. Não era uma refugiada; antes como embaixatriz dos Ugha Mongulala. Tomando uma estrada secreta, alcançou as instalações dos Bárbaros Brancos na costa leste do oceano. Um grande navio levou-a para casa. Rainha ficou com o seu povo durante doze luas. Então os batedores anunciaram a sua iminente chegada a Akakor. Mas, desta vez, a princesa das Tribos Escolhidas estava acompanhada por três altos dignitários do seu povo. Sinkaia reuniu os mais velhos, os chefes guerreiros e os sacerdotes para darem-lhe as boas-vindas. O povo comum e os guerreiros também se juntaram para ver os estranhos visitantes. Nos dias seguintes, o Alto Conselho e os chefes alemães tiveram muitas reuniões, a que Rainha esteve lá presente. Trocaram os seus conhecimentos e discutiram um futuro comum. Depois assentaram num acordo. Os Ugha Mongulala e os alemães fizeram um convênio que mais uma vez deu um rumo inteiramente diferente à sorte dos Ugha Mongulala.

Antes de falar nos pormenores deste acordo, tenho ainda de me referir à miséria e ao desespero por que passou o meu povo durante esses anos. A guerra continuou nos quatro cantos do império. Grande número dos nossos guerreiros foi morto pelas terríveis armas dos Bárbaros Brancos. Os nossos inimigos

avançaram de tal maneira que o meu povo não podia nem enterrar os seus mortos segundo os antigos costumes. Os seus corpos decompunham-se no chão como flores caídas. Os lamentos das mulheres e os gritos de dor enchiam toda Akakor. No Grande Templo do Sol, os sacerdotes imploravam o auxílio dos Antigos Pais. Mas o céu mantinha-se indiferente. As Tribos Escolhidas foram atingidas pela fome. No seu desespero roeram cascas de árvores e comeram os líquens das rochas. Começaram as querelas e as disputas. Foi só uma questão de tempo até os Ugha Mongulala terem de desistir da sua luta com os Bárbaros Brancos. Como um jaguar apanhado na armadilha, lutaram desesperadamente contra a sua iminente extinção.

Esta era a vida do meu povo quando o Alto Conselho concluiu a aliança com os chefes alemães. Prometeram aos Ugha Mongulala as mesmas poderosas armas que os Bárbaros Brancos usavam. Dois mil soldados iriam ensinar-lhes a usar o equipamento. Seriam os responsáveis pela construção de grandes fortificações e por conseguir mais terra arável. Mas a decisiva parte do acordo referia-se à guerra planejada para o ano 12.425 (1.944). Os nossos aliados pretendiam desembarcar na costa brasileira e ocupar todas as grandes cidades. Os guerreiros Ugha Mongulala deviam suportar a campanha atacando as posições dos Bárbaros Brancos no interior. Depois da esperada vitória, o Brasil seria dividido em duas partes: aos soldados alemães seriam atribuídas as províncias da costa; os Ugha Mongulala ficariam satisfeitos com a região do Grande Rio, que lhes tinha sido dados pelos Deuses há doze mil anos. Este foi o contrato entre o Alto Conselho e os chefes alemães.

Os chefes alemães eram prudentes e os seus pensamentos eram sensatos. As suas palavras expressavam o que havia nos seus corações. E disseram: “Devemos partir. Devemos voltar para o nosso povo, que está forjando poderosas armas. Mas não vos esqueceremos. Lembrar-nos-emos das vossas palavras. Voltaremos dentro em pouco. Voltaremos para destruir os vossos inimigos”. Assim disseram quando se separaram. E depois foram para a sua pátria, para o seu poderoso povo.

A aliança com a Alemanha deu aos Ugha Mongulala a sua antiga confiança. No momento de maior necessidade encontraram um novo aliado para restabelecer o seu império. Tomaram nova coragem. A tristeza das mulheres foi esquecida; o tempo da fome passara; o sol brilhava de novo radiosamente. Os sacerdotes lembram que Sinkaia chamou todo o povo para uma grande festa em Akakor, onde ordenou que os últimos fornecimentos fossem distribuídos. Ordenou que os escribas lessem altas partes da Crônica de Akakor que diziam respeito ao renascimento do império do Exaltado Filho dos Deuses, Lhasa, a chegada dos Bárbaros e a Idade de Ouro dos Deuses. Pela primeira vez em muitos anos, a alegria podia ver-se de novo nos rostos dos Servos Escolhidos. Homens e mulheres enfeitaram-se com tranças e pedras coloridas. Dançaram exuberantemente ao som das flautas de osso e tambores. Os sacerdotes afirmam que a festa durou três dias. Os chefes alemães deixaram Akakor e voltaram para a sua pátria;

OS DOIS MIL SOLDADOS ALEMÃES EM AKAKOR

Os primeiros soldados alemães atravessaram a fronteira de Akakor na estação seca de 12.426 (1.941). Nos anos seguintes continuaram a chegar novos grupos, até atingirem o número de dois mil. Em 12.426 (1.945) os últimos alemães atingiram a capital dos Ugha Mongulala. Depois disso, cessaram todas as comunicações com o Governo alemão.

Tive conhecimento da rota que os soldados alemães seguiram desde o seu próprio país até Akakor, pelas suas próprias informações. O seu ponto de partida foi uma cidade chamada Marselha. Havia-lhes sido dito que o seu destino era Inglaterra. Só a bordo do navio que podia mover-se de água como um peixe lhes disseram qual o seu verdadeiro destino. Depois de atravessarem durante três semanas o oceano, chegaram à foz do Grande Rio. Aqui, um pequeno navio que os esperava levou-os à parte superior do rio Negro. Na última parte da travessia foram acompanhados pelos batedores dos Ugha Mongulala. Dirigiram-se à Grande

Catarata, na fronteira entre o Brasil e o Peru, em canoas e ficaram num ponto situado a umas escassas vinte horas de caminho de Akakor. Ao todo, a viagem dos soldados alemães durou cinco luas.

Assim, os soldados alemães atingiram Akakor. E aí se instalaram. Vinham como amigos. Trouxeram prendas e mil e umas poderosas armas para combater os Bárbaros Brancos. E o Alto Conselho falou-nos: “Isto é o início do renascimento do Império. Os Servos Escolhidos já não necessitam de fugir. Os guerreiros voltam ao combate com honra. Vingarão os crimes dos Bárbaros Brancos. Porque são servos do mocho e desejam a guerra; são sedutores e blasfemos. Os seus corações são falsos, negros e brancos ao mesmo tempo. Mas o legado dos Deuses tem de se cumprir. Eles estão enfrentando a morte”.

A chegada dos soldados alemães a Akakor deu origem a um período de intensa criatividade. Os novos aliados treinaram mil guerreiros Ugha Mongulala no uso das novas armas, das quais ainda hoje não sabem o nome. Na língua dos nossos aliados, eram espingardas, pistolas automáticas, revólveres, granadas de mão, facas de dois gumes, barcos infláveis, tendas máscaras de gás, telescópios e outros misteriosos equipamentos de guerra. Pistoleiros escolhidos trouxeram a notícia de uma guerra iminente contra os Ugha Mongulala. Caçadores armazenaram grandes quantidades de carne. As mulheres teceram e fizeram sapatos para os homens. Sob a instrução de soldados alemães, também fizeram bolsas de couro. Estas eram cheias com um líquido marrom facilmente inflamável que vinha de secretas fontes da montanha conhecida só dos sacerdotes. No caso de um ataque de surpresa do inimigo, os guerreiros teriam de deitar este líquido nos rios e lançar-lhe fogo. Uma simples tocha seria suficiente para fazer dos rios gigantescos mares de chama. Durante estes preparativos de guerra em Akakor, um exército de doze mil homens, com soldados alemães a comandar, reunir-se na fronteira leste do Império, na parte superior dos rios Vermelho e Negro. Os homens esperaram pelo sinal combinado para atacar. Queriam uma guerra justa, que só podia terminar com a vitória.

Agora queremos falar de Akakor, dos festivais no Grande Templo do Sol e das orações dos sacerdotes. Erguiam o seu rosto para o céu; imploravam o auxílio dos Deuses. Este era o grito dos seus corações: “Oh! Bela luz, coração do céu, coração da terra, doador da abundância. Dai-nos a vossa força, concedei-nos o vosso poder. Que os nossos guerreiros alcancem a vitória nas estradas e nos caminhos, nas ravinas e nas águas, nas florestas e na selva de cipós”.

A guerra nunca se realizou. Exatamente quando os chefes alemães pensavam que a vitória era sua, perderam. Os últimos soldados alemães, acompanhados por mulheres e crianças, relataram a derrota absoluta do seu povo. As forças superiores do inimigo tinham destruído o seu país e devastado toda a Terra. Só a fuga precipitada os salvara do cativo. De agora em diante não se podia esperar ajuda da Alemanha.

A chegada dos últimos soldados alemães causou tristeza e desespero entre o meu povo. Visto que os seus aliados não podiam desembarcar na costa leste do Brasil, a guerra contra os Bárbaros Brancos era impossível. A esperança no renascimento do Império vacilava. O Alto Conselho ordenou que os guerreiros regressassem a Akakor. Junto com os outros membros dos Ugha Mongulala, decidiram da sorte dos soldados alemães, cuja presença na capital se relacionava com os mais insolúveis problemas. Pertenciam a um estranho mundo que não era familiar ao legado dos Deuses. Viviam de acordo com diferentes leis e não compreendiam nem a nossa língua nem a nossa escrita. Mas o meu povo também não podia fazê-los regressar ao seu país. Os aliados seriam levados para cativo e trairiam o segredo de Akakor. Relutantemente, o Alto Conselho decidiu atender ao pedido de Rainha. Os Servos Escolhidos aceitaram para sempre os soldados alemães. Tal como os Bárbaros, mil e quinhentos anos antes, tornaram-se parte integrante do meu povo, ligado a eles de acordo com o legado dos Deuses.

II

O NOVO POVO (1.945 - 1.968)

“Da segunda Guerra Mundial resultaram milhões de mortos e feridos e de desaparecidos. Muitos países do mundo experimentaram sérios desequilíbrios financeiros e econômicos. A suspeita e o medo criaram dois poderosos blocos, divididos por ideologias mutuamente hostis. Até então, este conflito não havia tido muitas repercussões no continente sul-americano. O extermínio dos índios da floresta atingiu uma nova expressão. O Serviço de Proteção aos Índios do Brasil revelou-se um elemento de grupos de pressão econômica para extinção da população nativa. No prazo de vinte anos, oitenta tribos índias foram vítimas das intrigas do poder branco e das doenças da civilização. Os sobreviventes retiraram-se para as mais inacessíveis regiões”.

A VIDA DOS SOLDADOS ALEMÃES EM AKAKOR

Sou um homem simples, mas falo com a voz do meu povo. O meu coração é o dos Ugha Mongulala. Falarei de tudo que possa pesar no coração do meu povo. As Tribos Escolhidas já não desejam a guerra. Mas não têm medo de morrer. Não se escondem por entre as rochas. Não receiam a morte porque esta faz parte da própria vida. Os Bárbaros Brancos têm medo de morrer. Só quando eram apanhados por uma tempestade ou quando as suas vidas se aproximavam do fim eles se lembravam de que havia poderes superiores e deuses em posições mais elevadas do que as deles. Durante o dia, a ideia da morte é simplesmente aborrecida e afasta-os dos estranhos prazeres e das alegrias. Os Bárbaros Brancos sabem que o seu Deus não está contente com eles e que se devem prostrar em sua homenagem. Porque não têm nada dentro de si a não ser ódio. Os seus corações são como anzóis grandes e pontiagudos, quando devem ser uma fonte de luz que vença a escuridão e possa iluminar e aquecer o mundo. Portanto, temos de lutar, como está escrito na crônica:

Todos se tinham reunido as Tribos dos Servos Escolhidos e os Povos Aliados, pequenas e grandes tribos. Juntaram-se todos no mesmo local, onde esperavam a decisão do Alto Conselho. Mantinham-se humildes, tendo caminhado com grande dificuldade. E o grande-sacerdote falou: “Que fizemos nós para que os Bárbaros Brancos nos perseguissem como animais e invadissem o nosso país como o caçador jaguar? Chegamos a uma triste situação. Oh!, que o Sol brilhe para nos trazer paz”. O grande-sacerdote falava com pena e desânimo, com suspiros e lágrimas. Porque o Alto Conselho queria travar batalha, a última batalha da história do Povo Escolhido.

O sonho do renascer do Império foi abalado quando cessaram as comunicações com a Alemanha, em 12.426 (1.945). Uma vez mais, os Ugha Mongulala estavam entregues a si próprios. Mas pela primeira vez tinham armas poderosas à sua disposição e dois mil experimentados soldados alemães dispostos a combater com eles. Mas o Alto Conselho tinha esperado a chegada de novas e mais fortes forças à costa leste do Brasil, a fim de atacar os Bárbaros Brancos em duas frentes simultâneas. Akakor teve de desistir deste plano depois da derrota da nação aliada, e Sinkaia chamou à capital o exército reunido.

Nesta época, os dois mil soldados alemães começaram a integrar-se no Povo Escolhido. Era uma tarefa difícil. Estes aliados não conheciam nem o legado dos Deuses, nem a nossa língua, nem a nossa escrita. Para facilitar a união, os sacerdotes simplificaram os símbolos dos Antigos Pais. Designavam um simples sinal por cada letra na escrita dos soldados alemães. Então usaram estes sinais, que eram compreendidos por ambas as nações, para recordar fatos da Crônica de Akakor. Os Ugha Mongulala adotaram as palavras dos soldados alemães que descreviam o equipamento, que até então nos era desconhecido. Também aprenderam vocábulos que exprimem uma atividade, tais como fazer, correr e construir. Dentro em pouco os soldados alemães e os Ugha Mongulala comunicavam numa linguagem que se compunha de alemão e quíchua.

Ora, os alemães podiam freqüentar as escolas dos sacerdotes e aprender o legado dos Deuses. Como os soldados alemães se

havia distinguido nas batalhas, o Alto Conselho confiou-lhes importantes cargos administrativos. Dois dos seus mais altos chefes tiveram cargos de supremo comandantes. Outros cinco foram designados membros do Conselho dos Velhos. Cada um deles tinha um voto e podia participar em decisões finais. Só os cargos de príncipe e de grande-sacerdote ficavam explicitamente reservados para os Ugha Mongulala.

Assim falou o grande-sacerdote aos aliados: “Não fiquem tristes por não tornarem a ver os vossos irmãos. Perderam-nos para sempre. Para toda a eternidade os Deuses separaram-nos de vós. Mas não percam a coragem: sedes fortes. Encaremos os nossos destinos juntos. Estamos aqui, nós os vossos novos irmãos. Juntos vão servir os Antigos Pais”. E os soldados alemães começaram a trabalhar. Para se evidenciarem aos olhos dos Deuses, agarraram em ferramentas e fizeram o mesmo trabalho que o Povo Escolhido.

A presença dos soldados alemães alterou a vida dos Ugha Mongulala. Com as suas misteriosas ferramentas construíram fortes casas de madeira. Fizeram mesas, cadeiras e camas e melhoraram o tear dos Bárbaros. Ensinaram as mulheres a talhar novas roupas, para cobrirem o corpo todo. Mostraram aos homens como usar as suas armas e ensinaram a fazer abrigos subterrâneos. Para haver alimento suficiente em épocas de necessidade, limpavam a selva na região dos vales e plantaram trigo e batatas. Nas altas montanhas criaram grandes rebanhos de carneiros. Deste modo, o fornecimento de carne e de lã estava assegurado. Mas a maior inovação dos aliados foi produzir um misterioso pó, feito de pedra e areia verdolenga. Mesmo uma pequena quantidade era o suficiente para destruir uma casa inteira. Os alemães usavam este pó preto, como lhe chamavam, para as suas armas. As setas invisíveis eram feitas de um ferro luzidio. Peneirando-o, lançavam-no numa selha de água fria. Na imersão formavam-se balas redondas e estas eram as setas invisíveis das suas armas.

Com o decorrer do tempo, os soldados alemães assimilaram-se profundamente à comunidade do meu povo. Fundaram as suas próprias famílias, deram aos filhos os nomes de animais selvagens, de árvores fortes, de águas correntes e de altas montanhas,

seguindo o exemplo das Tribos Escolhidas. Cumpriram o seu dever, trabalharam nos campos e viveram segundo as leis de Lhasa. Parecia que depressa esqueceriam o seu próprio país. Mas, tal como o jaguar, que volta sempre ao seu terreno de caça, eles não se podiam esquecer-se da Alemanha. No fim de cada lua juntavam-se para uma festa no cimo do monte Akai, cantavam canções do seu povo e bebiam sumo de trigo fermentado. Os seus chefes jogavam xadrez. (Este era o nome que os soldados alemães davam a um jogo que se fazia num tabuleiro pintado e com figuras de madeira.) Depois voltaram para Akakor e viveram com as suas famílias.

GUERRAS NO PERU

Um novo avanço dos colonos brancos partiu do oeste no ano 12.444 (1.963). Havia descoberto as minas de ouro dos Incas e começaram as pilhagens. A notícia do ouro trouxe ainda maiores hordas de Bárbaros Brancos à região de Akakor. Os nossos pisteiros tiveram de fugir. O Alto Conselho tinha de tomar uma difícil decisão: desistir do último território das encostas leste dos Andes ou mandar combater. Por insistência dos soldados alemães, declarou-se a guerra.

Eu próprio posso fazer um relato pormenorizado dos combates que se seguiram com os Bárbaros Brancos. Como filho do príncipe Sinkaia, o Alto Conselho confiou-me o supremo comando das forças dos Ugha Mongulala. Um oficial acompanhou-me na campanha. Em marchas forçadas, os meus guerreiros penetraram profundamente na fronteira da província do Peru. Desbarataram os Bárbaros Brancos e destruíram as minas de ouro dos Incas, Os nossos inimigos fugiram em pânico do território conquistado. Mas o êxito inicial dos meus conquistadores teve um rápido fim, quando o exército montado contra-atacou. Só uma rápida retirada nos salvou da extinção. Seguidamente, os Bárbaros Brancos atacaram as instalações da Tribo Aliada das Grandes Vozes. Mataram mulheres e crianças e escravizaram os homens capturados. Parecia

inevitável que iriam descobrir Akakor. Pó este motivo, o Alto Conselho decidiu fazer uso de armas dos soldados alemães.

Pela primeira vez os Bárbaros Brancos encontraram adversários iguais na batalha. Num rápido contra-ataque, os meus guerreiros destruíram a guarda avançada e cercaram a sua força principal numa floresta chamada Maldonado. Então começou o cerco. Durante três dias os nossos grandes tambores causaram ao inimigo grande medo e terror. Na manhã do quarto dia, dei ordem para atacar. Saímos dos nossos esconderijos, escalamos as muralhas e avançamos contra as forças soltando grandes gritos de guerra. A amargurada luta terminou com a completa derrota dos nossos inimigos. Quando lhes chegaram reforços, os meus guerreiros já se tinham retirado há muito.

Esta brilhante vitória iniciou uma guerrilha sangrenta nas fronteiras ocidentais do Império, que ainda hoje se mantém. Embora os Bárbaros Brancos tivessem mobilizado um poderoso exército, não conseguiram avançar até Akakor. Os seus soldados foram repetidamente rechaçados ou mortos pelos nossos guerreiros. Mas o meu povo também sofreu pesadas perdas neste combate. Inúmeros homens perderam a vida. Mais da metade do fértil território das encostas orientais dos Andes ficou destruída. As nossas últimas Tribos Aliadas perderam a confiança na força do Povo Escolhido e fugiram de nós.

Que vai acontecer? As Tribos Escolhidas têm fome. Comem as ervas dos campos. A casca das árvores também tem sido seu alimento. Eram pobres. Não deviam nada. As peles dos animais eram as suas únicas roupas. Mas os Bárbaros Brancos não lhes deram paz. Avançaram sem perdão. Os guerreiros foram brutalmente derrotados. Os Brancos queriam eliminar o Povo Escolhido da face da Terra.

OS DOZE GENERAIS DOS BÁRBAROS BRANCOS.

A fronteira leste manteve-se calma durante a luta contra os prospectores e os colonos brancos. Desde a retirada dos

pesquisadores de borracha, os Bárbaros Brancos tinham se limitado a avanços ocasionais ao longo do rio Vermelho. Não se aventuravam a ir mais além porque suspeitavam da presença de espíritos maus nas selvas de cipós dos Andes. Deste modo, os Ugha Mongulala mantinham-se imperturbados, protegidos pela superstição dos Bárbaros Brancos.

Só no ano de 12.449 (1.968) a paz foi quebrada. Um avião – na linguagem dos soldados alemães – caiu na parte superior do rio Vermelho. A Tribo Aliada dos Corações Negros, que vivia na região, apanhou os sobreviventes e mandou a notícia para Akakor. Sinkaia, o príncipe dos Ugha Mongulala, mandou-me para matar os Bárbaros Brancos. Mas eu não executei a sua ordem. Para manter a paz na fronteira leste, libertei-os e conduzi-os à sua cidade, Manaus, à beira do Grande Rio. Porque desobedeci à ordem explícita de meu pai, fui condenado à morte. Mas quem me puniria? Os Ugha Mongulala estavam fatigados de uma guerra eterna e ambicionavam a paz.

Nunca me esquecerei do tempo que passei em Manaus. Vi pela primeira vez como as cidades dos Bárbaros Brancos são diferentes das instalações dos Ugha Mongulala. As ruas estavam cheias de povo que andava, corria, apressava-se. Cruzavam as cidades nos estranhos veículos a que chamam automóveis, como se fossem perseguidos por espíritos ruins. Estes veículos são terrivelmente barulhentos e cheiram muito mal. As casas onde os Bárbaros Brancos habitam são dez ou vinte vezes mais altas que as casas construídas pelo mau povo. No entanto, cada família possui uma pequena parte, onde junta os seus bens. Todas as coisas e objetos se obtêm em certos locais, que existem apenas para essa finalidade. Mas uma pessoa não pode levar o que quer. Para tudo tem de se entregar um papelzinho, que tem grande valor aos olhos dos Bárbaros Brancos. Chamam-lhe dinheiro. Quanto mais dinheiro um indivíduo tem mais respeito merece. O dinheiro torna-o poderoso e ergue-o acima dos outros como um deus. Isto faz com que se enganem e explorem uns aos outros. Os corações dos Bárbaros Brancos estão constantemente cheios de malícia, mesmo para com os seus próprios irmãos.

A cidade dos Bárbaros Brancos é incompreensível para os Ugha Mongulala. É como um formigueiro, ativo tanto de dia como de noite. Assim que o Sol corre a sua rota e desaparece atrás das colinas do oeste, os Bárbaros Brancos iluminam as suas ruas e as suas casas com grandes lâmpadas, de modo que estão claras à noite como durante o dia. Atraídos pelas luzes brilhantes, juntam-se em grandes recintos, onde consomem as mais estranhas bebidas. Só desta maneira conseguem alegria, boa disposição e exuberância. Outros se sentam em salas escuras, em frente uma parede branca, e olham com olhos muito abertos para bonecos que se mexem. Outros param em frente de grandes aberturas que há na frente dos edifícios e admiram os objetos que lá se encontram.

Não compreendo os Bárbaros Brancos. Vivem num mundo de fingimento e ilusão. Para aumentar o dia matam a noite com as suas lâmpadas, de modo que nem as árvores, nem as plantas, nem os animais, nem as pedras têm repouso que merecem. Trabalham incansavelmente, como a formiga, e, no entanto, suspiram e lamentam-se como se sentissem esmagados sob o seu fardo. Podem ter alegres pensamentos, mas não riem. Podem ter tristes pensamentos, mas também não choram. São pessoas cujos sentidos vivem em inimizade com o seu espírito e estão divididas entre si.

Em Manaus tive conhecimento de que os meus antigos cativos eram elevados oficiais. Mostraram-me a sua gratidão por tê-los salvo, dando-me um segundo nome, Nara. Tatunca, o meu primeiro nome, significa “grande serpente d’água”. Tenho este nome desde que venci o mais perigoso animal do Grande Rio. Na língua do meu povo, Nara quer dizer “eu não sei”. Esta foi a minha resposta quando os oficiais me perguntaram o nome da minha família. E aí está como se criou o nome Tatunca Nara: “grande serpente d’água eu não sei”.

Fiquei na cidade dos Bárbaros Brancos muito pouco tempo. Mal passara uma semana depois de ter chegado, um batedor dos Corações Negros trouxe-me a notícia de Akakor. Meu pai, o príncipe Sinkaia, tinha sido gravemente ferido num combate com os soldados dos Bárbaros Brancos e pedia o meu regresso imediato.

Despedi-me dos oficiais e alcancei o território do meu povo no princípio da estação das chuvas, no ano 12.449. Poucos dias depois, meu pai não resistiu aos ferimentos e morreu. Os Ugha Mongulala estavam sem chefe, tal como está escrito na crônica:

Havia morrido Sinkaia, o legítimo sucessor de Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses. E os Guerreiros Escolhidos choraram-no amargamente. Entoaram o pranto da luz, porque Sinkaia, o príncipe dos príncipes, os havia deixado. Não cometera qualquer crime, nem a injustiça no lugar da justiça. Fora um valoroso sucessor de Lhasa e governara como ele, quando o vento soprava do sul, quando o vento vinha do norte, quando o vento vinha do oeste ou quando o vento vinha do leste. Assim, Sinkaia entrou na sua segunda vida. Acompanhado pelos lamentos do seu povo, ergue-se no céu do oriente.

O NOVO PRÍNCIPE

Três dias depois da sua morte, Sinkaia, o legítimo príncipe dos Servos Escolhidos, foi enterrado no Grande Templo do Sol, na parte inferior de Akakor. Os sacerdotes transportaram o seu corpo, enfeitado com ouro e jóias, para o nicho que com as suas próprias mãos cavaram na rocha e entaiparam-no. Depois na presença dos mais íntimos confidentes do príncipe, o grande-sacerdote pronunciou as palavras prescritas:

Deuses do Céu e da Terra, que determinam e governam a sorte do homem, Deuses da permanência e da eternidade, ouçam a minha prece: aceitai-o no vosso reino. Não esqueçais os seus feitos, os feitos do grande príncipe Sinkaia. Porque a sua vida volta para junto de vós, Deuses. Agora obedece às vossas ordens. Nunca mais vos deixará. Continuará convosco no reino da eternidade, no reino da luz.

Durante o enterro de Sinkaia, sinais ominosos apareceram nos céus. Os Ugha Mongulala sofreram grandes derrotas. A Tribo Aliada dos Comedores de Serpentes abandonou Akakor e partiu

para junto dos Bárbaros Brancos. A estação chuvosa chegou com tal violência que nem os mais velhos tinham experimentado nada semelhante. Medo e receio espalharam-se pelas Tribos Escolhidas. Perante esses sinais, o Alto Conselho reuniu-se para eleger o novo príncipe e legitimar o governador dos Ugha Mongulala. De acordo com o legado dos Deuses, fui chamado para a Sala do Trono, nas moradias subterrâneas, e o Conselho interrogou-me durante três dias e três noites, tendo como assunto a história das Tribos Escolhidas. Depois, o grande-sacerdote escoltou-me para as secretas regiões da Baixa Akakor. Agora o meu destino estava nas mãos dos Deuses.

Entrei no secreto complexo do templo de manhã cedo, pouco depois do nascer do Sol. Envolto no traje de ouro de Lhasa, descii uma grande escadaria. Dava acesso a uma sala, e mesmo agora não sei dizer se era grande ou pequena. O teto e as paredes eram de uma cor azulada. Não tinham nem princípio nem fim. Numa laje de pedra talhada estavam pão e um vaso com água, os sinais da vida e da morte. Seguindo as instruções do grande-sacerdote, ajoelhei-me, comi o pão e bebi a água. Um profundo silêncio envolvia a sala. De súbito, uma voz que parecia vir de toda a parte ordenou-me que me erguesse e que passasse para a sala contígua, que se assemelhava ao Grande Templo do Sol. As suas paredes estavam cobertas com estranhos instrumentos. Brilhavam em todas as suas cores. Três grandes lajes cavadas no solo brilhavam também como metal. Durante muito tempo fiquei a olhar os estranhos instrumentos. Depois ouvi uma voz misteriosa. Levou-me ainda mais além e mais profundamente, ao terceiro quarto. Os meus olhos estavam tão ofuscados pelo brilho da luz que demorei muito a reconhecer um fato que nunca esquecerei. No meio da sala, cujas paredes irradiavam uma luz misteriosa, estavam quatro blocos de pedra transparente. Quando, cheio de receio, consegui me aproximar, descobri neles quatro misteriosos seres: quatro mortos-vivos, quatro humanos adormecidos – três homens e uma mulher. Estavam dentro de um líquido que os cobria até ao peito. Eram como seres humanos sob todos os aspectos – mas tinham seis dedos nas mãos e seis dedos nos pés.

Não consigo me lembrar de quanto tempo fiquei com os Deuses adormecidos. Só sei que a mesma voz me chamou para voltar ao primeiro quarto. Deu-me conselhos cheios de sabedoria e revelou-me o futuro das Tribos Escolhidas. Mas a voz proibiu-me de falar a respeito fosse com quem fosse. Depois do meu regresso do templo secreto, treze dias mais tarde, o grande-sacerdote saudou-me como o novo e legítimo governador dos Ugha Mongulala. O povo estava radiante: eu tinha passado pelo julgamento dos Deuses. No entanto, a exaltação dos Servos Escolhidos mal me tinha tocado. Eu ficara profundamente impressionado pelos misteriosos seres. Estavam vivos ou estavam mortos? Eram Deuses? Quem os colocara ali? Mesmo os grandes-sacerdotes não conheciam a resposta. O segredo do complexo de templo da Baixa Akakor contém o conhecimento e a sabedoria dos Antigos Pais. Só nos entregaram parte do seu legado. Guardaram a última verdade, atual segredo das suas vidas.

Tais eram os Deuses. Possuíam razão, conhecimento e perspicácia. Quando olhavam, viam tudo: todos os grãos de pó da terra e do céu, mesmo as ocultas e distantes coisas. Conheciam o futuro e planejavam segundo o seu conhecimento. Perscrutando na noite e na escuridão, protegiam a sorte da humanidade.

III

TATUNCA NARA (1.968 - 1.970)

“O desenvolvimento dos grandes depósitos de petróleo da selva do Peru anunciou a terceira fase da abertura econômica da Amazônia pela civilização branca. O Peru colonizava agora o território da província de Madre de Deus, anteriormente um território virgem, e o Brasil decidia-se pela construção da Transamazônica. Isto acelerou ainda mais a extinção das tribos índias. Sucumbiram às doenças dos colonos brancos e perderam os seus últimos territórios. Quinhentos anos depois da descoberta da América, a primitiva população florestal, de oito milhões de seres, tinha sido reduzida a uns meros cento e cinquenta mil sobreviventes”.

O PLANO DOS CHEFES BRANCOS

Quando meu pai ainda era vivo, mostrou-me o território de leste e de oeste e não vi outros povos a não serem os Ugha Mongulala e as suas Tribos Aliadas. Muitos anos depois fui vê-lo outra vez, e verifiquei que os povos estranhos tinham vindo espoliar os verdadeiros donos das suas heranças. Por quê? Porque é que os Ugha Mongulala têm de desistir do seu país e vagar pelas montanhas, desejando que os céus os esmaguem? Outrora, há muito, os Ugha Mongulala era um grande povo. Hoje restam poucos e só lhes pertence uma pequena área nas montanhas. E ainda têm A Crônica de Akakor, a história registrada do meu povo, o mais velho povo da Terra. Até hoje, a crônica não era conhecida dos Bárbaros Brancos. Agora, eu estou-a revelando, para espalhar a verdade, pois é essa a minha tarefa como chefes das Tribos Aliadas e como príncipe do Povo Escolhido.

Dois anos se passaram desde a morte de Sinkaia, o príncipe incomparável. E os Servos Escolhidos reuniram-se, juntamente com os soldados alemães e as Tribos Aliadas. Todas as classes e raças reuniram-se para procurar conselho e um processo de salvar o

povo. E mesmo os que não tinham casa e caminhavam pela floresta, mesmo esses vieram a Akakor. Porque a sua necessidade era grande. O Sol brilhava debilmente. O céu cobria-se de nuvens. O povo vivia na pobreza. Vagueavam pelos bosques fugindo aos seus inimigos. Erguiam os rostos para o céu. Imploravam aos Deuses. Pediam auxílio na sua luta contra os Bárbaros Brancos.

Alguns meses depois de eu ter assumindo o Poder em Akakor, no ano 12.449 (1.968), a luta na fronteira oeste surgiu de novo com força redobrada. Os chefes dos nossos inimigos atacaram a Tribo Aliada dos Corações Negros e manteve preso o seu chefe. Pensavam que deste modo fariam os seus guerreiros perder a coragem e obrigá-los-iam a renunciar à aliança com Akakor. Mas, mais uma vez, os Bárbaros Brancos falharam. Apesar da sua cruel tortura, não conseguiram dominar os guerreiros deste último, mas ainda leal aliado. Sempre que um Ugha Mongulala era feito prisioneiro, seguia a regra dos seus comandantes. Não comia nem bebia durante sete dias e depois encomendava a sua vida aos Deuses e morria.

Para evitar que os aviões descobrissem Akakor, dei ordem para camuflar todos os templos, palácios e casas com bambu e esteiras de cana. Mande destruí-las as vigias do exterior de Akakor e substituí-las por fossos. Luas depois, a capital foi coberta pela floresta numa tal extensão que mesmo as Tribos Aliadas tinham dificuldades em localizá-la. O acesso a Akakor estava agora completamente oculto aos caçadores brancos e aos prospectores. Só encontraram ruínas abandonadas nas suas pilhagens. Suspeitaram de que fora trabalho dos espíritos ruins e retiraram-se para a parte de trás da fronteira da Grande Catarata.

Mas os “espíritos ruins” não viviam na floresta; viviam em Akakor. Os guerreiros dos Ugha Mongulala e os chefes dos soldados alemães observavam com terror o poder crescente dos Bárbaros Brancos. Planejou uma campanha a Cuzco, profundamente metida no território inimigo. Já haviam começado os necessários preparativos. As Tribos Aliadas também estavam preparadas. Só ainda não havia sido concedida a aprovação do príncipe, de acordo com o legado dos Deuses. Apesar da insistência tanto dos soldados

alemães como dos meus chefes, rejeitei o plano de guerra. A minha experiência em Manaus tinha-me convencido da futilidade de tal empreendimento. Os nossos inimigos eram demasiado numerosos e o meu povo não estava preparado para a sua traição e artil. Além de tudo isto, eu receava que o combate se alastrasse. O segredo de Akakor corria perigo. Por isso mandei os guerreiros impacientes e os chefes dos soldados alemães para as fronteiras perigosas. Tentei estabelecer contato mais íntimo com os sacerdotes, para fortalecer a minha posição como príncipe. Eles também não acreditavam no êxito de uma guerra e aconselharam uma lenta retirada para as moradias subterrâneas dos Deuses. Mas eu ainda não perdera todas as esperanças. Visto que os meus feitos de guerra não haviam tido êxito, eu agora queria tentar a paz.

O GRANDE-SACERDOTE DOS BÁRBAROS BRANCOS

Assim está escrito na Crônica de Akakor:

Grande era o desespero dos Servos Escolhidos. O sol queimava as terras; os frutos morriam nos campos. Alastrava-se uma medonha estiagem. As pessoas morriam de fome nas montanhas e nos vales, nas planícies e nas florestas. Este parecia ser o destino dos Servos Escolhidos: extinguirem-se, serem varridos da face da Terra. Este parecia ser o desejo dos Deuses, que já não recordavam os seus irmãos do mesmo sangue e do mesmo pai.

O ano 12.450 (1.969) viu o início de uma terrível seca. A estação das chuvas foi adiada durante várias luas. O gado retirou-se para as nascentes dos rios. As sementes secaram nos campos. Para salvar o meu povo da fome tomei uma decisão desesperada. De acordo com os sacerdotes, mas sem o conhecimento do Alto Conselho e dos chefes guerreiros, fui contatar com os Bárbaros Brancos. Vestido com a farda dos soldados alemães deixei Akakor e, depois de uma laboriosa viagem, cheguei a Rio Branco, uma das suas grandes cidades, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Aqui me dirigi ao grande-sacerdote dos Bárbaros Brancos, a quem tinha sido

apresentado pelos doze oficiais brancos. Revelei-lhe o segredo de Akakor e contei-lhe a infelicidade do meu povo. Como prova da minha história dei-lhe dois documentos dos Bárbaros, que na realidade convenceram o grande-sacerdote. Ele garantiu-me que faria o que eu pedia e acompanhou-me a Akakor.

A chegada do alto-sacerdote a Akakor deu lugar a violentas discussões com o Alto Conselho. Os mais velhos e os chefes não quiseram nenhum contato com ele. Para evitar qualquer traição chegaram mesmo a pedir o seu cativo. Só os sacerdotes estavam preparados para discutir uma paz justa. Depois de uma demorada argumentação, o Alto Conselho deu ao sacerdote branco um período de seis meses para contar ao seu povo a terrível situação dos Ugha Mongulala. Para defender os seus pontos de vista, deram-lhe vários escritos dos Antigos Pais. Se ele não convencesse os Bárbaros Brancos, teria de devolver os documentos a Akakor.

Durante seis meses, os nossos “pisteiros” esperaram o que se assentara num lugar combinado, na parte superior do rio Vermelho. O grande-sacerdote branco não voltou. (Só mais tarde tive conhecimento de que perdera a vida num desastre de avião. No entanto, mandara os documentos para uma cidade distante, chamada Roma. Pelo menos foi o que os seus criados disseram). Depois de ter expirado o tempo combinado, pedi ao Alto Conselho que discutisse o destino do meu povo. Os mais velhos e os sacerdotes estavam desapontados e queriam a guerra. Tornei a recusar. Rejeitei a sua decisão com o meu direito de três votos como príncipe dos Ugha Mongulala. O que o sacerdote branco não conseguira ia eu tentar.

Esta é a despedida de Tatunca, legítimo príncipe das Tribos Escolhidas. Era forte. Deixou o seu povo. Como a grande serpente d'água, aproximou-se silenciosamente do inimigo. Partiu sozinho, protegido pelas orações dos sacerdotes do Grande Templo do Sol: “Oh! Deuses! Defendei-o dos seus inimigos neste tempo de escuridão, nesta noite de más sombras. Que ele não vacile. Que ele possa vencer o ódio dos Bárbaros Brancos e dominar a sua traição e habilidades. Porque o Povo Escolhido ambiciona a paz”. E assim,

Tatunca entrou no seu difícil caminho. Acompanhado pelos olhos dos Deuses, desceu à ravina, atravessou o rio e não tropeçou. Alcançou a outra margem. Continuou o seu caminho até chegar ao local onde os Bárbaros Brancos construíram as suas casas feitas de cal e de cimento.

TATUNCA NARA NO PAÍS DOS BÁRBAROS BRANCOS

No ano 12.451 (1.970) passei oito luas no país dos meus piores inimigos. Nunca esquecerei esse tempo. Esta experiência foi a mais amarga da minha vida e mostrou-me claramente como são diferentes os corações de ambos os povos. Para os Bárbaros Brancos só contam riqueza, poder e violência. Os seus pensamentos são emaranhados como as ervas dos Grandes Pântanos, onde nada de verde e de fértil pode crescer. Mas os Ugha Mongulala vivem de acordo com o legado dos Deuses. E concedem a todas as tribos e povos o seu próprio lugar e terra suficiente para poderem viver. Trouxeram luz à humanidade e espalharam a sua sensatez e sabedoria.

A realização da inexorabilidade dos Bárbaros Brancos era tanto mais difícil de suportar quanto os meus primeiros contatos pareciam ter êxito.. Os oficiais que eu salvara intercederam por mim e fui apresentado a um oficial superior, brasileiro. Falei-lhe na fatalidade do meu povo e pedi-lhe auxílio. O chefe branco ouviu-me com surpresa e prometeu-me considerar o meu caso. No entanto, enviou-me para Manaus, onde devia esperar a decisão do Alto Conselho do Brasil.

Durante três meses vivi num acampamento militar dos Bárbaros Brancos. Estavam bem treinados e conheciam a vida dos rios e da selva de cipós. Partiam em campanhas regulares para os mais distantes territórios do seu império. Para minha tristeza, aprendi com eles, que os Bárbaros Brancos estavam empenhados numa guerra praticamente em todas as fronteiras. Em Mato Grosso combateram contra a Tribo dos Vagabundos. Nas nascentes do Grande Rio estavam a queimar as povoações da Tribo dos Maus

Espíritos. No país de Akahim atacaram as tribos selvagens e fizeram-na recuar até as montanhas.

Ainda não esquecera as terríveis descrições dos soldados brancos, quando fui chamado à capital do Brasil. Aqui relatei pela segunda vez o desespero e a tristeza do meu povo. Revelei a história dos Ugha Mongulala aos mais altos chefes dos Bárbaros Brancos. Os meus ouvintes ficaram surpreendidos. Estavam preparados para verificar as minhas informações e, assim, fizeram-me contatar com um representante alemão. Ele recebeu-me amavelmente e ouviu-me com atenção. Mas depois declarou que não podia acreditar na minha história, porque o Brasil nunca fora invadido por dois mil soldados alemães. Nem sequer os nomes que citei o convenceram. Impacientemente, pediu-me para colocar a sorte do meu povo nas mãos dos Bárbaros Brancos.

Dois anos se passaram após esta conversa. Só na fronteira entre a Bolívia e o Brasil sete Tribos Aliadas foram exterminadas pelos Bárbaros Brancos. Entre essas tribos encontravam-se os orgulhosos guerreiros dos Corações Negros e das Grandes Vozes. Quatro tribos selvagens fugiram para a região das nascentes do rio Vermelho para escapar ao morticínio. Uma terça parte do meu povo foi vítima das armas dos Bárbaros Brancos. Era isto que queria dizer o representante dos alemães quando me aconselhou a colocar o destino do meu povo nas mãos dos Bárbaros Brancos?

Assim são os Bárbaros Brancos. Os seus corações estão cheios de ódio. Não têm compreensão. Os seus feitos são cruéis. Têm rostos de inveja e dois corações, negro e branco ao mesmo tempo. Têm a ambição da riqueza e do poder. Planejam maldades contra as Tribos Escolhidas, que nunca lhes fizeram qualquer mal. Mas os Deuses são justos. Castigam os que se revoltam contra o seu legado. Os Bárbaros Brancos hão de pagar caro os seus crimes. Expiarão os seus pecados. Porque o círculo está fechar-se. Já se veem no céu sinais ominosos. A terceira Grande Catástrofe, que os destruirá como a água destrói o fogo e a luz vence a escuridão, não está longe.

Já havia passado sete luas no país dos Bárbaros Brancos. Então um dos seus chefes disse que me acompanharia até à Grande Catarata, a vinte horas de caminho a pé, de Akakor. Aqui queria estabelecer o primeiro contato com o meu povo. Só um ano mais tarde seria planejada uma expedição de um maior número de soldados brancos, que iriam até a capital dos Ugha Mongulala. Deram-me tempo para preparar o meu povo para a sua chegada. Sentia-me feliz e a minha tarefa parecia ter chegado a um bom termo. Mas, mais uma vez, os Bárbaros Brancos mostraram os seus corações pérfidos. Quebraram o acordo e prenderam-me em Rio Branco. Atou o príncipe das Tribos Escolhidas, o supremo servo dos Deuses, como um animal selvagem e mantiveram-no cativo numa grande casa de pedra. Tenho de agradecer a Deus por ter conseguido fugir. Dera-me força para quebrar os laços. Venci os meus guardas desatentos e fugi. Desde a minha partida tinham decorrido oito luas quando voltei a Akakor, de mãos vazias e desapontadas com as mentiras dos Bárbaros Brancos.

Aconteceu já há muito tempo. Há uma laje na entrada do Grande Templo do Sol. Viu pessoas passar sobre ela para fazer ofertas aos Deuses. Viu pessoas de todos os cantos do mundo. E a pedra do chão foi dominada pelo desejo. E quando o grande-sacerdote passou sobre ela pediu-lhe pernas. E o grande-sacerdote ficou grandemente surpreendido Mas o sábio, o mágico, o senhor de todas as coisas deu pernas à pedra do pavimento. Deu-lhe quatro pernas, que nunca pararam de se mover. E a pedra partiu. Por montanhas e vales, através de planícies e florestas, vagueando por aqui e por ali, até ter visto tudo e estar cansada de olhar. Assim, regressou ao Grande Templo do Sol. E quando encontrou o seu velho lugar verificou que estava preenchido. E o seu coração ficou triste e chorou lágrimas amargas. E a pedra do pavimento reconheceu a verdade: só quem cumpre os seus deveres na comunidade cumpre as leis dos Deuses.

IV

O REGRESSO DOS DEUSES (1.970 - PRESENTES)

O mundo está cheio de ceticismo e de incertezas. Acontecem alterações no campo do conhecimento que ameaçam modificar sistemas previamente válidos sob os pontos de vista econômicos e político. Os estoques de bombas atômicas e de hidrogênio são suficientes para destruir toda a vida da Terra. A crescente diminuição de matérias-primas fez tomar de assalto às últimas regiões inexploradas. Na Amazônia, estradas principais e aeroportos criaram as bases necessárias para a abertura de enormes regiões de floresta virgem, restringindo ainda mais o espaço da população nativa. De acordo com as estimativas da FUNAI, serão apenas uns dez mil índios da floresta que viverão no ano de 1.985.

A MORTE DO GRANDE-SACERDOTE

Quando um homem não tem muito a perder e todas as estradas para o futuro parecem desertas, ele volta-se para o passado. Isto foi o que eu fiz, revelando o segredo do mais velho povo da Terra. Mas os Bárbaros Brancos não acreditaram nas minhas palavras. Tal como as formigas que destroem tudo, tomam todas as terras que param atrás de nós. E assim os Ugha Mongulala preparam-se para a extinção. Porque o fim está perto; o círculo está a fechar-se. A terceira Grande Catástrofe aproxima-se. Então os Deuses voltarão, tal como está escrito na crônica:

“Desgraça sobre nós. O fim está próximo. Chegamos a uma triste situação. Que fizeram os Servos Escolhidos para cair tão baixo? Oh! que os Primitivos Senhores voltem”. Assim falaram os homens no Alto Conselho. Falaram com tristeza e desânimo, com suspiros e lágrimas. Porque o tempo aproximava-se do fim. Negras nuvens cobriam o céu. A estrela da manhã estava encoberta. E o grande-sacerdote curvou-se profundamente em frente do disco de ouro. Ele

falou no Grande Templo do Sol: “Quem é este povo? Quem o trouxe? Onde veio? Verdadeiramente, os nossos corações estão pesados porque o que fazem é mau. Os seus pensamentos são cruéis. A sua existência está cheia de ameaças. Mas se nos obrigarem a combater, combateremos. Lança na mão, confiando no arco e na seta, morreremos como servos dos Primitivos Mestres, que dentro em pouco regressarão para nos vingar”.

No ano 12.452 (1.971), algumas luas depois do meu regresso a Akakor, os Ugha Mongulala foram atingidos por um outro desastre: Magus, o grande-sacerdote, morreu. Havia sofrido um colapso depois de uma reunião do Alto Conselho, dominado pela dor e pela sua percepção de um perigo iminente. A sua morte foi como um sinal ominoso para os Ugha Mongulala, uma indicação de um juízo final. Cercados pelo avanço dos Bárbaros Brancos, eles perderam coragem e a sua fé na herança dos Primitivos Mestres.

As cerimônias fúnebres de Magus, o grande-sacerdote das Tribos Escolhidas durou três dias. Os sacerdotes reuniram-se no Grande Templo do Sol e prepararam o seu corpo para a jornada na segunda vida. Envolveram-no em finos tecidos e levaram-no para a pedra da consagração, perante um espelho de ouro, o olho dos Deuses. Colocaram a seus pés um pão e um vaso com água, sinais da vida e da morte. Os mais velhos do povo ofereceram incenso, mel das abelhas e frutos maduros. Os chefes militares lembraram a sabedoria e os feitos do que nos deixava. Então os sacerdotes levaram o corpo de Magus para a câmara fúnebre defronte do Grande Templo do Sol. Durante três dias o povo passou na câmara fúnebre e, com tristeza e dor, despediu-se de Magus. Na manhã seguinte, mesmo antes de os raios do sol-nascente tocarem a terra, os sacerdotes fecharam o túmulo. Magus, o sábio alto-sacerdote, que predizia todas as guerras e a quem tudo era revelado, voltara para junto dos Deuses.

Agora falemos de Magus. Ficará para sempre no coração do Povo Escolhido, porque só fez o que era verdadeiro e justo. Tudo quanto fosse falso e confuso era desconhecido do seu coração. Dedicara a sua vida aos Deuses. Era senhor do conhecimento. Todas as parcelas do seu corpo estavam cheias de sabedoria e verdade.

Conhecia o equilíbrio de todas as coisas. Podia ver no coração das pessoas e compreender as leis da natureza. As suas ações não estavam sujeitas à influência do momento. Não conhecia nem a ambição nem a inveja. Obedecendo às leis dos Deuses, ele completou o círculo. E chegou-lhes na hora da morte, que é irrevogável, como o Sol, que, ao nascer determina a vida do homem.

RETIRADA PARA AS MORADIAS SUBTERRÂNEAS

Magus, o grande-sacerdote dos Ugha Mongulala, morrera. Seguindo o legado dos Deuses, a sua posição passou para o seu primogênito. Este tal como o príncipe, tinha de passar um difícil exame, imposto pelo Alto Conselho, e falar com os Deuses. Uno, o primogênito de Magus, voltou para o Grande Templo do Sol passados treze dias. Os mais velhos confirmaram-no como novo alto-sacerdote. As leis de Lhasa haviam-se cumprido.

Reuniu o Alto Conselho para decidir do futuro das Tribos Escolhidas. A reunião demorou muito pouco tempo. Os mais velhos do povo decidiram unanimemente que mudássemos para as moradias subterrâneas dos Deuses.

E assim os Ugha Mongulala voltaram para o mesmo local onde os seus antepassados já tinham sobrevivido a duas Grandes Catástrofes. Estavam tristes quando tiveram de abandonar as suas casas e quebrar todas as ligações com o mundo exterior. Com o seu pó negro, os soldados alemães destruíram os templos, os palácios e as casas de Akakor. Os guerreiros queimaram as últimas vilas e aldeamentos. Não deixou atrás de si qualquer sinal, qualquer traço que pudesse indicar o caminho para Akakor. Desistiram mesmo das poucas bases que restavam na região das nascentes do Grande Rio. Às Tribos Aliadas foi dada a escolha de se juntarem aos Ugha Mongulala ou de cortar relações. Das sete tribos, seis decidiram manter-se nos velhos territórios tribais. Só a Tribo dos Comedores de Serpentes acompanhou o meu povo para as moradias subterrâneas. Foi saudado com todas as honras e ao seu

chefe dado um lugar no Alto Conselho, como gratidão pela sua lealdade aos Ugha Mongulala e ao legado dos Deuses.

A retirada está pronta. Os Servos Escolhidos foram para as moradias subterrâneas esperar o regresso dos Deuses. Então os seus corações descansaram. E contaram aos seus filhos histórias do passado e a glória dos Deuses, dos poderosos magos que criaram montanhas e vales, águas e terra. Falaram dos senhores do céu, que são do mesmo sangue e têm o mesmo pai.

Desde que os Servos Escolhidos se retiraram para as moradias subterrâneas, no ano 12.452 (1.971), só cinco mil guerreiros se mantêm a superfície. Cultivam os campos, fazem as ceifas e informam o Alto Conselho sobre o avanço dos Bárbaros Brancos. Mas estão proibidos de combater. Quando os inimigos aparecem devem retirar-se, para preservar o segredo das moradias subterrâneas.

Trinta mil pessoas ainda vivem na Baixa Akakor, Bodo, e Kish. As outras cidades estão desertas, ou, como Mu, estão cheias de armazéns e de equipamento de guerra. Ainda hoje, luz artificial ilumina as treze cidades dos Deuses. O ar para respiração vem através das paredes. Os grandes portões de pedra ainda se podem mover como há dez mil anos. Depois da retirada, os soldados alemães tentaram resolver o mistério da Baixa Akakor. Mediram o túnel e fizeram mapas exatos. A pedido dos seus chefes, eu até abri o complexo secreto sob o Grande Templo do Sol, para eles verem. Aqui, os soldados alemães descobriram estranhos instrumentos e ferramentas dos Deuses, que se assemelhavam ao seu próprio equipamento. Tiveram a impressão de que os Antigos Pais haviam fugido repentinamente das moradias subterrâneas. Mas os nossos aliados também não conseguiram explicar o segredo da Baixa Akakor. Porque os Deuses construíram as cidades segundo os seus próprios planos, que nós hoje desconhecemos. Só quando eles voltarem, os homens compreenderão os seus trabalhos e ações.

Ora, os soldados alemães estão resignados por viverem conosco. Uns envelheceram, outros morreram. Os seus filhos pensam e sentem como os Ugha Mongulala e vivem de acordo com o legado

dos Deuses. Os sacerdotes realizam serviços de consagração no Grande Templo do Sol. As pessoas comuns fabricam objetos de uso cotidiano. Os oficiais do príncipe mantêm as comunicações com Bodo e Kish. Este é um período de aprendizagem e contemplação. Todo o povo vive com as suas recordações, e os seus corações amarguram-se quando pensam nos gloriosos dias de Lhasa. Agora só têm de pensar em proteger-se do assalto dos Bárbaros Brancos nas habitações subterrâneas. E têm a certeza de que os Deuses em breve voltarão, tal como prometeram quando se foram embora.

O REGRESSO DOS DEUSES

Se os Ugha Mongulala fossem um povo como outro qualquer, a sua sorte já há muito estaria decidida. Mas são os Servos Escolhidos dos Deuses: confiam no seu antigo legado. Mesmo nas épocas da mais amarga necessidade, vivem de acordo com as leis dos Antigos Pais. Isto lhes permite julgar os Bárbaros Brancos e prevenir a humanidade, como está escrito na Crônica de Akakor:

Povo da floresta, das planícies e das montanhas, preste atenção. Os Bárbaros Brancos estão enlouquecendo. Matam-se uns aos outros. Tudo é sangue, terror e perdição. A luz da Terra está quase extinta. A escuridão cobre os caminhos. Os únicos sons que se ouvem são as asas dos mochos e os gritos do Grande Pássaro da Floresta. Devemos manter-nos fortes contra eles. Quando um deles se aproximar estenda as vossas mãos. Afastem-no e digam: “Calate, tu, o da voz forte. As tuas palavras são como o barulho do trovão, e nada mais. Afastem-se de nós com as vossas alegrias e divertimentos, a vossa ganância de riquezas, o desejo de ser mais que o homem seguinte, as vossas ações sem sentido, o mexer das vossas mãos, a vossa curiosidade de pensamento, e o conhecimento que no fundo não conhece nada. Não necessitamos de nada disso. Nós estamos contentes com o legado dos Deuses, cuja luz não nos ofusca e não nos arrasta para confusões, mas, pelo contrário, ilumina todos os caminhos de modo que possamos absorver a sua grande sabedoria e viver como seres humanos”.

Lembro-me. Foi no ano 12.449, quando visitei pela primeira vez a terra dos Bárbaros Brancos. Repetidamente os soldados fizeram as mesmas perguntas. Falavam acerca da vida dos povos do Grande Rio, sobre a sua pretensa indolência e os seus vícios. Os selvagens, como eles me disseram, são congenitamente estúpidos, astutos e falsos. Têm pouco espírito e nenhum vigor. Matam-se uns aos outros pelo prazer de lutar. Assim falaram os Bárbaros Brancos acerca dos povos que já tinham escrito leis quando eles ainda andavam pelas florestas com as mãos pelo chão, como está escrito na crônica. Mas eu aceitei as suas más palavras: guardei as suas palavras dentro de mim como um “pisteiro” que recorda quais os caminhos dos seus inimigos.

Mas nas oito luas que passei no país dos Bárbaros Brancos não encontrei nada que pudesse ser útil ao meu povo. É verdade que também cultivaram terras e construíram cidades. Traçaram estradas e inventaram poderosos instrumentos que nenhum Ugha Mongulala consegue entender. Mas o legado dos Deuses está-lhes oculto. Os Bárbaros Brancos estão destruindo o seu próprio mundo e as suas falsas crenças. Estão de tais modos cegos que nem sequer reconhecem a sua origem. Porque só aquele que conhece o seu passado encontrará o seu caminho futuro.

Os Ugha Mongulala conhecem o seu passado, tal como está escrito na Crônica de Akakor. Portanto, também conhecem o seu futuro. Segundo as profecias dos sacerdotes, uma terceira Grande Catástrofe destruirá a Terra no ano 12.462 (1.981). A catástrofe começará onde Samon outrora estabeleceu o seu império. Uma guerra rebentará nesse país e lentamente espalhar-se-á por toda a Terra. Os Bárbaros Brancos destruir-se-ão uns aos outros com armas mais brilhantes que mil sóis. Só alguns sobreviverão às grandes tempestades de fogo, e entre esses o povo dos Ugha Mongulala, que se mantêm nas suas habitações subterrâneas. Isto, em qualquer caso, é o que dizem os sacerdotes, e deste modo escreveram-no na crônica:

Uma terrível sorte está reservada à humanidade. Estalará uma tempestade e montanhas e vales tremerão. Do céu cairá sangue e a carne humana encolherá e tornar-se-á branda. As pessoas ficarão

sem forças nem movimentos. Perderão a razão. Já não serão capazes de olhar para trás. Os seus corpos desintegrar-se-ão. Deste modo, os Bárbaros Brancos farão a colheita dos seus feitos. A floresta encher-se-á com as suas sombras tecidas com dor e fatalidade. Então os Deuses voltarão, cheios de pena dos povos que esqueceram o seu legado. E um novo mundo surgirá, onde homens, animais e plantas viverão juntos numa sagrada união. Então a Idade do Ouro voltará.

Isto termina A Crônica de Akakor.

APÊNDICE

EXPLICAÇÕES SUPLEMENTARES, EXEMPLOS E REFERÊNCIAS:

A ORIGEM DO HOMEM LATINO-AMERICANO

Tudo começou com Cristóvão Colombo. Quando o marinheiro italiano descobriu o Novo Mundo, no fim do século XV, estabeleceu contato com um povo até então completamente desconhecido. Porque Colombo e os seus companheiros procuravam o caminho para as Índias, ficaram convencidos de que os nativos se chamavam índios, e este nome manteve-se, apesar do erro que fez com que fosse corrigido pouco depois. Nos últimos quinhentos anos, achados arqueológicos e investigações étnicas levaram às mais extravagantes teorias acerca da origem do homem americano. Gregório Garcia, um dos dignitários da Inquisição espanhola, chegou mesmo a afirmar que os habitantes do Novo Mundo eram de origem bíblica. Pensava-se que um filho de Noé, Isabel, teria povoado a América até ao Peru e que outro filho, Jobal, se teria instalado no Brasil. (Esta história sul-americana é obviamente uma versão da história de Noé) Garcia escreveu no século XVII: “Os nativos não reconhecem Jesus Cristo. Não nos agradecem o bem que lhes fazemos. São descrentes”.

Há explicações de numerosos etnólogos que não são menos imaginativas. Ligam a origem da população nativa da América ao lendário continente da Atlântida, que de acordo com o filósofo grego Platão, submergiu no ano 9.500 a. C. Os proponentes de várias ondas de migração do Egito, Ásia Menor e Europa pertencem ao mesmo grupo.

Sir Walter Raleigh transformou o príncipe dos Incas, Manco Capac, no inglês Capac. Sequazes do sábio alemão Wegener, por outro lado, acreditaram na origem africana da população indígena da América. Supunha-se que na época em que a África e a América

ainda estavam ligadas os Índios tivessem feito a travessia até a Amazônia.

Há mais evidência histórica na teoria do germano-boliviano Posnansky. Depois de vinte anos de investigações nas ruínas bolivianas de Tiahuanaco, chegou à conclusão de que os primeiros americanos se desenvolveram no continente americano independentemente dos povos europeus e asiáticos. Subsequentemente, o sábio inglês Fawcett defendeu a teoria de Posnansky e viu Tiahuanaco simplesmente como uma das muitas colônias de um poderoso império florestal.

Presentemente, os sábios estão divididos em duas escolas claramente separadas: os que defendem a idéia de uma migração na Ásia através do estreito de Bering e os que acreditam no desenvolvimento autônomo do Americano. Ambos os grupos têm apresentado inúmeras provas científicas, que, no entanto, não esclarecem dois problemas básicos: onde se desenvolveram as primeiras nações americanas; qual foi o curso do desenvolvimento diferenciado da população nativa, que atingiu a sua apoteose cultural e política nos impérios asteca, maia e inca.

Estas questões dificilmente podem ser respondidas cientificamente, porque faltam os elos essenciais da cadeia da evidência. O que tem sido estabelecido é o fato de que num antiquíssimo período, possivelmente há mais de dez mil anos, várias tribos governaram a América. Devem ter tido a mesma origem ou estado em comunicação umas com as outras. Sabemos isto pelos achados arqueológicos nos misteriosos sambaquis, os terrenos de enterramento dos índios do Norte e do Sul. Mais evidências se podem encontrar nos antigos ritos funerários dos Incas e dos Maias. Mas não há explicação para estas coincidências a não ser que aceitemos as lendas e as sagas dos povos.

MITOS E LENDAS MAIAS

De acordo com o Chilam Balam, os livros dos sacerdotes Maias, a história começa no ano 3.113 a. C. O investigador alemão Wolfgang Cordan liga esta data com um misterioso acontecimento histórico de grande importância. No entanto, a historiografia tradicional menciona-o só como uma curiosidade do complicado calendário maia. Estranhamente, no entanto, as tradições escritas das nações da América Central coincidem com as lendas da selva índia. Os Toltecas e os Maias referem-se ao aparecimento de deuses e heróis que, sem esforço aparente, realizam os seus poderosos feitos. Os Aruaques da Amazônia também descrevem a chegada e a partida de ofertantes de frutos com estranhas máscaras. Alguns acontecimentos históricos semelhantes parecem ter influído em todos os povos que viveram nesta época. Temos a consciência disso ainda hoje e, muito embora possam estar envolvidos num manto de mitologia, indubitavelmente que se baseiam em acontecimentos reais.

A única ligação direta com a história compreensível e os mitos latino-americanos baseiam-se nas lendas dos Quichuas-Maias e dos Ugha Mongulala, com a exceção de a sua tradição distintamente se referir a Reis-Deuses e a Antigos Pais possuidores de poderosas qualidades físicas. São descendentes de uma misteriosa raça estelar; são muito superiores ao homem e, após a sua morte, entram numa segunda vida que não está aberta ao mortal comum. “Se tu quiseres ser Deus”, diz o Chilam Balam dos Quichuas-Maias, “sê digno disso. A tua existência terrena e a maneira de proceder devem estar em harmonia com a vontade dos Deuses. Deves seguir as leis éticas do cosmo. Então os Deuses não se sentirão envergonhados na tua presença e falarás com eles de igual para igual”.

Na Crônica de Akakor, os “Primeiros estes a quem chamamos Deuses” vieram para a Terra cerca de 13.000 a. C. e formaram-na à sua imagem. Deram à humanidade nomes, língua e escrita. Ensinarão-lhe agricultura elementar e leis políticas que se mantiveram, pelo menos, parcialmente operativas até hoje. Também lhe deixaram habitações subterrâneas, como proteção contra iminentes catástrofes. É como a crônica se lhe refere. As

tradições orais e escritas dos povos mais velhos são invariavelmente comparáveis. Numa época há mais de dez mil anos, uma ou mais nações altamente civilizadas habitaram a Terra. Eram os chefes de populações nativas e realizaram tarefas dependentes de espantosos cálculos aritméticos. Segundo o Livro dos Mortos dos Egípcios, o Vedda dos Celtas e o livro secreto indiano Mahabharata, chegaram mesmo a transferir homens de um planeta para outro. Também foram responsáveis pelo nascer dos primeiros centros de civilização, dos quais, mais tarde, se desenvolveram as grandes culturas.

AS TREZE MORADIAS SUBTERRÂNEAS

Seja de que maneira for que as recordações e as tradições míticas forem consideradas, certamente que resolvem mistérios da pré-história terrestre e humana e explicam problemáticas evidências arqueológicas à sua própria maneira. O deserto costeiro de Nazca, no Peru, é pontuado com gigantescos quadros de quilômetros de comprimento e marcado com linhas e traços de figuras geométricas. No seu pormenorizado exame da antiga cidade-templo de Tiahuanaco, Posnansky encontrou estranhas câmaras subterrâneas através de toda a cidade, com espessas paredes bem construídas. Lajes de pedra com algumas toneladas foram adaptadas, até ao milímetro exato, na grande fortaleza da montanha de Sacsahuaman, nas imediações de Cuzco. O cronista espanhol Montesinos atribui este edifício a uma poderosa nação que desapareceu há muito. Segundo a maioria dos americanistas, a fortaleza está construída no chamado estilo inca imperial, que dominou de 1.480 a 1.530. De acordo com A Crônica de Akakor, os Antigos Pais construíram gigantescas cidades de pedra há mais de dez mil anos, e entre elas havia treze moradias subterrâneas e túneis de forma trapezoide que atravessavam a região do Amazonas. Até esta época, cidades subterrâneas só apareciam em mitos e lendas. A tradição tibetana refere-se ao reino subterrâneo de Agartha. Os índios da América do Norte têm conhecimento de

extensas cavernas onde os trovões dos Deuses estão guardados e cuidados. Túneis subterrâneos foram descobertos em todo o mundo.

No Peru e na Bolívia, cientistas e exploradores encontraram extensos corredores de pedra que seriam difíceis de construir mesmo com o equipamento técnico atual. A Série Documental Del Peru até descreve uma expedição realizada em 1.923 por membros da Universidade de Lima. Acompanhados por experimentados “espeleólogos”, os cientistas penetraram nos túneis trapezoides de Cuzco. Tiraram medidas da abertura subterrânea e avançaram em direção à costa. Então as comunicações com o ponto de entrada desapareceram. Depois de doze dias, só um solitário membro da expedição regressou à superfície, quase morto de fome. Mas as suas informações sobre um confuso labirinto subterrâneo eram tão inacreditáveis que os colegas do infeliz explorador o consideraram louco. Para evitar futuras perdas de vidas, a polícia proibiu o acesso à misteriosa passagem e dinamitou a entrada.

O grande terremoto de Lima de 1.972 mais uma vez trouxe para os cabeçalhos dos jornais as estruturas do subsolo peruano. Durante os trabalhos de salvamento, os técnicos encontraram longos corredores que ninguém suspeitava que existissem. Os subsequentes exames sistemáticos das fundações da cidade de Lima levaram à espantosa descoberta de que grande parte da cidade era atravessada por túneis, todos levando às montanhas. Mas os pontos terminais não puderam ser encontrados porque tinham desabado com o decorrer dos séculos.

Quem construiu aqueles túneis? Aonde levavam? Quando foram construídos? Só duas das muitas teorias oferecem uma explicação lógica. A primeira refere-se a rotas de fuga incas construídas depois da chegada dos conquistadores espanhóis. A segunda baseia-se na lenda inca que atribui os túneis a um antigo povo. Nas suas Memórias Antigas, Historiales, Políticas Del Peru, Montesinos escreve: “Cuzco e a cidade em ruínas de Tiahuanaco estão ligadas por uma gigantesca estrada subterrânea. Os Incas não sabem quem a construiu. Também nada sabem acerca dos habitantes de

Tiahuanaco. Em sua opinião, foi construída por povo muito antigo que mais tarde se refugiou na selva da Amazônia”.

A GRANDE CATÁSTROFE UNIVERSAL

Os mitos da população aborígene latino-americana formam um quadro coerente. Num passado muito distante, a Terra foi governada por uma poderosa raça de deuses que dominaram as populações nativas e construíram gigantescas cidades. Obviamente também construíram cidades subterrâneas e fortalezas, esperando uma guerra que, evidentemente, consideravam inevitável. A subsequente ocorrência de um terrível acontecimento é confirmada não só pela tradição; os geólogos e os arqueólogos têm como garantido que a primeira Grande Catástrofe da Crônica de Akakor, a destruição do mundo no vocabulário maia (ou o Dilúvio, segundo o Velho Testamento), aconteceu na realidade.

Os cientistas agora interpretam o acontecimento, que é parte comum da história de todos os povos, como sendo inteiramente natural. Pode ter sido causado por um desvio no eixo da Terra devido à aproximação de uma estrela ou à queda na Terra de uma lua. Inúmeros geólogos afirmam que havia grandes alterações na crosta da Terra e conseqüentemente grandes ondas de marés. Lendas e mitos aborígenes atribuem este acontecimento aos Deuses. A Edda germânica refere-se a uma revolta na Terra: “O Sol faz-se negro. O trovão ribomba. O tronco de Yggdrasil treme. O espírito da árvore geme. O gigante liberta-se. Tudo treme. No mundo subterrâneo os laços do grande amigo Surt quebram-se. O céu estala. O círculo da Terra abre-se em direção ao céu. Espalha brasas de fogo e veneno. O Deus avança para se encontrar com o dragão. O Sol desaparece. A terra mergulha na água. As estrelas felizes caem do céu”.

A Crônica de Akakor complementa e completa a informação mítica de outros povos. Refere-se a duas raças divinas hostis com diferentes propriedades físicas. O início da guerra é o ano 13, 10.468 a. C., de acordo com o calendário ocidental. Na sua Crítica, Platão refere-se a 9.500 a. C. como o ano em que foi destruída a

lendária Atlântida. O historiador Hemus reporta-se a uma terrível catástrofe que ocorreu no ano 11.000 a. C. Posnansky diz que Tiahuanaco foi destruída cerca de 12.000 a. C. Um filósofo grego, um historiador egípcio e um sábio alemão confirmam o que há muito se sabia pela tradição dos povos, tanto escrita como oral.

O surgir da humanidade começou com a chegada de estranhos astronautas? O homem desenvolveu-se na Terra ou é originário de um planeta distante? Quem quer que seja que confie mais na lenda dos antigos povos que nas hipóteses científicas ou nas afirmações religiosas pode encontrar inúmeras indicações de que os Deuses foram os responsáveis. Mas lendas não são evidências. Nem as gigantescas cidades-templo dos Maias nem as enormes pirâmides do Egito ou os desenhos rabiscados de Nazca no Peru, têm necessariamente de pertencer a estruturas não humanas. Certamente que testemunham o florescer de elevadas civilizações que já não compreendemos. Pode ser muito bem essa enorme escala que, a nossos olhos, eleva quem a construiu à estatura dos Deuses.

EGÍPICIOS E FENÍCIOS NO BRASIL

A história do primeiro homem americano mantém-se misteriosa. A maioria dos cientistas defende a teoria de que atravessou o deserto de gelo do estreito de Bering e se instalou no continente de norte para sul. Os partidários de Posnansky consideram-no como descendente de Tiahuanaco. Muitos autores de ciência étnica consideram-no sobrevivente da lendária Atlântida. Contudo, até agora ninguém apresentou provas indiscutíveis.

O professor americano Cyrus Gordon fez grande sensação quando em 1.971 publicou uma interessante teoria. Afirmou que as antigas nações orientais haviam conhecido a América há milhares de anos. Como evidência, o investigador apresentou a cópia de uma laje encontrada no estado brasileiro do Ceará e que tem a seguinte gravação: "Somos filhos de Canaã. Viemos de Sídon, a cidade do

Rei. O comércio nos trouxe a esta terra de montanhas. Sacrificamos um jovem para afastar a ira dos Deuses no décimo nono ano de Hiram, o nosso poderoso rei. Começamos a nossa viagem em Eziongeber e navegamos com dez barcos no mar Vermelho. Passamos dois anos no mar e navegamos em redor de um país chamado Ham. Então, uma tempestade separou-nos dos nossos companheiros; finalmente. Chegamos aqui, doze homens e três mulheres, a uma praia de que eu, o almirante tomou posse”.

A afirmação de Cyrus Gordon causou uma tempestade de indignação entre os arqueólogos e historiadores brasileiros. Confinava os descobridores portugueses a meros sucessores dos marinheiros fenícios e dava uma explicação inteiramente nova para a origem do nome “Brasil”. A versão corrente deriva do nome da árvore pau-brasil. Segundo o professor americano, a palavra tem origem no vocabulário semita. Várias universidades brasileiras enviaram grupos de investigadores para a área que o professor tinha identificado como lugar do achado para comprovar a sensacional descoberta

A maior e a mais dispendiosa expedição pesquisou a região em redor de Quixeramobim, no centro do Ceará, em 1.971. Durante três meses de trabalho árduo, foram encontrados mais de mil quilos de cerâmica e de amostras de solo. Os arqueólogos encontraram nas escavações mais de cem vasos e descobriram misteriosas imagens de pedra e ornamentos de porcelana colorida. Nessa altura, o chefe da expedição, o arqueólogo brasileiro Milton Parnes, publicou o seu primeiro relatório, que confirma as afirmações de Gordon e as observações da Crônica de Akakor acerca do contato entre os Ugha Mongulala e o império de Samon para além do oceano oriental.

As referências a uma antiga ligação entre o Oriente e o Novo Mundo não são restritas às espantosas descobertas do Ceará. O Livro dos Mortos egípcio, no segundo milênio a. C., fala do reino de Osíris num distante país a oeste. Inscrições em rochas na região do rio Molar, na Argentina, são claramente lineares na tradição egípcia. Símbolos e objetos de cerâmica foram encontrados em Cuzco e são idênticos aos artefatos egípcios. Segundo o investigador americano

Verril, são a prova da visita ao Peru nos anos 2.500-2.000 a. C., do rei Sargon de Akkad e de seus filhos. Na Guatemala há lugares de consagração e templos que parecem ter tido como modelo as pirâmides egípcias. A sua arquitetura, que segue estritas leis astronômicas, indica a mesma origem ou o mesmo construtor. Mas as mais distintas indicações encontram-se na Amazônia e no estado brasileiro de Mato Grosso. Inscrições com um metro de altura, em rochas dificilmente acessíveis, evidenciam sem dúvida algumas características dos hieróglifos egípcios. Foram coligidos e interpretados pelo sábio brasileiro Alfredo Brandão na sua obra em dois volumes A Escrita Pré-Histórica do Brasil. Escreve no prefácio: “Os marinheiros egípcios deixaram vestígios por toda a parte, desde a embocadura do Amazonas até à baía de Guanabara. Tem de quatro a cinco mil anos de idade e podemos avaliar que as comunicações por mar entre os dois continentes se perderam numa data posterior”. De acordo com A Crônica de Akakor, as relações entre o Egito e a América do Sul desapareceram no quarto milênio a. C., quando tribos selvagens destruíram a cidade de Ofir, que tinha sido construída por Lhasa.

Se acreditar na teoria do professor Gordon, as relações foram retomadas pelos Fenícios no décimo nono ano de Hiram, 1.000 a. C. E os Ugha Mongulala relatam que foram seguidas em 500 pelos Ostrogodos, que se juntaram a marinheiros do Norte. E, finalmente, mil anos mais tarde, os Espanhóis e os Portugueses chegaram à sua busca de um caminho marítimo mais curto para a Índia. A América – o novo mundo – havia sido redescoberta.

A PRÉ-HISTÓRIA DOS INCAS

A viagem de Cristóvão Colombo trouxe para o Ocidente notícias acerca da civilização americana. Os escribas de Sua Majestade o Rei de Espanha descreveram as suas cidades, condenaram as tradições religiosas do povo e estabeleceram os primeiros calendários. O historiador Pedro Cieza de Leon e o descendente inca Garcilaso de la Vega situaram o nascimento do império inca

nos primeiros séculos da era cristã. Só o cronista Fernando Montesinos dá uma tábua genealógica exata dos Reis do Sol, que recua muito na era pré-cristão.

Durante muito tempo a moderna historiografia aceitou a validade da data de Pedro Cieza de Leon e admitiu o princípio do império inca entre os anos de 500 e 800 da era cristã. Supôs-se que foi nesta época que esta poderosa nação de guerreiros começou a conquista do Peru e que se expandiu até ao Pacífico, trezentos anos mais tarde. Os novos dominadores do Peru desenvolveram um forte estado de orientação socialista e estabeleceram o maior império da história da América Latina. Só os últimos achados arqueológicos das montanhas do Peru e da Bolívia tiveram como resultado opiniões históricas totalmente diferentes. Visto que é tão difícil explicar a ascensão dos Incas a um poder mundial no prazo de trezentos anos como é compreender o desenvolvimento de um estado “socialista”, a nova teoria defende o princípio de que a origem dos Incas se deu centenas ou mesmo milhares de anos antes de 500 da era cristã. O historiador Montesino, que foi durante muito tempo considerado um fantasista, está sendo aceite: “Há muito tempo o divino Viracocha surgiu de uma caverna. Era mais sensato e mais poderoso que os homens vulgares, juntaram tribos à sua volta e fundou Cuzco, a cidade dos quatro cantos do mundo. Este é o início da história dos filhos do Sol, tal como se chamavam a si próprios”.

Montesinos é o único historiador espanhol que coloca o início do império inca na era pré-cristã. No entanto, encontra mais aceitação entre os seus colegas quando descreve as mulheres da família governante. Pedro de Pizarro, o conquistador do Peru, encanta-se com a pele branca das mulheres incas, com o seu cabelo “da cor do trigo maduro”, as suas feições finamente modeladas, que se podiam comparar favoravelmente com as de qualquer beleza de Madri. Quem quer que esteja familiarizado com os índios das terras altas do Peru só pode espantar-se com este retrato. Os descendentes dos orgulhosos Incas são de estatura pequena, com pele avermelhada – exatamente o contrário de uma beleza espanhola. Ou mudaram completamente no decorrer dos séculos ou os

antepassados Incas pertenciam a uma raça diferente. Fernando Montesinos relaciona-os com o lendário Viracocha. Pedro de Pizarro acrescenta que os nativos consideram o seu príncipe como “um menino dado pelos Deuses”, como todos os outros brancos e louros. A Crônica de Akakor descreve Viracocha como pertencendo à divina raça do príncipe Lhasa. As lendas dos índios das montanhas do Peru falam de uma tribo de pele branca que desapareceu na selva sem deixar rastro. Mas o misterioso povo não desapareceu inteiramente. Em 1.911, o explorador americano Hiram A. Bingham descobriu a cidade em ruínas de Machu Picchu, no vale do Urubamba, a uma altitude de três mil metros. Estava relativamente bem conservada e tinha muitas semelhanças com as fortalezas das montanhas incas. Mas nem os contemporâneos de Pizarro nem os descendentes dos Reis do Sol sabiam da sua existência. Bingham só descobriu a cidade guiada por uma velha lenda; esta foi a razão porque confundiu Machu Picchu com a cidade inca de Paititi, que ainda não fora descoberta e que era o reduto do príncipe inca Manco II.

Entretanto, achados arqueológicos provaram que Machu Picchu não é idêntica a Paititi. A cidade em ruínas data de uma era acerca da qual nada se conhece e é um dos milagres arqueológicos que têm resistido a todas as tentativas de interpretação. Só na Crônica de Akakor foi explicada e posta em perspectiva histórica. De acordo com a história dos Ugha Mongulala, a “cidade sagrada” foi fundada por Lhasa, o Exaltado Filho dos Deuses. Quando o império inca foi vencido, à chegada dos conquistadores espanhóis, eles desistiram de Machu Picchu e internaram-se na selva tropical.

OS BÁRBAROS NA AMÉRICA LATINA

A historiografia tradicional mantém cauteloso silêncio sobre a pré-história dos Incas e dos Maias, por falta de datas, embora o fim das suas civilizações seja exatamente descrito pelos historiadores espanhóis. Exatamente o oposto acontece com os Ostrogodos, essa orgulhosa raça de guerreiros que conquistou a Itália dentro do

período de sessenta anos e foi depois derrotada pelo general romano Narses, na batalha do monte Vesúvio, no ano 552 da era cristã. Os últimos sobreviventes deste povo primitivamente tão forte desapareceram sem deixar rastro. Os linguistas pretendem ter descoberto os seus descendentes no sul da França; os etnólogos e os historiadores situam-nos no Sul da Espanha. Nem uma nem outra escola pode fornecer provas definitivas.

Segundo A Crônica de Akakor, os sobreviventes dos infelizes Bárbaros juntaram-se aos ousados marinheiros do Norte. Juntas, as duas nações partiram em busca das Colunas de Hércules, onde se poderiam lamentar os Deuses. Durante trinta luas navegaram pelo oceano infinito até chegarem à embocadura do Grande Rio. Os linguistas concordam em pelo menos num ponto: As Colunas de Hércules, que também são mencionadas na mitologia grega, são idênticas ao estreito de Gibraltar, entre a Espanha e o Norte da África. Foi aqui o local em que os Bárbaros procuraram os Deuses que os haviam abandonado. Mas as suas esperanças foram iludidas: um vento forte levou os barcos dos seus aliados para o mar largo. Os barcos de madeira dos “ousados marinheiros” devem ter sido bem construídos, pois os Vikings foram o primeiro povo europeu a pisar a Groenlândia e, de acordo com as opiniões de muitos sábios, descobriram então a América do Norte. As suas incursões no Mediterrâneo Ocidental têm sido provadas, de modo que o contato com os Bárbaros não pode ser excluído.

No continente sul-americano, os vestígios de povos nórdicos brancos são tão numerosos como confusos. Em primeiro lugar, há a relação entre a língua americana e as línguas nórdicas; há a crença na origem divina e também estruturas sociais semelhantes. A evidência concreta da presença de povos nórdicos na Amazônia é dada pelas pinturas na rocha da famosa Pedra Pintada, na parte superior do rio Negro. Entre estas se encontram carros e barcos vikings. Isto é na verdade surpreendente, visto que nenhum povo americano conhecia a roda até a chegada dos conquistadores espanhóis. Para o rei inca Atauvalpa, o nivelamento de uma montanha era menos uma questão de tecnologia que um meio de ocupar os trabalhadores.

A pré-história das nações da América Central é tão misteriosa e obscura como a dos Incas. Os poucos documentos que foram salvos das chamas da Inquisição resistiram às tentativas de decifração mesmo dos mais modernos computadores. A cronologia maia baseia-se no calendário mais matemático da história do mundo. Juntamente com as ruínas do templo de Chichen Itza, é o último vestígio de uma civilização que é pelo menos igual (senão superior) às culturas europeias comparáveis.

O maior mistério do país dos Maias são as incompletas cidades da selva da Guatemala. Sabemos que foram construídas entre 300 900 da era cristã, mas não há qualquer ideia de quem as mandou construir. O especialista Rafael Girard suspeita de que uma razão para a súbita interrupção de construção maia foi a grande fome que empurrou o povo para a ponta sul do México. A Crônica de Akakor relaciona as cidades incompletas com os Bárbaros. Para evitar uma invasão do “povo enfeitado com penas que vinha do Norte”, o Alto Conselho mandaram construir grandes cidades nos estreitos, cidades que nunca foram acabadas. Depois de qualquer catástrofe, as forças que tinham sido afastadas fugiam para o norte. A data suposta é 560, o que coincide com as suposições científicas.

Mesmo hoje, o problema dos Bárbaros ou da chegada de outros povos do Norte ao Novo Mundo não está esclarecido. Há grande número de diferentes teorias, todas propagadas por cientistas de reputação. Em adição, a historiografia tradicional mostrou em que extensão é influenciada pelos preconceitos e pensamentos contemporâneos. Durante gerações, os historiadores cometeram erros grosseiros, tal como a descoberta da América por Cristóvão Colombo ou a construção de Tiahuanaco no ano de 900. Não se compreende, portanto, que os estudiosos de hoje tenham feito a afirmação seguinte e a defendam entusiasticamente: “Tudo começou com a chegada de hordas selvagens vindas da Ásia e tudo acabou com os conquistadores espanhóis”. Há setenta anos ainda nada se conhecia da fortaleza de Machu Picchu.

Há vinte anos, a Amazônia era ainda considerada como um vazio arqueológico. Há dez, os cientistas ainda afirmavam que os índios da selva não excediam um milhão. E, assim, ainda pode haver

muitos segredos que estejam enterrados nas rochas dos Andes ou na selva de liana. Estamos muito longe de conhecer tudo.

A CHEGADA DOS DESCOBRIDORES ESPANHÓIS E PORTUGUESES

A chegada de Colombo à América, em 1492, iniciou o contato entre os conquistadores europeus e o povo do Novo Mundo. A tradição deste povo era receber os estrangeiros amavelmente, de modo que trataram os brancos barbudos com muito respeito. O rei dos Astecas entregou a Cortez preciosas dádivas. Atahualpa, o rei dos Incas, enviou uma delegação para se encontrar com Pizarro. O chefe dos Tupis ofereceu mesmo a sua própria filha como sinal de hospitalidade aos portugueses que desembarcaram na costa brasileira. “Os nativos” escrevia Cabral ao seu rei, “parecem tão calmos e tranquilos que posso garantir a Vossa Majestade que não haverá problemas em governar o país. Amam o seu vizinho como a si próprios e a sua linguagem é sempre amiga, gentil e acompanhada por um sorriso”.

Esta maneira de proceder, a que os Europeus não estavam habituados, foi interpretada como fraqueza, tanto pelos Espanhóis como pelos Portugueses. Pizarro, descrito pelos seus companheiros como um justo súdito do seu rei – pensava o povo -, devia imediatamente mandar entregar todo o ouro, que era avaliado em grandes quantidades. E durante os anos seguintes os conquistadores europeus fizeram tudo para traduzir esta intenção em ação. No decorrer de algumas décadas destruíram três grandes impérios, assassinaram milhões de pessoas e até destruíram todos os documentos escritos referentes a civilizações que, sob muitos aspectos, era não só igual, mas até superior a sua. O Novo Mundo desvaneceu-se em fumo, devastado e pilhado pelos marinheiros, que haviam sido recebidos como deuses. “Veneram-nos como seres divinos”, escreveu o padre jesuíta D. José ao rei de Espanha. “Deram-nos tudo o que podíamos desejar. Sim, e até sabiam a

história do Salvador. Só posso imaginar que um dos doze apóstolos deve ter estado neste continente”.

De acordo com as tradições orais e escritas dos velhos povos americanos, os conquistadores espanhóis e portugueses deveram a amigável recepção não a um muito viajado apóstolo, mas aos Deuses. Só haviam feito bem ao seu povo e tinham-lhes prometido voltar um dia. Assim, segundo os sacerdotes, “o tempo decorrera e os estrangeiros tinham chegado em poderosos navios, deslizando a água sem fazer barulho e com mastros que chegavam ao céu”. O povo viu que a predição estava a ser cumprida. A raça do Sol, Pai dos Incas, e dos Antigos Pais dos Ugha Mongulala tinham voltado.

Dentro em pouco, os nativos compreenderam que foram vítimas de uma cruel ilusão. Os supostos deuses portavam-se como diabos. “Partiam os ossos, sendo piores que animais”, tal como se afirma na Crônica de Akakor. Os impérios asteca, inca e maia foram destruídos; com eles também morreu a lenda do regresso dos divinos antepassados. Só as tribos índias que viviam nas áreas inacessíveis da floresta conservaram a sua crença até agora. “Os nativos vieram ao nosso encontro como se nos esperassem”, escreve o etnólogo brasileiro Orlando Villasboas no seu relatório sobre o contato estabelecido com a tribo dos Aruaques em 1.961. “Escoltaram a expedição até ao centro da aldeia e ofereceram prendas. O comportamento dos índios deve estar ligado a uma antiga lembrança que passou de geração para geração”.

AS CIDADES BRANCAS, O IMPÉRIO DA SELVA NO AMAZONAS.

O domínio do Peru e a destruição das tribos na costa do Brasil alterou o curso da conquista sul-americana. O caráter dos estrangeiros já não era um mistério para os antigos; agora compreendia a sua finalidade e a credibilidade das suas palavras, de modo que ofereceram forte resistência.

O primeiro a experimentar isto foi o companheiro de Pizarro, o aventureiro espanhol Francisco Orellana, que, com grande

dificuldade, navegava para a nascente do Amazonas. A primeira travessia do continente sul-americano tivera êxito e estava descrita e documentada no livro de viagem do seu companheiro Gaspar de Carvajal. Segundo este relatório, Orellana encontrou comunidades fortemente estruturadas em ambas as margens do rio.

Carvajal descreve edifícios de mercado, peixarias, instalações generosamente construídas, para evitar que os espanhóis desembarcassem como também numerosas ruas, fortificações e edifícios públicos. As aldeias estavam juntas e tão próximo umas das outras que a região pareceu a Carvajal como parte da sua Espanha natal: “Avançamos mais pelas áreas habitadas, e uma manhã, às oito horas, depois de termos passado uma curva do rio, vimos uma bela cidade, que pelo seu tamanho devia ser a capital de um império. Inúmeras cidades brancas se seguiam a umas escassas milhas da margem do rio”.

A informação de Carvajal é prova de um extenso e desenvolvido império no interior da Amazônia no século XVII, com elevado grau de civilização, pois as fortificações e as cidades brancas não podiam ter sido construídas pelos índios da selva. Só os Incas, os Maias ou os Astecas teriam sido capazes de tal perfeição. Visto que os seus impérios, como foi provado, estiveram limitados às zonas ocidentais do continente, só um povo pode ser considerado. Segundo A Crônica de Akakor – os Ugha Mongulala.

Um século mais tarde, o jesuíta Cristobal Acuña confirmou as informações do seu antecessor. Também descreve os aspectos da vida urbana: densa população, medidas defensivas e edifícios públicos “onde se encontram muitos objetos feitos de penas multicores”. Concluindo, Acuña faz um breve relato da impressão que teve do país, no seio do qual passou vários meses: “Todos os povos ao longo do rio são extremamente inteligentes, vivos e inventivos. Isto se pode verificar em todos os trabalhos que produzem, quer seja esculturas, desenhos ou quadros vivamente coloridos. Os edifícios são cuidadosamente construídos e ordenados, e parece que existem outras cidades localizadas mais para o interior”.

Segundo A Crônica de Akakor, os Ugha Mongulala governaram um vasto império, que se estendia por quase todo o curso do Amazonas. Depois os Bárbaros Brancos chegaram com o novo símbolo da cruz e levaram as Tribos Aliadas a quebrar a sua vassalagem. Repetiu-se a tragédia inca, embora devagar e por partes. Os Portugueses também podem não ter tido piedade quando se tratou de converter os nativos ao cristianismo, ou quando lhe quiseram tirar os desnecessários luxos. Mas viviam num país sem qualquer centro político visível e combatiam as forças naturais, que pareciam resistir até à mais moderna maquinaria. O esporão transamazônico da estrada entre Manaus e Barcelos, na parte baixa do rio Negro, construído em 1.971, ficou coberto de vegetação tropical no prazo de um ano. Até os técnicos tiveram dificuldades em localizar a direção aproximada da estrada. Portanto não é de admirar que já não haja sinais das “cidades brancas”.

O AMAZONAS

A historiografia tradicional quase ignorou o livro de viagem do padre Gaspar de Carvajal., possivelmente porque o relato daqueles oito meses em regiões que ainda hoje mantêm o seu mistério se relaciona principalmente com a busca de alimentação. Havia instalações que existiam simplesmente como possíveis alvos de pilhagem. Um viajante evitava as cidades brancas e alegrava-se quando encontrava essas pequenas aldeias sem defesa. Os contemporâneos de Carvajal prestaram atenção só a uma pequena passagem – a referência a uma tribo de mulheres guerreiras com uma capital de conto de fadas de ouro. Esta parte do diário despertou a imaginação dos cobiçosos conquistadores. Avançaram de todas as direções para a região da parte superior do Orenoco para encontrar a tribo das Amazonas e a sua lendária capital, Eldorado.

As expedições militares que partiram nos séculos XVI e XVII seguiram invariavelmente a mesma rota. Forças espanholas e portuguesas, mercenários alemães e franceses, sob a chefia de vários comandantes, vaguearam durante meses através de

territórios inacessíveis. Tiveram de enfrentar ataques de uma população guerreira, forças naturais adversas e terrenos constantemente alagados. Os homens estavam derrotados pela fome: devoravam os animais que os acompanhavam e por fim tornaram-se canibais. “Tomamos o índio preso, e quando chegamos à corrente matamo-lo e dividimo-lo entre nós. Acendemos uma fogueira e comemos-lhe a carne. Depois, fritamos o resto da carne e guardamo-lo para a noite”. Este é o relato de Cristobal Martin, soldado da força expedicionária do general Von Hutten.

A Amazonas e o seu misterioso Eldorado nunca foram descobertos. Segundo A Crônica de Akakor, combateram contra invasores estrangeiros durante sete anos. Estavam exaustas. Destruíram Akahim e retiraram-se para as moradias subterrâneas.

Durante os séculos que se seguiram, Eldorado assumiu um caráter peculiar. A fabulosa “cidade do ouro” parecia vaguear de um ponto da selva brasileira para outro com a fascinação e a inconstância de uma fada Morgana. Eram exploradas áreas imensas em busca da ilusória cidade, e inúmeras lendas fabricavam-se e redescobriam-se. Mas Eldorado desaparecera. Nos primeiros anos do século XX o seu suposto local variava desde o Orenoco, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, até a selva do Mato Grosso. O explorador inglês Fawcett afirmou ter descoberto na região gigantescas pirâmides. Estava tão firmemente convencido da sua existência que organizou numerosas expedições. Justificava a sua crença numa carta que escreveu a seu filho: “Uma coisa é certa. Um denso véu cobre a pré-história da América Latina. O explorador que consiga encontrar as ruínas poderá alargar o nosso conhecimento histórico de maneira inimaginável”.

Como muito dos seus antecessores, Fawcett não teve êxito, devido às condições geográficas e climáticas e às chuvas das florestas tropicais: não regressou da sua última expedição, no Verão de 1.943. Mas a sua sorte não evitou que outros corajosos exploradores continuassem as buscas. Em 1.944, o etnólogo brasileiro Pedro E. Lima descobriu um caminho índio bem definido que ia da região das nascentes do Xingu até à Bolívia. O sábio índio-alemão Egon Shaden recolheu as lendas dos índios do Brasil

e juntou-as, para uma magnífica apresentação do seu passado pré-histórico.

Nos últimos dez anos tem-se assistido a um avanço decisivo da arqueologia do Brasil. Durante a construção da Transamazônica e da Perimetral Norte (duas estradas através da selva) os bulldozers encontraram muitos campos de ruínas até então desconhecidos. O Serviço de Proteção aos Índios do Brasil descobriu na região de Altamira índios de pele branca e olhos azuis. “No Acre, colonos brancos foram atacados por índios que eram altos, bem constituídos, muito belos e de pele branca”. Mas a descoberta mais espantosa foi feita por um grupo de vigilantes da fronteira brasileira do posto da área do pico da Neblina. Estabeleceram contato com uma tribo índia onde as mulheres tinham papel predominante. Segundo A Crônica de Akakor, Akahim fica na encosta leste do pico da Neblina, a mais alta montanha do Brasil.

A EXTINÇÃO DOS ÍNDIOS DA SELVA

A existência da misteriosa Amazonas continua a ser uma lenda. A extinção dos índios da selva é real, devida, no entanto, a doenças e à violência dos colonizadores brancos. Imediatamente a seguir à sua chegada, relegaram os nativos para uma situação inferior à escravatura. A população indígena foi roubada e dominada de tal maneira que não tinha outra forma de sobrevivência a não ser alimentar-se de lagartas, ervas e raízes. Os chefes foram mortos pelos europeus após cruéis torturas, para quebrar a resistência dos “selvagens” de uma vez para sempre. Tal como o historiador espanhol Oviedo afirma, “cinco ou seis cães jovens eram soltos sobre cada um dos dezesseis chefes para treiná-los nesta espécie de caça ao homem. Como ainda eram novos, só corriam e ladravam aos índios. Mas quando os índios pensavam que os havia afastado com os paus, eram soltos dois buldogues treinados, que se atiravam e mordiam, devorando-os à sua vontade”.

Mesmo a declaração de independência de vários estados sul-americanos depois das vitórias do patriota Simon Bolívar sobre os mercenários espanhóis, na batalha de Ayacucho, trouxe pouco alívio à população indígena. Uma pequena classe superior branca dirigia cada um dos países como uma fazenda de família. As revoltas da escravizada população índia eram cruelmente reprimidas. Angelim, o chefe do mais importante movimento social revolucionário do Brasil, morreu na prisão. O movimento que ele chefiava a Cabanagem desintegrou-se sob o fogo dos soldados portugueses e ingleses. Dois terços da população da Amazônia foram dizimados.

Na Crônica de Akakor só se faz uma referência marginal a estas revoltas populares. Os “pisteiros” Ugha Mongulala observaram as atrocidades dos Bárbaros Brancos com terror e aproveitaram a calma do combate para se retirarem para o território central de Akakor. Mas o inesperado perdão depressa acabava, e os Índios representaram o último ato da tragédia que começara com Colombo: uma saga de crime e violência. O papel principal é desempenhado por aventureiros, prospectores e a infame espingarda Winchester. Os opositores do genocídio também representaram o seu papel, tal como o marechal brasileiro Rondon, fundador do Serviço de Proteção aos Índios do Brasil. Mas mesmo esta organização, fundada por brancos civilizados para proteger os nativos, desenvolveu-se só para acelerar a sua condenação. Desde a descoberta do Novo Mundo, quinhentos anos antes, só mudou a forma da ânsia pelo poder dos conquistadores brancos. O jornal londrino *Economist*, na sua edição de 15 de Maio de 1.968, referia-se à situação dos índios brasileiros: “A lista dos crimes é infinita. A versão original do exame dos resultados do inquérito ordenado pelo ministro do Interior, Albuquerque Lima, pesa mais de cem quilos. A versão abreviada atinge vinte e um volumes e tem cinquenta e cinco mil cento e quinze páginas. Refere-se aos crimes contra as pessoas e propriedades dos índios, assassinio, prostituição, escravatura e até aos problemas relacionados com vendas de terras e barcos. Tal como é referido pelo informador do Governo, Jader Figueira, os crimes incluem o extermínio de duas tribos Pataxós na estado da Bahia, devido a bexigas causadas por

rebuçados infectados. Em Mato Grosso, os Cintas Largas foram exterminados com bombardeamentos de dinamite feitos por aviões voando a baixa altura; funcionários do Serviço de Proteção aos Índios exterminaram os sobreviventes com metralhadoras. Além disso, os alimentos dos índios têm sido misturados com arsênico e vírus de tifo”.

Por mais desumanamente que uma classe possa atuar quando se trata de interesses econômicos, não se pode negar que é influenciada por convenções sociais. Os colonizadores europeus eram mais que meros representantes de uma pequena classe governante. Podiam exterminar os nativos com impunidade porque consideravam os “selvagens” como seres inferiores. E, ironicamente, a população do Novo Mundo considerava os “estrangeiros Barbados” como seres mais elevados, predestinados a governar, devido à cor da pele. Só uma única nação parece ter considerado a tempo este erro. O legado dos Antigos Pais levou os Ugha Mongulala a considerar os recém-chegados como Bárbaros Brancos. Qualquer observador objetivo não pode deixar de concordar com esta determinação. Os representantes da civilização branca provaram serem unicamente ladrões desprezíveis, quando na verdade poderiam ter sido “Deuses”.

O BRASIL E O III REICH

A história do III Reich ainda deixa muitas perguntas sem resposta. As considerações políticas de Hitler e os planos estratégicos dos seus generais são conhecidos, muito embora a predileção do Führer pelas ciências ocultas e as suas obsessões religiosas se mantenham obscuras. A estratégia das batalhas e os terríveis resultados da Segunda Guerra Mundial, também são conhecidos. As decisões militares de Hitler, os seus planos para a conquista do Mundo e as ações dos comandos secretos nos mais distantes lugares da Terra mantêm-se insondáveis. Em retrospectiva é difícil definir o que mais influenciou na história do III Reich, mas uma coisa é certa: a ideia mística do universo de Hitler ainda não foi

suficientemente estudada. Mas por agora consideremos os fatos históricos.

Até meados de 1.939, a América Latina mostrava profunda indiferença pelos acontecimentos políticos da Europa. Só quando as forças do III Reich invadiram a Polônia e os planos expansionistas de Hitler se tornaram óbvios os países da América do Sul foram apanhados pelo vórtice do início da guerra mundial. A visita do comandante-chefe do Exército dos Estados Unidos, George Marshall, ao Rio de Janeiro, em Junho de 1.939, influenciou para que o Brasil se juntasse aos Aliados. “Na defesa da América do Norte”, declarou o general, “o Brasil tem um papel primordial. A presença de forças hostis em território brasileiro e a posse das comunicações com a Europa e a África representariam uma perigosa ameaça para os Estados Unidos. Consequentemente, a costa entre Salvador e Belém deve ser defendida contra uma possível invasão”.

As considerações de Marshall foram rapidamente aceitas pelos seus colegas brasileiros. Também tinham receio de um desembarque alemão e pediram a construção de grandes fortificações ao longo da costa leste. Em 1.939, na Conferência do Panamá, o Brasil declarou-se pronto a pôr à disposição dos Estados Unidos bases de apoio e aeroportos estratégicos para fins defensivos. Dentro de alguns meses, os primeiros bombardeiros americanos aterrissavam em João Pessoa e no Recife. Em Janeiro de 1.940, o presidente Vargas promulgou leis decisivas sobre a supervisão da colônia simpatizante nazi. A 7 de Dezembro de 1.941, dia do ataque japonês a Pearl Harbour. O Brasil tomou a sua decisão e cortou relações com Berlim, preparando o país para entrar na guerra.

Do lado alemão, o procedimento do Brasil foi cuidadosamente analisado. O general Canaris considerou a estrita neutralidade do Brasil um requisito prévio para o domínio dos submarinos no Atlântico Sul. O general Keitel considerava a futura invasão da América do Sul uma consequência natural da expansão do III Reich. Rosenberg, chefe da seção estrangeira do Partido Nacional-

Socialista, sonhava com a ocupação do Brasil e com a tomada do Poder por membros da colônia alemã.

Na Primavera de 1.942, quando o marechal Rommel parecia estar prestes a conquistar o Norte da África na sua vitoriosa campanha, o Brasil foi o principal assunto de discussão numa reunião do Estado-Maior em Berlim. O Ministério dos Negócios Estrangeiros, representado pelo embaixador Ritter, opôs-se à ação militar, em vista de uma possível solidariedade de todos os países latino-americanos, Keitel e Rosenberg sugeriram a organização de um ataque maciço ao Brasil. Depois de veementes discussões, Hitler decidiu-se por um ataque punitivo, a fim de “castigar o Brasil pela sua inclinação pelos Estados Unidos e para prevenir o país contra futuras ações hostis”.

A operação secreta começou no início de Julho de 1.942 em Bordéus. Uma flotilha de submarinos partiu para o Sul do Atlântico para afundar o maior número possível de navios brasileiros em “manobras livres”. A 15 de Agosto de 1.942, o submarino U-507 torpedeou o cargueiro brasileiro Baependi perto de Salvador, e vinte e quatro horas depois o cargueiro Araraquara. Seis dias mais tarde, a 22 de Agosto de 1.942; o Brasil declarava guerra ao III Reich.

O resultado da Segunda Guerra Mundial não foi afetado pela luta na frente brasileira, que se restringiu às costas do Norte, principiando em Salvador, via Recife, e até Belém, na foz do Amazonas. Submarinos que operavam nesta área tentaram impedir os fornecimentos aliados para a África e a Europa e evitar o desenvolvimento de fortificações aliadas defensivas ao longo da costa. Era aqui que os Brasileiros e os Americanos tinham estacionado esquadrões de bombardeiros e um exército de cinquenta e cinco mil homens. De acordo com uma observação na História do Exército Brasileiro, a sua tarefa era “a defesa contra uma possível invasão alemã na região de João Pessoa e Natal”.

O alto comando brasileiro estava tão firmemente convencido dos planos de invasão alemães que aumentou a força do exército para sessenta e cinco mil homens em 1.943-1.944. A área estratégica “norte-nordeste” só perdeu o seu significado depois da vitória aliada

sobre o Afrika Korps de Rommel, e começaram então os planos para a reconquista da França.

Hitler teria na verdade planejado a conquista do Brasil? Seria tecnicamente possível? Ocorreu por acaso? De acordo com o diário de guerra do coronel brasileiro José Maria Mendes, os militares brasileiros estavam convencidos de que havia planos de invasão; de outro modo, seria impossível explicar as fortes unidades do exército ao longo da costa norte. O ministro de Negócios Estrangeiros, Oswaldo Aranha, exprimiu a mesma opinião numa discussão com o embaixador americano, Jefferson Caffery, em 1.941: “Estamos convencidos de que a Wehrmacht tentará ocupar a América Latina. Há planos para que a invasão comece no Brasil”.

Os historiadores militares alemães têm uma opinião inteiramente diferente. Na sua análise da estratégia do III Reich, concordam que a invasão era um sonho de Rosenberg, tecnicamente impraticável e nunca seriamente planejada. Esta linha de pensamento não pode modo nenhum explicar um telegrama secreto do secretário de Estado Weizsaecker para o “Feldmark”, nome de código da seção sul-americana do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Neste cabograma, Weizsaecker informava o embaixador Ritter das disputas internas entre a Wehrmacht e os Negócios Estrangeiros relativamente às operações contra o território brasileiro. A referência ao território confirma outras informações que diziam respeito aos planos de Hitler no que se referia a estender o seu poder à América Latina mais cedo ou mais tarde. De acordo com o protocolo da Conferência de Munique, em 29 de Setembro de 1.938, Chamberlain sugeriu ao Führer que colonos alemães fossem enviados para a Amazônia.

DOIS MIL SOLDADOS ALEMÃES EM AKAKOR

Fatos históricos aceitáveis não são o bastante para provar a inalterável evidência de um desembarque de forças alemãs no Brasil. Mas as referências à mística imaginação de Hitler do

universo são extremamente reveladoras. Remontam a 1.920, quando o antigo pintor de paredes encontrou o poeta Dietrich Eckhardt, que durante três anos influenciou no futuro “Führer do Grande Império Alemão” com as suas teorias da origem das tribos germânicas em Thule, os seres sobrenaturais de uma civilização desaparecida, e o iminente ascender de uma raça superior no coração da Alemanha. Em Outubro de 1.927, pouco antes de morrer. Eckhardt escreveu: “Segui Hitler. Ele dançará. Mas a música foi escrita por mim. Demos-lhe a oportunidade de tomar contato com Eles. Não tenham pena de mim. Eu influí na História mais do que qualquer outro alemão”.

A canção do senhor Eckhardt foi tocada demasiado cedo. No prazo de alguns anos, a associação religiosa (Thule) que ele fundou transformou-se numa poderosa sociedade secreta, e o seu despertar acordou os grupos Edelweiss, as Waffen SS e a associação Ahnenerbe (Herança dos Antepassados). As mágicas doutrinas de Eckhardt tinham proposto levar à criação de um Estado terrorista que combinava quase um completo totalitarismo com a mística teoria de uma raça ariana dominadora.

O III Reich provavelmente atribuiu mais fundos ao estudo de ciências ocultas do que os Estados Unidos à manufatura da bomba atômica. As atividades das associações secretas nacional-socialista expandiram-se desde a busca da origem da “raça” ariana até grandes expedições aos mais distantes cantos do mundo. Quando as forças alemãs desistiram de Nápoles, Himmler mandou que a pedra tumular do último imperador Hohenstaufen fosse levada para a Alemanha. A organização Thule examinou o significado místico das torres góticas e estabeleceu numerosos contatos com os monges tibetanos. Quando os Russos entraram em Berlim encontraram centenas de ignorados tibetanos que tinham caído ao lado dos soldados alemães.

As operações das associações secretas alemãs não eram de envergadura menor na América do Sul. No começo de 1.938, um submarino explorou o Baixo Amazonas. A sua tripulação fez uma inspeção geográfica e estabeleceu contato com a colônia alemã em Manaus. Fizeram o primeiro filme histórico da Amazônia, que ainda

hoje está guardado nos arquivos de Berlim Leste. O material fotográfico demonstra que o interesse das buscas ia muito para além da coleta de dados gerais.

Outra operação documentada nos arquivos da Força Aérea brasileira refere-se à viagem do SS Carlino, em Junho de 1.943, de Maceió para Belém. As ordens do valente cargueiro alemão só podem ser calculadas. A Força Aérea brasileira acreditava que levava um carregamento de armas para os agentes secretos alemães e atacou o navio, sem êxito. Mas a explicação não pareceu plausível vista na retrospectiva. Não havia nem colônia alemã na área de Maceió nem instalações de forças brasileiras.

Há muitas referências a operações secretas no Brasil comandado pelo III Reich. Testemunhas oculares dizem ter observado o desembarque de tripulações de submarinos na costa do Rio de Janeiro. Um repórter da revista brasileira Realidade descobriu mesmo uma colônia alemã em Mato Grosso, segundo se diz inteiramente formada por membros da SS.

Segundo A Crônica de Akakor, dois mil soldados alemães chegaram à capital dos Ugha Mongulala entre 1.940 e 1.945. Marselha foi o ponto de partido para a operação secreta. Entre os membros contavam-se, além de outros, A. Jung, de Rastatt, H. Haag, de Mannheim, A. Schwager, de Estugarda, e K. Liebermann, de Roth. Mulheres e crianças acompanhavam o grupo. O contato fora facilitado por uma jovem missionária, irmã da Igreja de Santa Bárbara. Uma prova referente à data citada na Crônica de Akakor informa que os quatro mencionados soldados presumivelmente morreram em 1.945. A missão de Santa Bárbara foi atacada e destruída por tribos de índios selvagens em 1.936, de acordo com a informação recebida na diocese da Amazônia. Entre os numerosos mortos contavam-se várias freiras alemãs.

Considerando a preparação técnica que um desembarque de dois mil soldados alemães teria requerido, os fatos são insuficientes. Mas operações dos comandos secretos alemães durante a Segunda Guerra Mundial podiam ser verificadas se tivessem sido organizadas pela Abwehr. Os documentos que diziam respeito às

atividades da divisão do estrangeiro do Partido Nacional-Socialista e às secretas associações da Ahnenerbe ou foram queimados ou nunca chegaram a ser registrados. Tecnicamente, o desembarque de dois mil soldados alemães seria possível. A predileção de Hitler pelas ciências ocultas deve ter influído para entrar em contato com o “Povo Escolhido”. Um biógrafo de Hitler, Rauschning, define o “Führer do Grande Império Alemão” da seguinte maneira: “As ações e os planos políticos de Hitler só podem ser compreendidos se se conhecer os seus mais íntimos pensamentos e se se tiver experimentado a sua convicção da relação mágica entre o homem e o universo”.

A TERCEIRA CATÁSTROFE UNIVERSAL

Segundo os mitos e as lendas dos povos da América Latina, a história do homem começa com a criação do mundo pelos Deuses. Primeiro criaram a terra e o céu, mais tarde as plantas e os animais. A criação do homem foi a tarefa mais difícil. O Popol Vuh quíchuamaia conta que os Deuses primeiro fizeram o homem da poeira, e mais tarde, talharam figuras de madeira, acabando por modelá-las em massa de trigo. Na opinião dos Misteques de Anahuac, o homem surgiu de uma árvore. De acordo com A Crônica de

Akakor, os Antigos Pais transplantaram o homem de planeta em planeta, um dos quais era a Terra.

Para os Centro-Americanos, o cosmo que conhecemos é o quinto desde a criação do mundo: o sol da terra ou da noite, o sol do ar, o sol da chuva abrasadora, o sol da água; o quinto sol, o sol dos quatro movimentos, desaparecerá quando os monstros das poeiras se erguerem a oeste, espicaçados pelo mau deus Tezcatlopa, que chupa o globo da terra e o guarda na goela. Então a raça humana extinguir-se-á. Mas um sexto sol nascerá, um novo mundo em que os homens serão substituídos por planetas, isto é, por Deuses. A tribo índia dos Tupis espera um gigantesco dilúvio que destruirá

tudo. Segundo A Crônica de Akakor, os Deuses voltarão, depois de uma terceira catástrofe, para punir os Bárbaros Brancos.

Se confiar nos mitos e nas lendas dos povos indígenas da América do Sul, o futuro do gênero humano não está assegurado. O mundo rola em ciclos e cada um destes termina numa catástrofe. Segundo os sacerdotes dos Ugha Mongulala, restam poucas luas – só até 1.981. De acordo com o calendário maia, a data seguinte será 2.011.

Quais são as reais expectativas do homem para os próximos cinquenta anos? O Clube de Roma dá um quadro pessimista. A produção alimentar reduzir-se-á em relação à explosão demográfica. As armas atômicas que estão acumuladas são suficientes para destruir trinta vezes a humanidade e para durante séculos poluírem a atmosfera. Insensatamente, a nossa civilização tem desbaratado o capital terreno durante os últimos quarenta anos. Muitas espécies animais foram exterminadas com o sentido do lucro, muitas plantas desapareceram, os recursos minerais estão quase exaustos, a atmosfera está saturada de venenos. A humanidade vive com “dois corações” emaranhados em milhares de dependências. Esta divisão dos espíritos pode observar-se em toda a parte. Os homens de Estado que se consideram realistas acreditam que a existência de um poder militar exige paz se as suas nações quiserem ter um futuro. Os industrialistas ainda calculam em bases de material humano, rendimento produtivo e mercados. Os cientistas trabalham em seu benefício pessoal. “Se a humanidade não conseguir desenvolver um sistema universal viável do fragmentado mundo de hoje”, afirma o Clube de Roma, “todos os projetos dos próximos cinquenta anos são simplesmente de interesse acadêmico”.

A Crônica de Akakor nada sabe sobre a salvação da humanidade. Num círculo que se fecha em 1.981, a história do mundo atinge o seu fim com a “terceira Grande Catástrofe”. Esta anunciará uma nova era, em que homens, animais e plantas viverão juntos e tranquilamente, seguindo as leis da natureza, o legado dos Antigos Pais.

FIM

PRÓLOGO

Grande foi o conhecimento dos antigos Mestres;

Enorme foi sua sabedoria.

Sua visão alcançou as colinas, as planícies, os mares e os vales.

Foram criaturas milagrosas.

Conheciam o futuro.

A verdade lhes foi revelada.

Previdentes e sagazes foram criaturas com grande poder de decisão.

(A Crônica de Akakor)

Foi durante uma viagem pelo rio Purus (entre Amazonas e Acre) que conhecemos o velho Benson. Era o ano de 1993. Após algumas semanas em São Gabriel da Cachoeira (AM) voltamos a Manaus e tomamos um vapor com destino a Rio Branco de onde tentaríamos completar o roteiro rumo a Cuzco, no Peru. Neste percurso, durante oito dias no barco, conhecemos um velho índio chamado Antas, Benson Antas.

Puxamos papo e logo ele ficou à vontade. Perguntou-nos o que fazíamos em um lugar tão distante e nós contamos algumas histórias de viagens e expedições que, na verdade, estávamos começando, mas que muito nos fascinava. Foi então que ele nos revelou sua surpreendente biografia...

Benson nasceu em 1925 em algum lugar entre o Acre e o Peru e era filho do chefe Antham Lhasa ("capivara submersa") da dinastia dos ugha mongulala e descendentes diretos da civilização de Akakor (suposta cidade perdida do interior da Amazônia). Segundo Benson, ele próprio era ainda o guardião de alguns santuários perdidos em plena selva e na cordilheira onde nenhum homem branco jamais tinha voltado. Ele nos contou que

quando tinha 16 anos, seu povo encontrou submarinos alemães que patrulhavam o rio Amazonas e desde contato surgiu uma aliança, já que os ugha mongulala também estavam em guerra com uma tribo de nômades antropófagos que usavam cabelos longos e vermelhos. Um destacamento alemão ajudou-os a aniquilar o inimigo e o chefe Antham Lhasa determinou que seu filho fosse conhecer o chefe dos aliados. Assim, o pequeno Benson partiu para a Alemanha.

Mas lá chegando ele foi ignorado pelos soldados, que o deixaram no porto e partiram para outra missão. Por sorte, foi acolhido por um professor, o antropólogo e alpinista Wermer Fritsz. Por intermédio deste, Benson foi introduzido na cultura ocidental e nas expedições. Foi Fritsz quem lhe deu o primeiro nome, Benson (o sobrenome Antas vem do seu nome indígena Antham, ele só ganharia outro nome depois que se tornasse chefe). Benson, desde então, passou a acompanhar Wermer, como seu assistente, em expedições antropológicas e em escaladas pelo mundo.

Já em 1942, ambos fugiram para o exílio, dada as dificuldades na Alemanha nazista. Sob os auspícios do governo inglês empreenderam uma longa pesquisa na Índia e Paquistão. Em 1952 tentaram a ascensão ao monte K2, porém sem sucesso. Benson, anos depois, viria a ser o guia que levou a segunda expedição ao cume do Nanga Pabat (Índia - 8.126 m), em 1958. Até hoje, muitos poucos sabem disso. Ainda na década de 50 esteve na selva do Congo e norte da África e em diversas ilhas de posse britânica no Pacífico.

Em 1961 morre o Dr. Fritsz, durante uma tempestade no deserto de Gobi, da qual Benson por pouco escapa. Já há algum tempo Benson tentava voltar ao Brasil, mas como não tinha nacionalidade brasileira nem falava português encontrava sérias dificuldades. Mas com a morte de seu mestre, partiu decidido a reencontrar sua tribo.

Em 1962, chega clandestino atravessando a pé a fronteira com o Paraguai. Voltando a sua tribo, encontra-a desestruturada, após 20 anos da morte de seu pai e chefe Antham Lhasa. Reunindo-se com o antigo e senil pajé é nomeado chefe Antham Benson, mas encontra sérias dificuldades em governar. Passa então a percorrer, junto com uma pequena comitiva de sua antiga tribo, uma vasta área amazônica e andina em busca dos 13 templos perdidos de Akakor. Segundo as escrituras da "Crônica de Akakor", em seu

poder desde a morte do seu antigo guardião, o pajé. Benson nos mostrou os pergaminhos, todos com uma escrita para nós indecifráveis!

Ele nos garantiu que, graças a sua experiência, já tinha descoberto 8 dessas cidades, 5 subterrâneas aos pés dos Andes e 3 em plena floresta e ainda habitadas! Mesmo aos 68 anos de idade, o velho índio era incansável.

Apesar de toda nossa curiosidade e insistência, Benson não nos deu nenhuma pista de como chegar a qualquer um desses lugares, segundo ele, para o nosso próprio bem. Apenas soubemos que naquele tempo ele estava bem próximo de encontrar uma nona cidade, chamada Manoa, cujas ruínas eram antigos boatos entre os índios, mas que as escrituras indicavam estar nas proximidades do Rio Madre de Dios. De Boa Vista, os índios excursionistas iriam para aqueles lados. Benson não teve filhos e ele é o último homem que sabe interpretar aqueles escritos.

Em Boa Vista, participamos com os índios de uma pequena celebração de despedida. Foi naquele dia que Benson, em transe, nos olhou nos olhos e disse:

- Vão!!